

UFRRJ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO PARA MESTRADO

HITLER E O PARTIDO NAZISTA ATRAVÉS DA ÓTICA DOS IMPRESSOS  
CARIOCAS.  
UMA ANÁLISE DA IMAGEM DIVULGADA PELOS IMPRESSOS DO RIO DE  
JANEIRO SOBRE HITLER E O PARTIDO NAZISTA (1932 – 1936)

Elaine Cristina Souza Araujo

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HITLER E O PARTIDO NAZISTA ATRAVÉS DA ÓTICA DOS IMPRESSOS  
CARIOCAS.  
UMA ANÁLISE DA IMAGEM DIVULGADA PELOS IMPRESSOS DO RIO  
DE JANEIRO SOBRE HITLER E O PARTIDO NAZISTA (1932 – 1936)

ELAINE CRISTINA SOUZA ARAUJO

*Sob a Orientação do Professor*  
**Luis Edmundo de Souza Moraes**

Dissertação submetida como requisito  
para obtenção do grau de **Mestre em**  
**História**, no Curso de Pós-Graduação  
em História, Área de Concentração em  
Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ.  
Março de 2019.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A659  
H  
Araújo, Elaine Cristina Souza, 1987-  
HITLER E O PARTIDO NAZISTA ATRAVÉS DA ÉTICA DOS  
IMPRESSOS CARIOCAS. UMA ANÁLISE DA IMAGEM DIVULGADA  
PELOS IMPRESSOS DO RIO DE JANEIRO SOBRE HITLER E O  
PARTIDO NAZISTA (1932 - 1936) / Elaine Cristina Souza  
Araújo. - 2019.  
102 f.: il.

Orientador: Luis Edmundo de Souza Moraes.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Curso de Pós Graduação em História,  
2019.

1. Imprensa Carioca e nazismo. 2. Hitler e Partido  
Nazista. 3. Correio da Manhã. 4. Jornal do Brasil. 5.  
Diário de Notícias. I. Moraes, Luis Edmundo de Souza,  
0000-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, Curso de Pós Graduação em História III.  
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E  
DOUTORADO

**ELAINE CRISTINA SOUZA ARAUJO**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 18/03/2019

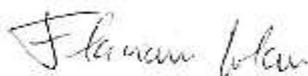
Banca Examinadora:



Professor(a) Doutor(a) LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES  
(Presidente e orientador)



Professor(a) Doutor(a) FÁBIO KOIFMAN - UFRRJ



Professor(a) Doutor (a) FLAVIANO BUGATTI ISOLANI - UFRJ

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me posto a andar em caminhos tortuosos e ter me feito chegar aqui, no lugar certo.

Aos meus pais pelo incentivo e força nos momentos em que pensei em desistir e pelas palavras de carinho.

Ao meu orientador Luís Edmundo de Souza Moraes pelo incentivo, correções e por acreditar em mim em momentos que eu não achava ser capaz.

A esta universidade pela oportunidade que me foi dada, aos professores e a todos do programa de pós-graduação pela atenção e paciência.

As minhas irmãs, Aline e Vanessa por entenderem as minhas ausências.

Ao meu companheiro de vida, namorado, noivo e marido, Rodrigo, por entender minhas ausências e minha irritabilidade.

As minhas amigas Joyce e Elisabete pela ajuda e correções nesta dissertação.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente me deram apoio e incentivo, o meu muito obrigada.

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001*

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001*

## RESUMO

ARAÚJO, Elaine Cristina Souza. **Hitler e o Partido Nazista através da ótica dos impressos cariocas. Uma análise da imagem divulgada pelos impressos do Rio de Janeiro sobre Hitler e o Partido Nazista (1932 – 1936)**. Seropédica, RJ. 2019. 102p Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

Este trabalho tem por objetivo analisar como jornais cariocas construíram a representação da ideologia nazista e a imagem de Hitler em momentos decisivos da escalada do partido nazista ao poder. Assim, será analisado cronologicamente, como a imprensa carioca recebe, interpreta e divulga a ideologia nazista e a imagem de Hitler, a partir de três jornais de grande circulação no Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias* no período que vai de início de 1932 e vai até o final do ano de 1936. Nesse espaço de tempo será dada ênfase aos eventos alemães que tiveram maior destaque na imprensa carioca, por isso, será observado com maior cuidado as eleições presidenciais alemãs ocorridas nos meses de março e abril de 1932, passando pela “Noite das Facas Longas” e a morte do presidente Alemão Hindenburg que aconteceram em 1934 e, passando também por março de 1936 quando a Alemanha resolve que não irá mais cumprir os tratados de Versalhes e Locarno, iniciando a remilitarização da Renânia, procurando compreender a imprensa e suas diferentes abordagens sobre a questão.

**Palavras-chave:** Imprensa, Hitler, Partido Nazista.

## **ABSTRACT**

ARAUJO, Elaine Cristina Souza. **Hitler and the Nazi Party through the optics of the Carioca press. An analysis of the image published by the Rio de Janeiro press about Hitler and the Nazi Party (1932 - 1936).** Seropédica, RJ. 2019. 102p Dissertation (Master in History) Institute of Human and Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

This paper aims to analyze how Carioca newspapers constructed the representation of Nazi ideology and the image of Hitler in decisive moments of the Nazi party's escalation to power. Thus, it will be analyzed chronologically, as the Rio press receives, interprets and divulges the Nazi ideology and the image of Hitler, from three newspapers of great circulation in Rio de Janeiro: Correio da Manhã, Jornal do Brasil and Diário de Notícias in the period which goes from the beginning of 1932 until the end of 1936. In that time, emphasis will be placed on the German events that have been more prominent in the Rio press, so the German presidential elections in the months of March and April 1932, through the "Night of the Long Knives" and the death of the German President Hindenburg that took place in 1934, and also passing through March 1936 when Germany decided that it would no longer comply with the treaties of Versailles and Locarno, the remilitarization of the Rhineland, trying to understand the press and its different approaches on the issue.

**Keywords:** Press, Hitler, Nazi Party.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: A IMPRENSA.....	14
1.1 A transformação da imprensa na Primeira República.....	14
1.2 A imprensa na década de 1930.....	15
1.3 História e perfil dos jornais analisados.....	17
1.3.1 Correio da Manhã.....	18
1.3.2 Jornal do Brasil.....	21
1.3.3 Diário de Notícias.....	23
CAPÍTULO II: A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS ALEMÃ DE 1932 .....	26
2.1 A República de Weimar e as eleições presidenciais de 1932.....	26
2.2 A imprensa e as eleições presidenciais de 1932 na Alemanha .....	28
2.2.1 O fenômeno Hitler.....	28
2.2.2 Os prognósticos e a avaliação do futuro alemão após o 1º turno.....	36
CAPÍTULO III: A IMPRENSA, “A NOITE DAS FACAS LONGAS” E A MORTE DE HINDENBURG.....	45
3.1 Ascensão de Hitler e a consolidação do seu poder.....	45
3.2 A imprensa e a "Noite das Facas Longas".....	48
3.3 A imprensa e a morte De Hindenburg.....	61
CAPÍTULO IV: A IMPRENSA E A REMILITARIZAÇÃO DA RENÂNIA.....	67
4.1 Tratado de Versalhes e Tratado de Locarno.....	67
4.2 Política externa e expansão do Reich.....	69
4.3 A imprensa e a remilitarização da Renânia.....	72
CONCLUSÃO.....	90
BIBLIOGRAFIA .....	96
FONTE CONSULTADA .....	99
ANEXO I.....	100
ANEXO II .....	101
ANEXO III .....	102

## Introdução

Os fenômenos Nazismo e Fascismo que surgiram na Europa no início da década de 1920 foram movimentos políticos e ideológicos que chegaram a diferentes partes do mundo de diferentes maneiras. E nesses lugares foram recebidos e divulgados de formas distintas. Estudos e pesquisas sobre como tal fenômeno foi recebido aqui no Brasil são escassos. Um desses raros trabalhos é um artigo denominado *O Brasil diante dos nazistas*, escrito por Maria Luiza Tucci Carneiro, onde a autora afirma que as ideias nazistas circulavam livremente no Brasil, não só durante o governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945), mas mesmo antes, onde o Brasil aceitava as ideias nazifascistas como algo moderno e até mesmo a imprensa brasileira via com simpatia essas ideias e passou a divulgar positivamente as propostas dessa ideologia que se espalhava pelo mundo.

Conforme Carneiro, as ideias de Hitler chegaram ao Brasil junto com imigrantes alemães a partir de 1929. Isso foi facilitado quando, após a nomeação de Hitler à chancelaria alemã e da reorganização do Partido Nazista, foi criado a “Auslandorganisation der NSDAP” – Organização do Partido Nacional – Socialista para o Exterior (A.O.) que tinha por objetivo integrar os alemães espalhados pelo mundo. Em seguida, em 1934, o NSDAP e “o governo alemão organizou um sistema de infiltração e de propaganda com os alemães radicados no estrangeiro.”<sup>1</sup> Foram criadas algumas instituições desse tipo em alguns estados com um número considerável de membros.

Ainda de acordo com Carneiro, outros indícios revelam que houve presença e atuação de nazistas no Brasil. Um exemplo são as escolas alemãs que ensinavam a língua alemã, através de hinos e poemas nazistas. Em São Paulo foi criado em 1932 o jornal “DeutscherMorgen” (Aurora Alemã) que passou a ser um veículo de propaganda nazista e depois de 1934 se tornou órgão oficial da NSDAP que “coordenava as atividades do Partido Nazista em todo o Brasil (NSDAP – LandesgruppeBrasilien)”. Além disso, Carneiro afirma ainda que a polícia brasileira não só permitia como também teria acobertado as ações dos nazistas. O governo de Vargas também oficializou a perseguição aos judeus, eles eram acusados de “estrangeiros”, subversivos, comunistas, sionistas e antifascistas<sup>2</sup>. “O governo

---

<sup>1</sup>CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Brasil diante dos nazistas**. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 8, n. ja 2013, p. 30-33, 2013, p. 1.

<sup>2</sup> Id.

Vargas não conseguia ocultar suas simpatias pelos paradigmas nazifascistas. Basta enumerar a presença efetiva de germanófilos e antisemitas no alto escalão do Estado Novo e na grande imprensa brasileira.”<sup>3</sup>. Em relação à imprensa, a autora destaca que “A imprensa brasileira cuidou de reportar, com alguma admiração, as conquistas de Mussolini a partir de 1922 e de Hitler a partir de 1933”<sup>4</sup>. Sendo assim, analisando jornais cariocas, tem-se a expectativa de verificar se e até que ponto se sustenta a ideia de que a Imprensa Brasileira, em uma visão geral, era simpática ao nazismo<sup>5</sup>.

Sendo assim, o objetivo dessa dissertação é analisar como a imagem de Hitler e do Partido Nazista era divulgada em três jornais cariocas: *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias*. Por isso, a análise será feita de forma cronológica, estudando os jornais em torno dos eventos alemães que mais tem destaque pela imprensa carioca, ao longo do período proposto que vai de 1932 a 1936. A escolha desse período justifica-se por acreditar que nele existam três fases distintas que se consideram significativas da política na Alemanha, da trajetória do Partido Nazista e da análise intelectual das edições dos periódicos selecionados. São elas: 1ª fase (1932) – antes de sua nomeação para o cargo de primeiro ministro (chanceler); 2ª fase (1933 e 1934) – o momento de consolidação do poder, nos eventos da morte do presidente Hindenburg e a “Noite das Facas Longas”; e a 3ª fase (1935 e 1936) – esse foi um dos períodos de maior projeção internacional do III Reich, por causa da decisão de Hitler de não mais obedecer aos Tratados de Versalhes e Locarno.

A escolha desses jornais se deu pelo motivo de, em um levantamento inicial realizado no site da Hemeroteca Digital Brasileira, terem sido os periódicos em que mais vezes aparecem as expressões “Hitler” e “Partido Nazista” no período analisado. O objetivo, ao pesquisar esses impressos, foi o de verificar como Hitler e o nazismo eram representados neles através dos discursos expostos nas notícias, artigos e notas desses jornais. Os três jornais em que os termos pesquisados apresentaram o maior número de ocorrências são o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil* e o *Diário de Notícias* e foram analisados integralmente, sendo consideradas todas as notas, artigos ou informações que tratam de Hitler ou do Partido Nazista. A análise foi feita na busca da forma como os jornais narravam os eventos e falavam das pessoas neles envolvidas, com a expectativa de verificar se existiam elementos que permitissem identificar algum tipo de padrão. Outros três jornais, que também apresentaram um elevado número de ocorrências dos termos pesquisados são *A Noite*, *Jornal*

---

<sup>3</sup>Ibid., 2013, p. 2.

<sup>4</sup>Ibid., 2013, p. 1.

<sup>5</sup> Id.

*do Commercio e Gazeta de Notícias* foram incorporados à análise para fins de comparação pontual com a expectativa de verificar se e em que medida as conclusões a que se chega são limitadas aos casos estudados ou podem ser generalizadas.

A análise de como Hitler e a NSDAP foram representados nesses jornais terá como base o conceito de representação construído por Roger Chartier. Neste sentido, o momento do crescimento da projeção da figura de Adolf Hitler, que se deu alguns anos antes de sua candidatura às eleições presidenciais de 1932 na Alemanha, o evento da *Noite das Facas Longas*, a Morte do presidente Hindenburg em 1934 e a reocupação e remilitarização da região da Renânia em 1936 serão os pontos de partida para tentarmos identificar como o nazismo e seu líder máximo foram, por meio de alguns jornais do Rio de Janeiro “construídos, pensados, dados a ler.”<sup>6</sup>. Ou seja, aqui nesta dissertação, a maneira como Hitler e a sua disputa pela presidência alemã foi descrita ou retratada pelos dois jornais cariocas, a sua decisão de eliminar inimigos ou suas atitudes diante da morte do presidente alemão e sua decisão de reocupar a Renânia serão analisadas com o intuito de verificar como essas atitudes foram recebidas pelos jornais, como foram avaliadas e como os redatores e jornalistas passaram essas informações, entendendo que seriam divulgadores de ideologias e influenciariam, em maior ou menor grau, o pensamento da sociedade. Dessa forma, a maneira como os jornais classificam o objeto é a demonstração de como esse grupo, que compõem tais jornais compreendem o mundo, qual é a sua percepção do real. Segundo Chartier, “São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.”<sup>7</sup>. Assim, a forma como a imagem de Hitler (representações) é construída e é publicada pelos jornais são sempre intencionadas. O interesse que os grupos desses jornais possuem e suas posições políticas e ideológicas são o que determinam essa imagem construída. E nessas atitudes estão sempre em disputa o poder e a dominação.

Desta maneira, conforme Chartier, a investigação das representações sociais supõe um primeiro movimento que é o de realizar o estudo das “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”. Isto se fundamenta pela ideia de que as percepções do social “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma

---

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL. Difusão Editorial, LTDA, 2002, p. 17.

<sup>7</sup> Id.

autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.<sup>8</sup>

As classificações e as lutas que as envolvem são os meios pelos quais os grupos sociais atribuem valor e dão sentido ao real e as lutas por afirmá-las socialmente são aquelas pelas quais eles buscam universalizar suas percepções particulares sobre o mundo social. Trazendo o conceito para esta dissertação, esse é o modo como os grupos que fazem parte da redação dos jornais constroem uma ideia, visão ou pensamento sobre Hitler e seu partido.<sup>9</sup>

Desta forma, esta dissertação será composta de quatro capítulos. O primeiro capítulo tratará de situar o leitor em que fase histórica o jornalismo brasileiro se encontrava no período analisado, as transformações que sofreu e fez a imprensa ser o que foi na década de 1930, além de expor a história e o perfil dos três jornais que serão analisados.

O segundo capítulo tratará da análise da imagem de Hitler e do Partido Nazista em torno da eleição presidencial na Alemanha ocorrida nos meses de março (1º turno) e abril (2º turno) de 1932, tendo sido o segundo turno disputado por Hitler e Hindenburg, este, candidato a reeleição e presidente da Alemanha em 30 de janeiro de 1933, quando Hitler foi nomeado chanceler. A pesquisa foi feita da seguinte forma: em relação ao primeiro turno, que aconteceu em 13/03/1932, foi considerada a quinzena que se inicia na semana anterior (06/03/1932 a 12/03/1932) e termina na semana seguinte à eleição (14/03/1932 a 20/03/1932). Quanto ao segundo turno, que aconteceu em 10/04/1932, foi feito o mesmo procedimento, analisando os jornais do dia 03/04/1932 ao dia 17/04/1932.

No terceiro capítulo será apresentado como foi divulgada a imagem de Hitler e do Partido Nazista de fevereiro de 1933 até o final de 1934, dando ênfase a semana em que aconteceu o episódio conhecido como a “Noite das Facas Longas” em 30/06/1934, quando Hitler mandou eliminar todas as pessoas que representavam ameaça ao seu governo, principalmente os que faziam parte de sua tropa de assalto, a S.A. e a morte do presidente Hindenburg onde Hitler se aproveita da situação e extingue o cargo de presidente, oficializado

---

<sup>8</sup> Id.

<sup>9</sup> Quanto às outras duas relações, que não serão perseguidas neste trabalho, em segundo lugar, está a prática que é a forma como as classificações são postas a ver e faz com que o outro reconheça a maneira de se ver o grupo e regulamenta uma posição ou *status* desse mesmo grupo. As práticas são a materialização das ideias, como as pessoas agem, como essa forma de percepção dos grupos os faz tomar uma ou outra atitude baseada naquela ideia que se tem. Isto é, as ideias que as pessoas tinham de Hitler ou do nazismo direcionavam o seu modo de se comportar no mundo em que viviam. O terceiro tipo de relação são as Instituições. E a concretização de suas formas de agir está posta nas instituições. Essas são uma forma de legitimar a forma de agir desses grupos. Ou seja, a institucionalização das ideias. São através delas que as classificações são reconhecidas ou legitimadas. Ibid., 2002, p. 23.

o cargo de chanceler como único na chefia da Alemanha. A partir desse momento passou a haver múltiplas interpretações do fenômeno nazista, inclusive dentro de um mesmo jornal, entre os jornais e que em alguns casos a posição de um determinado jornal era oposta ao primeiro período analisado.

No quarto capítulo será apresentado como Hitler e seu partido são descritos nos jornais durante os anos de 1935 e 1936, observando com maior atenção a semana em que Hitler avisa aos países signatários dos Tratados de Locarno e Versalhes que não mais irá cumprir suas cláusulas e logo em seguida ordena a remilitarização da Renânia, episódio ocorrido no dia 07/03/1936.

Assim, este trabalho servirá para mostrar que a imagem de Hitler e do Partido Nazista muda conforme se desenrolam os acontecimentos. No primeiro momento, as notícias e informações presentes jornais convergiram em uma mesma direção e as imagens de Hitler e do Partido Nazista são postas de maneira muito parecidas. No segundo momento, será demonstrado que as posições dos impressos e a exposição da imagem de Hitler e da NSDAP já não eram mais tão consolidadas como no período anterior e passam a ser múltiplas. No terceiro momento, servirá para confirmar o que foi demonstrado no segundo momento, que a partir de janeiro de 1933 as opiniões sobre Hitler e o Partido Nazista mudam e se tornam diversas. Nesse momento, não há mais uma característica única dos jornais.

# CAPÍTULO I: A IMPRENSA

Neste capítulo será exposto como a imprensa brasileira e, principalmente a carioca, se encontrava historicamente na década de 1930, apresentando também a história dos jornais aqui analisados.

## 1.1 A transformação da imprensa na Primeira República

A partir da Primeira República a imprensa sofreu uma mudança sem volta. Foi nesse momento que aconteceu uma das principais mudanças trazidas pelas inovações tecnológicas que transformaram a produção dos jornais que no período imperial eram artesanais em uma produção industrial também caracterizado pela divisão e especialização do trabalho.

Máquinas modernas de composição mecânica, clichês em zinco, rotativas cada vez mais velozes, enfim um equipamento que exigia considerável inversão de capital e alterava o processo de compor e reproduzir textos e imagens passou a ser utilizado pelos diários de algumas das principais capitais brasileiras.<sup>10</sup>

A aquisição dessas novas máquinas permitiu que houvesse uma novidade na ilustração dos impressos. Surgiram charges, caricaturas e fotografias, aumentou a tiragem, melhorou a impressão e barateou os preços dos jornais. Segundo Maria de Lourdes Eleutério, além dessa nova característica outras duas possibilitaram a formação do tripé que sustentaria a imprensa no Brasil. Esse tripé era expresso pela “[...] evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização, os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel”<sup>11</sup>. Outras inovações tecnológicas também foram importantes na transformação da imprensa artesanal para a imprensa industrial: os telefones e telégrafos. Eles foram de extrema importância no sentido de fazerem as informações chegarem com maior rapidez às redações. Essa nova tecnologia permitiu também que correspondentes fossem enviados a quase todas as partes do mundo e que agências de notícias internacionais fossem contratadas por jornais brasileiros.

No entanto, a imprensa desse período não viveu somente de desenvolvimento. Viveu também momentos de repressão, ao contrário do que acontecia no período imperial, segundo

---

<sup>10</sup> LUCA, Tania Regina de. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149.

<sup>11</sup>ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Imprensa a serviço do progresso**. In. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83 e 84.

Eleutério. Repressão essa que perdurou também por toda década de 1930 no governo de Getúlio Vargas. Os jornais que mais sofreram foram os que faziam críticas ao regime republicano. Algumas leis e decretos foram criados na tentativa de legalizar as arbitrariedades que eram cometidas contra a liberdade de expressão. O primeiro desses decretos foi instituído em 23 de dezembro de 1889 que dizia em seu 1º artigo:

Os indivíduos que conspirarem contra a República e o seu governo: que aconselharem ou promoverem, por “palavras, escritos ou atos”, a revolta civil ou a indisciplina militar [...] serão julgados militarmente por uma comissão militar nomeada pelo Ministro da Guerra, e punidos com as penas militares de sedição.<sup>12</sup>

No decorrer de diversos estados de sítios que aconteceram durante a Primeira República, muitos jornais foram constantemente censurados e novas leis e decretos foram constituídos para evitar críticas ao governo. Em 19 de julho de 1922 no governo de Artur Bernardes foi aprovada a “Lei da Imprensa” cuja autoria foi de Adolfo Gordo, senador de São Paulo e versava sobre o que era considerado crime de imprensa, incluindo nesses crimes qualquer coisa que ofendesse o presidente da República.

Mas, a imprensa também viveu fases de relacionamento bastante saudável com os governos cujos interesses coadunavam com os dirigentes de alguns jornais. Essa também foi uma característica que sobreviveu no governo de Getúlio Vargas na década de 1930. Um exemplo que pode ser citado é o do governo de Campos Sales que por meios inescrupulosos conseguiu que alguns jornais fizessem propaganda de seu governo. Fato assumido pelo próprio quando confirmou que possuía uma verba “secreta” para a compra das opiniões desses jornais e dos jornalistas<sup>13</sup>.

## 1.2 A imprensa na década de 1930

E desta forma, a imprensa chegou aos anos de 1930. No entanto, as mudanças continuaram a acontecer. Nas palavras de Tania Regina de Luca, os jornais passaram a ser um “negócio”<sup>14</sup> fazendo com que fosse necessário pensar em formas de aumentar as edições, baixar os preços e transformar o jornal que passou a ser uma mercadoria em algo mais atraente visivelmente. Com esses progressos era preciso ter especialistas dentro das redações e

---

<sup>12</sup>Citado em ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Imprensa a serviço do progresso**. In. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 85.

<sup>13</sup>Ibid, 2008, p. 86.

<sup>14</sup> LUCA, Tania Regina de. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 150.

a divisão do trabalho cresceu, por isso, que as várias funções que antes era responsabilidade de apenas um único indivíduo, geralmente o dono do jornal, foi sendo distribuídas entre diferentes pessoas, apareciam assim, os redatores, gerentes, editores e impressores.<sup>15</sup>

Uma característica desse tempo também favoreceu o impulso da circulação das informações. Segundo Tania Regina de Luca, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo viviam um período de intensa urbanização. Juntamente com o fim da escravidão e a instalação do regime republicano, como já foi dito, com o intento de espalhar o ensino e a alfabetização, extensão de ferrovias, o início da industrialização e a chegada de imigrantes favoreceram esse impulso<sup>16</sup>. Tentando responder essa vida mais corrida dos centros urbanos, as informações precisavam circular mais rapidamente, alguns jornais eram editados várias vezes ao dia e eram colocados a venda na mesma frequência. Essa circulação fez surgir um novo tipo de busca por outros recursos para os próprios jornais, a publicidade. Os anúncios passaram a aparecer nas folhas, fazendo surgir também agências especializadas em propaganda e publicidade<sup>17</sup>.

Como consequência da especialização no interior das redações também surgiram novidades nos conteúdos dos jornais. Além dos debates sobre política, assunto largamente debatido no período imperial, os impressos foram divididos em seções com diferentes conteúdos, como os de esportes, de lazer, conteúdos sobre cultura, assuntos policiais e internacionais, “assunto feminino” e passaram a ser publicados também “notas, reportagens, entrevistas, crônicas” e ficção<sup>18</sup>.

Outro atributo desse momento de mudança nos impressos brasileiros foi o de acreditar que o que se deveria escrever nos jornais eram apenas informações e não mais seus pontos de vista sobre determinado assunto, principalmente no que diz respeito à política. Esse entendimento foi corroborado pelas agências de notícias internacionais que começaram a aparecer aqui no Brasil no início dos anos de 1900. As principais delas foram *Havas*, *Reuters*, *Associated Press* e *United Press Association*. A mudança estava na ideia de que os jornais deviam simplesmente informar com rigor e publicar somente a verdade dos fatos<sup>19</sup>. No entanto, se faz necessário destacar que ao escrever a menor nota de qualquer jornal, quem a escreveu impregnou ali suas ideologias e ideias e seu modo de entender o mundo. Por isso, como disse Tania Regina de Luca, os jornais se constituíam “em espaço de luta simbólica, por

---

<sup>15</sup> Id.

<sup>16</sup> Id.

<sup>17</sup> Ibid, 2008, p. 151.

<sup>18</sup> Ibid, 2008, p. 152.

<sup>19</sup> Ibid, 2008, p. 153.

meio do qual, diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo”, haja vista que no início do século XX surgiram inúmeros diários que em muitos casos desapareciam na mesma velocidade em que surgiram. Os motivos para isso eram os mais variados como disputas políticas locais, eleições e interesses políticos<sup>20</sup>.

Outra característica que marca a imprensa dessa época é a ambiguidade. Segundo Marinalva Barbosa, embora tenha sido um período de grande censura, principalmente depois de 1937 e com a criação da DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1939 e alguns periódicos tenham sofrido perseguições e empastelamentos, outros se aproximaram do governo através de “acordos e relações conjuntas entre homens do governo e os homens da imprensa” mais “do que divergências”<sup>21</sup>. Nesses anos governados por Getúlio Vargas haviam novas e “complexas relações de poder” entre o governo e a imprensa, envolvendo a população (público) onde a ideia de construção de uma nação, objetivo principal do governo de Vargas, deveria ser de alguma forma disseminada pelo grupo dominante (políticos e intelectuais) e a imprensa fazia bem esse bem esse papel<sup>22</sup>.

### 1.3 História e perfil dos jornais analisados

Os três principais jornais do Rio de Janeiro, aqui analisados – *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias* – têm em comum serem matutinos e diários. Além disso, quando foram fundados, tinham por objetivo serem oposição ao governo vigente. O *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias* faziam forte oposição ao presidente da República, cada um em sua época, e o *Jornal do Brasil* era oposição não somente ao presidente, mas também a forma de governo sendo a favor da volta da monarquia. No entanto, após sofrer represálias por sua crítica à República e ser vendido mais de uma vez, mudou sua visão política, passando a apoiar a República<sup>23</sup>.

Um aspecto em comum entre o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*, mas que difere do *Jornal do Brasil* pode ser percebido ao avaliar o início da década de 1930. Os dois primeiros apoiaram o movimento da Aliança Liberal que tinha Getúlio Vargas como

---

<sup>20</sup>Ibid, 2008, p. 158.

<sup>21</sup> BARBOSA, Marinalva. *Imprensa e Estado Novo: O público como “massa” (1930 – 1949)*. In. BARBOSA, Marinalva. *História Cultural da Imprensa*. Brasil – 1900 – 2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 103.

<sup>22</sup>Ibid, 2007 p. 103 e 104.

<sup>23</sup> MONTAVÃO, Sérgio. *Jornal do Brasil*. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/JORNAL%20DO%20BRASIL.pdf> Acesso em 15/01/2017, pág. 4.

candidato à presidência e fazia oposição ao candidato do então presidente Washington Luís. Enquanto que o *Jornal do Brasil* criticava a Aliança Liberal e seu candidato Getúlio Vargas, embora fizesse uma oposição moderada. No entanto, a partir da “Revolução de 1930”, após Vargas assumir a presidência e não ter convocado a constituinte, o *Diário de Notícias* e o *Correio da Manhã* passaram a criticá-lo e apoiaram a Revolução Constitucionalista em 1932. Quanto ao *Jornal do Brasil*, ficou fechado e sem circular durante quatro meses por causa de sua oposição ao novo governo. Depois que voltou a circular, a oposição do jornal em relação ao novo governo volta a ser demonstrada somente em 1932 com a Revolução Constitucionalista. A oposição a Vargas a partir daí continuava a ser evidenciada nas páginas dos três jornais, mas no *Jornal do Brasil* as críticas continuavam brandas. Em relação aos movimentos de oposição que surgiram durante a década de 1930, ANL – Aliança Nacional Libertadora – e a AIB – Ação Integralista Brasileira – o *Jornal do Brasil* e o *Diário de Notícias* fizeram oposição, quanto ao *Correio da Manhã*, se limitou a fazer sátiras do movimento integralista, ignorando sua existência<sup>24</sup>.

Os três jornais utilizavam as mesmas agências de notícias. No início do século XX, as agências surgiram no momento em que a imprensa passava pela industrialização e se transformava em empresa com o objetivo de lucrar. Nesse sentido, as agências eram empresas que vendiam notícia à imprensa em geral. Isso não significa que essas informações eram ausentes de posições políticas ou ideológicas, ao contrário, eram impregnadas delas. As agências de notícias que aparecem no decorrer desse capítulo nos trechos das reportagens, apesar de serem distintas entre os jornais, são utilizadas por todos os jornais não só nas notícias sobre Hitler e o Partido Nazista, mas também em outras notícias, principalmente as internacionais. São elas *Associated Press*<sup>25</sup> (A. P.), *United Press*<sup>26</sup> (U. P.) e *Havas*<sup>27</sup> (H.). As duas primeiras americanas e a terceira francesa. A U. T. B. era um serviço telegráfico utilizado pela A. P.

### 1.3.1 Correio da Manhã

---

<sup>24</sup> LEAL, Carlos Eduardo. **Correio da Manhã**. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Acesso em dezembro de 2013, pag. 9.

<sup>25</sup> Foi fundada em 1848 nos Estados Unidos por alguns jornais, entre eles: *Herald Sun*, *The Express* e *The New York Times*.

<sup>26</sup> Foi fundada em 1882 nos Estados Unidos.

<sup>27</sup> Foi fundada em 1832 por Charles-Louis em Paris na França.

No Brasil, os jornais noticiavam os acontecimentos que tinham lugar na Alemanha. O *Correio da Manhã* foi um jornal carioca, diário e matutino que funcionou de 15 de junho de 1901 a 8 de julho de 1974. Foi fundado por Edmundo Bittencourt, com a intenção de ser o oposto do que a imprensa carioca era na época,

O *Correio* surgia num momento em que o jornalismo carioca era acusado de estar, quase todo, a serviço do governo, sem independência e sem voz. Frequentes denúncias de suborno, além de uma subvenção regular, paga com dinheiro público, afetavam e comprometiam grandes jornais<sup>28</sup>.

Nesse momento o Brasil era governado por Campos Salles e a oposição que o jornal fazia era demonstrada nas páginas da folha. Antes da criação do jornal, Edmundo Bittencourt já era experiente na carreira jornalística que foi iniciada em Porto Alegre onde era colaborador do jornal *A Reforma* cujo proprietário era o Conselheiro Gaspar Silveira Martins<sup>29</sup>.

No Rio de Janeiro, trabalhou no jornal *A Imprensa*<sup>30</sup>, ocupando o cargo de secretário e chegou a publicar alguns artigos no jornal<sup>31</sup>. Quando fundou o *Correio da Manhã*, Bittencourt tinha intenção de que a folha fosse distinta de todas as outras que já existiam. E para que se tivesse a certeza que não haveria vínculo com o governo e nem com nenhum partido político, seu primeiro editorial dizia que,

Nella vão colaborar, formando-lhe o pensamento, os homens mais ilustres, os espíritos de mais aprimorada cultura, de que se pode hoje orgulhar este país; entretanto, pelo temperamento, pelas ideas politicas, pelos attritos da vida, há entre esses homens as mais profundas e irreconciliaveisdivergencias. Vão escrever neste jornal, com a responsabilidade de seus nomes, desde juriconsulto ao alto funcionário de vida inteiramente alheia as lutas partidárias; do monarchista de antiga fé inquebrantável até o republicano mais intransigente e apaixonado, e, ao lado deles, o fino e puro artista, em cuja alma translucida e formosa há pela política, sobretudo a mais entranhada e persistente aversão<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup>RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Correio da Manhã: Compromisso com a verdade**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2001, (Cadernos da Comunicação. Série Memória, v. 1). Disponível em [http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos\\_comunicacao/memoria/memorial.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memorial.pdf) Acesso em dezembro de 2013, p. 13.

<sup>29</sup> Gaspar Silveira Martins nasceu em 1835. Político liberal e antirrepublicano combateu governos conservadores. Ocupou os cargos de deputado geral pelo Rio Grande do Sul em 1872, foi Ministro da Fazenda em 1878 e Senador em 1880. Disponível em [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_gaspar\\_silveira\\_martins.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_gaspar_silveira_martins.htm) Acesso em março de 2019.

<sup>30</sup> *A Imprensa* foi um jornal diário e carioca foi inaugurado em 5 de outubro de 1898 por Carlos Viana Bandeira e fechou as portas em março de 1901.

<sup>31</sup> GARZONI, Leric de Castro. **Disputas políticas e disputas por leitores: a criação do Correio da Manhã (1898-1901)**. In: Topoi, v. 12, p. 159.

<sup>32</sup> *Correio da Manhã*, 25/06/1901, 00001, p. 1.

E assim, as colunas de honra do jornal foram escritas por distintos colaboradores, entre eles o conde de Afonso Pena que era monarquista, Medeiros e Albuquerque que era florianista, Carlos de Laet, José Veríssimo, Alberto de Oliveira, Leão Veloso, Coelho Neto, Evaristo de Moraes e Artur Azevedo. Além de ter revisores e redatores como Costa Rego (1912 – 1930), Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Holanda (anos 1940), Antônio Callado e Álvaro Lins (1940 – 1956) que fizeram o *Correio* ser conhecido como um dos jornais mais bem escritos na época<sup>33</sup>.

Outra característica importante do matutino era a constante preocupação em aumentar a quantidade de leitores do jornal. O objetivo era o aumento do lucro porque nessa época os jornais já eram empresas capitalistas. Sendo assim, o *Correio da Manhã* avançou em duas frentes. Em primeiro lugar, a linguagem utilizada nos textos que compunham o jornal era menos rebuscada e baseada no estilo das notícias policiais, repletos de detalhe e emoção. Os artigos eram “Recheados de denúncias, ofensas, descrições de cenas e críticas às autoridades, esses textos poderiam ser lidos – e facilmente compreendidos pelos mais variados leitores<sup>34</sup>.” Em segundo lugar, o jornal foi organizado de forma que abrigasse colunas de interesse dos diferentes grupos de leitores.

O *Correio da Manhã* apresentava uma coluna dedicada a “classe acadêmica” e outra “para falar de coisas militares e fazer ecoar as vozes dos quartéis”. Na seção “Vida Operária”, era possível a publicação de cartas enviadas por leitores que se identificavam como a “classe operária”<sup>35</sup>.

Até a década de 1930, o jornal deixou de circular uma vez por ordem do então presidente do Brasil Arthur Bernardes, no período de agosto de 1924 a maio de 1925, sob acusação de imprimir um folheto clandestino chamado “Cinco de Julho” que apoiava o movimento tenentista. Quando o jornal foi reaberto, em 1925, o senador Moniz Sodré assumiu a direção porque Edmundo Bittencourt e seu filho Paulo Bittencourt, estavam presos.

---

<sup>33</sup> RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Correio da Manhã: Compromisso com a verdade**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2001, (Cadernos da Comunicação. Série Memória, v. 1). Disponível em [http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos\\_comunicacao/memoria/memoria1.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memoria1.pdf) Acesso em dezembro de 2013, p. 21.

<sup>34</sup>GARZONI, Leric de Castro. **Disputas políticas e disputas por leitores: a criação do Correio da Manhã (1898-1901)**. In: Topoi, v. 12, p. 172.

<sup>35</sup> Id.

Em 17 de março de 1929, Paulo assumiu a direção do jornal, após seu pai lhe dar a propriedade do periódico<sup>36</sup>.

No início da década de 1930, o *Correio da Manhã* defendia abertamente a Aliança Liberal e a candidatura de Getúlio Vargas. Durante os movimentos da “Revolução de 1930”, o jornal fez a cobertura dos acontecimentos e após Getúlio Vargas assumir o Governo Provisório não deixou clara sua posição. No entanto, em 1932 apoiaram as manifestações que eram contra as decisões do Governo Provisório e apoiaram o movimento a favor da constitucionalização que estava em marcha na cidade de São Paulo<sup>37</sup>.

No período analisado nesta pesquisa o *Correio da Manhã* se apresentava com 12 a 14 páginas entre terça-feira e sábado, aos domingos entre 22 a 24 páginas e as segundas-feiras não havia edição. O diretor era M. Paulo Filho e o gerente, Luis Ayres. O preço do jornal era 300 réis nos dias úteis, aos domingos era de 400 réis e as edições atrasadas custavam 500 réis. O matutino era diversificado, apresentando seções bem demarcadas com a primeira página composta, geralmente, de notícias de políticas internacionais telegrafadas pela U.T.B. combinada com a agência de notícias *Associated Press* (A. P.)<sup>38</sup>.

### 1.3.2 Jornal do Brasil

O segundo jornal analisado foi o *Jornal do Brasil*. Assim como o *Correio da Manhã* ele também é um jornal carioca, diário e matutino, foi fundado por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco em 9 de abril de 1891. A folha existe ainda hoje, no entanto, a edição impressa não circulou do período de julho de 2010 a 1º de setembro do mesmo ano tendo sido editado somente na versão online até fevereiro de 2018 quando voltou a circular em papel. O motivo para tal foi a grave crise financeira que o impossibilitou de circular em papel. Sua fundação foi motivada pela insatisfação de um grupo de pessoas com a situação política pela qual a recém-república passava, saudosos do regime monárquico fundaram um jornal

---

<sup>36</sup> RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Correio da Manhã: Compromisso com a verdade**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2001, (Cadernos da Comunicação. Série Memória, v. 1), p. 29 e 30.

<sup>37</sup> LEAL, Carlos Eduardo. **Correio da Manhã**. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> p. 7 e 8.

<sup>38</sup> O *Correio da Manhã* iniciou o processo de seu fechamento em 1964 quando, ao se opor ao governo de João Goulart, apoiou o golpe militar que ocorreu em 31 de março deste mesmo ano. Com a consequente censura à imprensa e a imposição do Ato Institucional nº 5 de dezembro de 1968, o jornal foi afetado. Em alguns momentos foi obrigado a deixar de circular, algumas agências jornalísticas, entre elas o próprio *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, foram invadidas, depredadas e seus diretores e jornalistas foram presos. Diante das circunstâncias, jornal passou a sofrer grave crise financeira e em 8 de junho de 1974 deixou de circular.

monarquista. Prova disto, é que na data de sua inauguração comemorava-se o 60º aniversário de *Te Deum* que lembrava a ascensão de Dom Pedro II ao trono<sup>39</sup>.

No início de sua existência ocupava o lugar de uma oposição moderada ao governo republicano e,

Tinha Henrique de Villeneuve como gerente, Sancho de Barros Pimentel como chefe da redação e uma equipe redatora composta por Gusmão Lobo, Souza Ferreira, Sandro Constâncio Alves, Aristides Espínola e Antônio de Souza Pinto, além de Souza Dantas. Joaquim Nabuco só assumiu seu posto na chefia da redação em junho de 1891, algo que, por seus editoriais com críticas mais pesadas ao novo governo republicano, criticando sobretudo os adesistas ao regime, tornou o JB mais aguerrido<sup>40</sup>.

O jornal sofreu invasões e depredações ainda em 1891 por conta de uma linha editorial escrita por Joaquim Nabuco e que critica os republicanos. Depois disso foi fechado. No ano seguinte voltou a circular sob nova direção. Após vendas e revendas por causa das dificuldades financeiras, a partir de 15 de novembro de 1894 passou a circular sob a administração da companhia “Mendes & Cia” que havia comprado o *Jornal do Brasil*. A partir de então, iniciou uma nova fase, além de romper com a antiga visão política, apoiando o governo, passou a ser um jornal mais popular,

Com o mote do “interesse das massas”, abandonavam-se os enérgicos debates políticos, focando-se crônicas policiais, atividades carnavalescas, informes sobre jogo do bicho, noticiários sobre o subúrbio carioca, denúncias de condições de vida de populações empobrecidas, etc., com maior incidência de ilustrações e caricaturas. A defesa dos “pobres e oprimidos”, no entanto, não fazia com que o jornal defendesse qualquer mobilização popular que ameaçasse o governo e a ordem constituídos (a Revolta da Chibata de novembro de 1910, por exemplo, foi repudiada)<sup>41</sup>.

A partir dessa nova fase também a data de aniversário do jornal mudou e a contagem das edições foi reiniciada.

Mesmo com o sucesso de vendas do jornal, tendo edições vespertinas, tiragens com 50 mil exemplares por dia e circulação fora do Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* passava por dificuldades financeiras e a partir da década de 1900 mudou sua diagramação e passou a

---

<sup>39</sup> BRASIL, BRUNO. *Jornal do Brasil*. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil> Acesso em 22/01/2017, p. 1.

<sup>40</sup> Id., p. 2.

<sup>41</sup> Id., p. 3.

circular com a primeira página repleta de anúncios de classificados. Além disso, para chamar atenção dos leitores, passou a publicar mais informações relacionadas a “casos de polícia, campanhas populares e humor crítico moderado com foco no governo e nos costumes, com algum sensacionalismo”, o diário chegou a ser apelidado de “O Popularíssimo<sup>42</sup>”. Deixou de ser opinativo para ser informativo.

Na década de 1930, o diário mantinha uma opinião discreta em relação ao governo Vargas por conta da represália que sofreu após a “Revolução de 1930”, tendo sido obrigado a fechar por um período de quatro meses, por causa das críticas feitas a Aliança Liberal e ao então candidato Getúlio Vargas. No entanto, apoiou a Revolução Constitucionalista em São Paulo, ocorrida em 1932. Sendo discreto em suas opiniões nos anos seguintes passou a ser quase que inteiramente de anúncios recebendo o apelido de “o jornal das cozinheiras” por causa dos anúncios de serviços domésticos<sup>43</sup>.

No período de análise dessa pesquisa o jornal circulava com 40 páginas mais suplemento aos domingos, de terça-feira a sábado entre 28 e 38 páginas, nas segundas-feiras não havia edição. Era uma sociedade anônima, tendo como diretor-presidente, João Luís dos Santos; diretor-tesoureiro, Dr. A. C. da Rocha Fragoso e redator-principal, Dr. Barbosa Lima Sobrinho, sendo vendido a 400 réis aos domingos e as edições atrasadas e a 300 réis nos dias úteis. Como já foi dito, as quatro primeiras páginas eram de classificados, principalmente aluguéis de imóveis. As notícias sobre Hitler e o Partido Nazista encontram-se em sua maioria na página 9 onde estão disponíveis as notícias sobre política internacional sob o serviço telegráfico do *Jornal do Brasil*. Quase todas as notícias são trazidas pelas agências de notícia, *United Press* (U. P.) e *Havas* (H.) de diferentes partes do mundo.

### 1.3.3 Diário de Notícias

O *Diário de Notícias* era um jornal carioca, diário e matutino. Foi fundado por Orlando Ribeiro Dantas<sup>44</sup> e mais dois acionistas: Diniz Júnior e Figueira Pimentel. Sua

---

<sup>42</sup> Id., p. 4.

<sup>43</sup> Id., p. 5.

<sup>44</sup> Orlando Dantas nasceu no Rio Grande do Norte e adolescente foi morar em Recife com a família. Lá fundou o jornal *Diretório Comercial Brasileiro*. Quando veio para o Rio de Janeiro em 1922 a *Revista Comercial e Industrial*. Alguns anos depois aceitou o convite para dirigir o setor de publicidade de *O Jornal dos Diários Associados*. Fundou também o Diário de São Paulo com Rubens Amaral e Oswaldo Chateaubriand. Ver – Rio de Janeiro (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. Diário de Notícias: a luta por um país soberano. Cadernos da Comunicação. Série Memória. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: A Secretaria, 2006, pág. 15. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101423/memoria15.pdf> Acesso em janeiro de 2018.

inauguração foi em 12 de junho de 1930 e funcionou até 1976. Em seu editorial de inauguração já demonstrou qual seria sua posição política: ser oposição ao governo de Washington Luís e ao seu candidato a presidência do Brasil e a favor Aliança Liberal que tinha como candidato Getúlio Vargas.

Surge o Diário de Notícias, num momento que bem se poderia chamar de convalescença da alma nacional. Sacudida, ainda no primeiro período deste ano, pela campanha presidencial mais alentadora de quantas já se feriram, no cenário político do Brasil (...)

O Diário de Notícias, livre de qualquer, compromisso político, e sem dependências financeiras que lhe tolham a atuação em prol da coletividade, não pode ocultar, no entanto, que o programa de combate às candidaturas oficiais, no recente pleito presidencial, transformada pela fraude e a compreensão, em mais uma triste paródia da democracia, refletiu fielmente as aspirações e verdadeiramente correspondeu aos altos interesses brasileiros<sup>45</sup>.

Foi apelidado de o “Jornal da Revolução” porque surgiu em meio a uma crise política brasileira que culminou com a “Revolução de 1930” que foi apoiada pelo jornal. A folha fazia forte oposição ao então presidente do Brasil, Washington Luís e ao seu candidato eleito em 1º de março Júlio Prestes. Apoiava a Aliança Liberal que tinha tido como candidato na eleição Getúlio Vargas e que propunha o voto secreto, voto feminino, jornada de 8 horas de trabalho, entre outras propostas que seriam benéficas ao ideal liberal do jornal. Em outubro de 1930, Vargas e seus partidários organizaram um golpe que depôs Washington Luís e impediu que o presidente eleito assumisse seu posto.

Após o golpe de 1930, a folha continuou a apoiar Vargas, no entanto, com o passar dos dias, a principal reivindicação do *Diário de Notícias*, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, não aconteceu e o jornal passou a se opor ao governo. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, sofreu represálias por parte do governo e quando a Assembleia foi convocada publicou uma nota na primeira página do jornal saudando a Constituinte<sup>46</sup>.

Nas campanhas para as eleições presidenciais seguintes, 1934 e 1938, o *Diário de Notícias* continuou a ser opositor de Vargas. A segunda eleição não aconteceu, pois em 1937 foi decretado o Estado Novo. A partir de então, com o governo limitando a liberdade de expressão, toda a imprensa sofreu sanções e a censura foi utilizada com muita veemência após a criação da DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – esse órgão vigiava de perto tudo que seria publicado nos jornais. O *Diário de Notícias* foi obrigado a somente divulgar os

---

<sup>45</sup> Id., p. 9.

<sup>46</sup> Id., p. 21.

discursos de Getúlio Vargas e trechos da Constituição. Nesse momento Orlando Dantas foi preso como advertência. O jornal passou a ter dificuldades financeiras, recebendo diversas ofertas para vender o jornal, mas Dantas recusou todas elas<sup>47</sup>.

No período das eleições presidenciais na Alemanha, o *Diário de Notícias* tinha Orlando Dantas ocupando o cargo de diretor e presidente da folha, além de Nobrega da Cunha como diretor, Manoel Magalhães Machado como tesoureiro e Aurélio Silva como secretário. Era composto de 12 a 18 páginas de terça-feira a domingo e de 6 páginas na segunda-feira, publicou quase que diariamente informações sobre o acontecimento na Alemanha, sempre vindo de agências de notícias como a U. P. e A. B.

---

<sup>47</sup> Segundo Marieta de Moraes Ferreira, após o golpe militar em 1964, o *Diário de Notícias* passa a apoiar os militares. Ao perceber que suas reivindicações não são atendidas se transforma em opositor do regime e por conta disso, a crise financeira se instala fortemente no jornal. Após vários boatos de venda, em 1974, o jornal é vendido para Olímpio Campos e deixa de circular. Em novembro de 1976 foi decretada a falência do jornal. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Diário de Notícias (Rio de Janeiro)**. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro> p. 8.

## **CAPÍTULO II: A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS ALEMÃ DE 1932**

### **2.1 A República de Weimar e as eleições presidenciais de 1932.**

Ao final da I Guerra Mundial, é assinado o Tratado de Versalhes que punha fim à guerra e determinava que a Alemanha fosse culpada pelo conflito e responsável por pagar reparações às potências vencedoras. O governo eleito em 1919 foi obrigado a assinar o Tratado de Versalhes. Esse tratado foi elaborado apenas pelos aliados sem a participação dos alemães. Nele havia exigências que tinham por objetivo enfraquecer a Alemanha da posição em que ela ocupava antes da guerra no cenário mundial. Algumas dessas exigências foram: perda de 13 por cento de seu território, a França passou a controlar a região da mineração do Saar, a Renânia deveria ser desmilitarizada permanentemente, deveria haver a renúncia da marinha de guerra, seu exército foi limitado a 100.000 homens, pagar reparações de guerra, ou seja, indenizações, aos países vencedores e assumir toda a responsabilidade pela guerra<sup>48</sup>.

Também ao final da Grande Guerra, a Alemanha deixa de ser monarquia quando um grupo de marinheiros de Kiel (norte da Alemanha) se amotina e em 09 de novembro de 1918, chega a Berlim e convoca uma greve, obrigando Guilherme II, imperador alemão, a abdicar. No entanto, nesse mesmo dia duas repúblicas foram proclamadas: uma proclamada por Philipp Scheideman (SPD) no prédio do Parlamento, sendo a república democrático-liberal e outra, no Palácio Imperial onde Karl Liebknecht (líder da Liga Spartakus) proclama a República Alemã dos Conselhos, que seguia o modelo da URSS. Por causa dessas incompatibilidades de projetos, surgiu em Berlim uma guerra civil violenta. Em meio ao caos, acontece a eleição em 19 de janeiro de 1919, onde é eleito o Partido Socialdemocrata Alemão, que determina Friedrich Ebert (SDP) como presidente da República e o gabinete de Phillip Scheidmann (SDP). Em junho de 1919, a Constituição da nova república foi elaborada em uma cidade pequena da Alemanha chamada Weimar. Por isso, essa fase da história alemã, ficou conhecida como a República de Weimar.

A Constituição de Weimar foi promulgada e estabeleceu para a Alemanha um regime republicano, democrático, federativo e parlamentar, sendo o Parlamento (*Reichstag*) seu órgão

---

<sup>48</sup>STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 103.

legislativo. Isso tudo significava que no novo sistema político de governo alemão, o poder legislativo deveria oferecer sustentação política para o poder executivo, que é exercido pelo primeiro-ministro (chanceler). Existe também, o chefe do Estado (presidente) que era eleito diretamente.

O *Reichstag*(Parlamento Alemão) também era eleito pelo voto direto, depois da Constituição de Weimar, homens e mulheres adultos passaram a votar. O Parlamento era composto de acordo com a porcentagem de votos recebida por cada partido. Segundo Richard J. Evans, essa maneira de compor o Parlamento não era ideal, pois levava a mudanças frequentes na composição das cadeiras do Parlamento, mudando também a configuração do governo. “Entre 13 de fevereiro de 1919 e 30 de janeiro de 1933 houve nada menos que vinte gabinetes diferentes, cada um durando em média 239 dias, ou pouco menos que oito meses.”<sup>49</sup>. Isso porque os partidos pequenos, periféricos e extremistas eram favorecidos, apesar de nunca conseguirem alcançar uma maioria. Assim, os partidos maiores dificilmente conseguiam maioria absoluta. Os votos ficavam “dissolvidos” entre os inúmeros partidos menores.

Em relação ao presidente, a Constituição determinava que o mesmo tivesse a função de escolher o primeiro-ministro (chanceler), dissolver o Parlamento (*Reichstag*) e convocar novas eleições, caso achasse necessário. Além disso, o artigo 48 da Constituição dava ao presidente o direito de governar através de decretos, em caso de emergência, suspendendo os direitos civis.

A República de Weimar sempre experimentou crises, mas ela viveu no início da década de 1930 um agravamento de sua instabilidade política e de uma grave crise social associada aos impactos, na Alemanha, da quebra da bolsa de valores de Nova York em agosto de 1929. No auge da crise, em meados de 1930 e início de 1931, o número de desempregados chegou a 5 milhões passando a 6 milhões um ano depois. A produção industrial caiu 40%, entre os anos de 1929 e 1932 e também, em consequência do elevado número de desempregados, a taxa de detenção por furto teve um aumento de 24% nesse mesmo período<sup>50</sup>.

O ano de 1932 foi de intensas disputas eleitorais na Alemanha. Aconteceram várias eleições no país. Além da presidencial, houve eleições estaduais e parlamentares. Em relação ao principal cargo político na Alemanha, três diferentes pessoas ocuparam o cargo de chanceler: Heinrich Brüning, Franz von Papen e Kurt von Schleicher. Isso demonstra uma

---

<sup>49</sup> EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 129.

<sup>50</sup> Id., p. 295 – 301.

elevada instabilidade política e fragilidade do governo que não conseguiam uma maioria estável no Parlamento que os dessem sustentação. Isso fez com que, repetidamente os governos se amparassem, a partir de 1930, no artigo 48 da Constituição de Weimar que permitia ao presidente governar através de decretos. As eleições Parlamentares sequenciais foram convocadas com a expectativa de superar este cenário de instabilidade, mas seus resultados não alteraram de forma significativa a composição do Parlamento. Neste mesmo ano, os alemães foram chamados a eleger o presidente da República.

Assim, em 1932, nos meses de março e abril aconteceram na Alemanha eleições presidenciais. A escolha do presidente era feita através da eleição direta e caso nenhum candidato atingisse a maioria absoluta dos votos, deveria acontecer uma segunda consulta. Os candidatos que disputaram o 1º turno foram Ernst Thälmann, Theodor Duesterberg, Adof Hitler e Paul vonHindenburg<sup>51</sup>, este último, candidato a reeleição. O primeiro turno aconteceu no dia 13 de março. Os candidatos que disputaram o segundo turno da eleição foram: Hindenburg, Hitler e Ernest Thälmann, representante da esquerda. No entanto, Hindenburg foi reeleito, alcançando 53 por cento dos votos em um total de 36.588.140 votantes, enquanto Hitler alcançou 37 por cento (equivalente a mais de 13 milhões de votos<sup>52</sup>) e o terceiro candidato Thälmann, obteve 10 por cento dos votos<sup>53</sup>.

## **2.2 A imprensa e as eleições presidenciais de 1932 na Alemanha.**

### **2.2.1 O fenômeno Hitler**

A divulgação da imagem de Hitler feita pelos jornais analisados, durante as eleições presidenciais alemã em 1932, é negativa e muito parecida entre si. A publicação dessa imagem é feita de forma direta e indireta. A forma direta é feita quando o nazista é frequentemente descrito como umhomemincapaz e inexperiente para a política, que muito provável não sairia vitorioso de uma disputa como essa e seria capaz de conspirar e organizar

---

<sup>51</sup>Ernst Thälmann, que era Secretário Geral do Partido Comunista Alemão, (*KommunistischeParteiDeutschlands – KPD*), nasceu em 1886 na Alemanha e morreu em 1944. Theodor Duesterberg, candidato pela DNVP (Partido Popular Nacional Alemão), nasceu em 1875 na Alemanha e morreu em 1950. Adof Hitler, líder do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - NSDAP*), nasceu em 1889 na Áustria e morreu em 1945 e Paul vonHindenburg, nasceu em 1840 e morreu em 1934, era marechal do exército alemão e presidente da Alemanha desde 1925.

<sup>52</sup>EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 127 e 128.

<sup>53</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 135.

uma guerra civil e pôr a população alemã em risco, caso não saísse vitorioso. E a forma indireta é quando o mesmo é comparado ao presidente Hindenburg, concluindo-se que Hitler é ameaça a paz e a democracia da Alemanha e da Europa. Neste sentido, Hindenburg significaria a paz, a democracia e cumprimento da Constituição de Weimar e das imposições do Tratado de Versalhes<sup>54</sup>.

No *Correio da Manhã*, durante o período das eleições, as notícias sobre as eleições presidenciais alemãs eram sempre intituladas “A sucessão presidencial na Alemanha” ou “A sucessão presidencial alemã”. Havia notícias que informavam que caso Hitler não vencesse as eleições, o seu partido iria derrubar a constituição através de um movimento armado. No dia 12/03/1932 há uma notícia intitulada “Os hitleristas preparavam um movimento armado na Alemanha” com o subtítulo de “Descoberto o *complot* pela polícia, houve várias prisões.”, que informa que a polícia alemã descobre e evita um levante armado organizado pelos nazistas e afirma que o governo alemão se diz preparado para evitar qualquer levante, garantindo a ida dos eleitores às urnas.

Berlim, 11 (U. T. B.) – A policia descobriu um vasto “complot” organizado pelos partidários de Hitler e que teria por escopo principal e imediato um levante armado nesta capital.

Foram feitas varias prisões, sendo que um dos detidos declarou que se achava nesta capital para levantar uma planta indicando a localização dos quartéis de policia, arsenaes e outros pontos onde deveriam ser encontradas munições.

Berlim, 11 (U. T. B.) – Segundo comunicação oficial o governo alemão está preparado para evitar qualquer occurencia anormal por accasão de pleito de domingo proximo, mesmo que se trate de um movimento armado promovido pelos “nazzistas”.

O ministro da defesa, sr.Gorener, tomou todas as medidas a garantia do comparecimento dos eleitores às urnas<sup>55</sup>.

No dia seguinte da publicação, a mesma inquietação é demonstrada pelo *Correio da Manhã*. Há o receio de que a muito provável derrota de Hitler provoque uma tentativa de golpe por parte dos nazistas<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> Sobre a polaridade entre Hitler e Hindenburg publicado no jornal, onde o nazista significaria a intranquilidade na Alemanha e na Europa, a ameaça a democracia e o marechal representaria a paz e a manutenção da democracia, aparece também em outros jornais cariocas nesse período, como será possível perceber no decorrer deste texto. Além dos três jornais aqui descritos, foram analisados outros dois em que as opiniões sobre Hitler e o Partido Nazista são próximas no sentido de considerar Hitler como a representação de alguém contrário a Democracia. Ver no *Jornal do Commercio*, dia 09/03/1932, edição 00057, pág. 1 – dia 14 e 15/03/1932, edição 00062, pág. 1 – dia 17/03/1932, edição 00064, pág. 3. Ver também no jornal A Noite do dia 11/04/1932, edição 07318, pág. 2.

<sup>55</sup> *Correio da Manhã*, 12/03/1932, 11425, p. 1.

<sup>56</sup> *Correio da Manhã*, 12/03/1932, 11425, p. 1.

No *Jornal do Brasil* também é demonstrada a preocupação com um levante armado dos nazistas, caso não vencessem a eleição. No dia 11/03/1932 aparece a notícia com o título “Foi descoberto um *complot* racista na SchutzPolizei, de Berlim”, onde afirma que policiais foram detidos e acusados de tentar fornecer armas e munições aos hitleristas, que se preparavam para a luta armada<sup>57</sup>. Após a eleição continua a preocupação do jornal que informa que haveria um levante armado mesmo que os nazistas ganhassem a eleição como é demonstrado nos trechos abaixo,

Os “nazi” haviam preparado uma marcha sobre Berlim. [Título]  
(...) Os preparativos hitleristas são descriptos como projectos de guerra civil e o governo da Prussia declara que semelhantes projectos não podem mais ser tolerado.

E outro trecho:

A impressão geral em todos os círculos é que Hitler tivesse sido eleito Presidente do Reich no domingo passado, as organizações racistas teriam na noite de domingo para segunda-feira, desfechado formidável *putsch* para se apoderarem imediatamente das grandes cidades e em seguida do poder (...). Os documentos apprehendidos mostram que os racistas tinham elaborado cuidadosamente um plano para cercar a guarnição de Berlim com cuja resistencia contavam. Tinha sido também fixados os pontos de concentração das formações activas hitleristas e às tropas de assalto tinham sido distribuídos mappas com a indicação dos caminhos que devem seguir.<sup>58</sup>

Existia também nos jornais a opinião de que Hitler possuía pouca possibilidade de ganhar a eleição, no dia 08/03/1932 em um artigo escrito por Heitor Moniz<sup>59</sup>, no *Correio da Manhã*, sob o título de “Hitler e a presidência da Alemanha”, o mesmo opina sobre a candidatura de Hitler como um indivíduo pouco provável a vitória, um agitador e que não tinha experiência política, pois até a I Guerra Mundial não era conhecido. Para comprovar sua opinião, Heitor Moniz descreve a trajetória de Hitler demonstrando uma impressão contundente e afirma ser ele um fenômeno sem saber como explicá-lo. O autor considera, conforme é possível perceber abaixo, a trajetória de Hitler inesperada porque ele já disputava um dos cargos mais importantes do país sem possuir nenhuma experiência política, e nem possuir antecedentes na política. Começou em um partido inexpressivo e novo, sendo muito

---

<sup>57</sup> *Jornal do Brasil*, 11/03/1932, 00059, p. 13.

<sup>58</sup> *Jornal do Brasil*, 19/03/1932, 00066, p. 9.

<sup>59</sup> O que foi possível descobrir a respeito de Heitor Muniz é que era parente de Moniz Sodré, jornalista, anticomunista e também considerado escritor de direita. Enquanto trabalhava no *Correio da Manhã* foi convidado por Lindolfo Collor para integrar o Ministério do Trabalho, logo que o ministério foi criado em 1930. Foi diretor geral do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – em 1945 por dois dias.

parecido com os que surgiam na época e pouco depois desapareciam sem ter a menor influência no cenário político alemão.

A apresentação da candidatura de Hitler, como antagonista de Hindenburgo, à presidência da República alemã, coloca, ainda uma vez, em grande foco, a figura singular daquele agitador de idéas, que antes de 1914 ninguém conhecia na Alemanha, e, “après-guerre”, torna-se uma força nacional, capaz de sobrepor-se ao general glorioso que, nos campos de luta, tanto se elevou às tradições de bravura e de eficiência militar do exército alemão. (...)

Eis como se explica o phenomeno Hitler. Hitler, que não é alemão, que nunca se mettera nos negocios políticos alemães, o que, alguns annos atrás, não conseguiria eleger-se juiz de paz na mais modesta das aldeias germânicas. (...)

Seu objetivo não é o governo constitucional; é o governo revolucionário da Alemanha. Não quer ser um presidente da República. Quer ser um dictador. (...)<sup>60</sup>

Além da publicação de opinião sobre a probabilidade ou não de Hitler ganhar as eleições, os jornais utilizavam, com certa frequência, o deboche como meio de ridicularizar Hitler<sup>61</sup>. Era comum também que as informações que tratavam das campanhas eleitorais, se referissem principalmente aos candidatos Hitler e Hindenburg, dos discursos que eram feitos por eles e dos discursos de quem os apoiavam. Era comum também a publicação de opiniões acerca do que seria melhor para a Alemanha e para o mundo. Frequentemente, Hitler era colocado como um candidato inclinado a aventuras<sup>62</sup>, que jogaria o país e a Europa em guerra e que todas as obrigações para com os outros países decididos após a Grande Guerra seriam descumpridos. No *Diário de Notícias*, no dia da eleição, na coluna “O momento internacional” foi publicado uma matéria a esse respeito.

Trava-se uma batalha de particular importância para os destinos da Alemanha com as eleições presidenciaes. De um lado, o presidente Hindenburg, candidato à reeleição, significando as tendencias conservadoras do regimen, apoiado pelos centristas, pelos socialistas e pelas direitas conservadoras; do outro, o sr. Hitler, candidato dos fascistas, inexpressivamente denominados socialistas-nacionaes, que se querem apoderar da presidencia da Republica, atirando a nação numa guerra cível inevitável. Foi exatamente essa a acusação que o presidente Hindenburg fez aos seus adversários, no discurso proferido ha dias, [...]. Deante de toda ameaça que significaria uma victoria hitlerista, o chanceler Bruening adoptou, oficialmente, a candidatura do marechal [...] Não julgamos que seja razoavel o processo, mas compreendemos a responsabilidade dos dirigentes dos dirigentes da Alemanha actual, que tudo fazem para evitar um desastre nacional, sobretudo quando as conspirações racistas já estão sendo descobertas. [...] Acreditamos na

<sup>60</sup> *Correio da Manhã*, 08/03/1932, 11421, p. 4.

<sup>61</sup> Por exemplo, “[...] O seu mais perigoso adversário Adolf Hitler, o chefe fascista e bigodinho à Carlito [...]”. *Jornal do Brasil*, 18/03/1932, 00065, pág. 9.

<sup>62</sup> Em outra publicação, na semana que antecedeu o 2º turno, aparece novamente que Hitler iria lançar a Alemanha em aventuras e que o mesmo seria uma ameaça ao país e a Europa. Ver no *Diário de Notícias*, dia 05/04/1932, edição 000653, pág. 2 na coluna “O momento Internacional”.

victoria do presidente Hindenburg, não só pelo prestígio pessoal do velho cabo de guerra, [...] pouco inclinado a aventuras perigosas como seria entregar a presidência do Reich ao sr. Hitler. [...] Cabe ao povo alemão dar hoje ao mundo um testemunho irrecusável de desaprovação aos excessos do hitlerismo [...]. Os tambores hitleristas fazem muito barulho, mas não mettem medo a ninguém.<sup>63</sup>

Além de Hitler ser considerado uma ameaça a paz e a ordem, um aventureiro que lançaria a Alemanha a uma guerra civil, o nazista também era visto como um antidemocrático, reacionário e que implantaria um governo baseado em ódio e que voltaria ao passado, isso pode ser visto no trecho que segue publicado, também no *Diário*, sob o título de “A eleição alemã”, escrito por José Augusto<sup>64</sup>, ex-presidente do Rio Grande do Norte.

Hitler, os seus adeptos, o seu partido significam uma coisa só: a restauração do passado, o reaccionarismo, a anti-democracia, o governo do ódio e da paixão nacionaes contra o espirito de cooperação e de harmonia internacionaes, contra a maré montante da democracia e da paz. (...)

Em uma palavra, o que o hitlerismo pleiteia é uma politica de ódio racista e nacionalista, é o Estado forte tutelando a nação e supprimindo a liberdade individual, é o interesse da Allemanha superando, pelas armas e pela força os interesses que lhe contraponham, pois essa é a vontade do destino. (...)

A victoria que acaba de sagrar Hindenburg eleito pela segunda vez presidente da Republica Allemã, não obstante a formidável votação obtida por Hitler, indica que a Allemanha, pelo menos pela sua maioria votante, ainda não perdeu de todo as esperanças de viver tranquilla e deseja continuar a politica de conciliação e harmonia, de que o velho chefe guerreiro, por ironia do destino, é hoje a mais vigorosa expressão.<sup>65</sup>

Outra forma de os jornais se referirem a Hitler, como já foi possível perceber em alguns trechos citados, é classificando-o como “racista”. Principalmente no *Jornal do Brasil* e

---

<sup>63</sup> *Diário de Notícias*, 13/03/1932, 00630, p. 2.

<sup>64</sup> José Augusto Bezerra de Medeiros, potiguar de Caicó, nasceu em 1884 em uma família de importantes políticos. Teve avôs e tios ocupando cargos de grande importância no cenário político de Natal como deputados, senadores e governadores do Rio Grande do Norte. José Augusto se formou em Direito pela faculdade de Recife. Exercendo a advocacia em escritório próprio foi nomeado professor de História em 1906 em uma escola do Rio Grande do Norte. Ocupou também os cargos de chefe de polícia interino, Deputado Estadual, Secretário Geral e Governador de 1924 a 1928, todos os cargos pelo estado do Rio Grande do Norte. Além disso, fez parte da Associação Brasileira da Imprensa.

Após a Revolução de 1930, José Augusto voltou a exercer a advocacia e se tornou corretor de seguros. Era mal visto pelo novo governo por ser considerado político da República Velha. Em 1932 conspirou a favor da Revolução Constitucionalista no nordeste quando a mesma foi iniciada em São Paulo. Em 1933 fundou o Partido Popular (PP) no Rio Grande do Norte. Entre 1932 e 1934 publicou três livros que tinham por objetivo defender sua ideologia. Se autodeclarava liberal democrata e era contra ideologias fascistas que surgiam no Brasil na época. Ver MALIN, Mauro. *Verbete CPDOC José Augusto*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-augusto-bezerra-de-medeiros> Acesso em outubro de 2018.

<sup>65</sup> *Diário de Notícias*, 13/04/1932, 00661, p. 2.

no *Diário de Notícias*. Em quase toda reportagem o termo “racista” é utilizado<sup>66</sup>, como em uma reportagem do *Jornal do Brasil* que fala sobre a volta da propaganda política para o 2º turno da eleição presidencial:

Adolf Hitler fez propalar, por intermédio de seus órgãos, que falará na semana prozima perante milhões de alemães. Annuncia-se de outro lado que o Comité Hindenburg e as organizações de defesa republicana e da frente de bronze não permanecendo igualmente em inactividade. O trabalho dos adversários de Hitler será particularmente dirigido na propaganda nos centros agricolas onde o chefe racista obteve grande maioria por accasião do primeiro pleito.<sup>67</sup>

O adjetivo “racista” utilizado pelos jornais quando se referia a Hitler pode ser explicado pelo programa do partido onde o antissemitismo era um dos pontos principais. A preocupação principal do nazista era com a questão racial, a nação e a expansão alemã. Nos discursos que Hitler fazia, ele sempre enfatizava a questão judia. Para ele a culpa da derrota na guerra e da implantação da democracia liberal na Alemanha era dos judeus.

A comparação com Hindenburg é outra forma de, indiretamente, desqualificar Hitler. Chama atenção o fato de como o *Correio* classifica os dois candidatos no binômio direita-esquerda, demonstrando assim, as suas preferências.

A essas idéas e a essas tendencias se póde dar a designinação hoje universal: Hindenburg era a direita, isto é, o pensamento conservador e moderado que subordina todas as coisas ao fator ensejo; Hitler era a esquerda, isto é, a formação de aparato, que vive da organização da força, collocada ao serviço de idéas extremas ou extremistas. [...]

Do ponto de vista internacional, e sobretudo europeu, Hindenburg poderia ser o nacionalismo que procura negociar, enquanto Hitler é o nacionalismo que pretende romper.<sup>68</sup>

Numa reportagem do *Correio da Manhã* no dia 12/04/1932 duas fotos, que seguem em anexo, demonstram com clareza a posição que ocupa o jornal em relação aos dois candidatos que disputam as eleições presidenciais alemãs<sup>69</sup>. Os gestos dos personagens representados na imagem evidenciam que um representa a calma e a serenidade e o outro a

---

<sup>66</sup> A expressão “racista” para se referir a Hitler pode ver verificado também nas edições: 00059, p. 13; 00063, p. 9; 00064, p. 9. Isso também pode ser verificado no período que acontece o 2º turno nas edições: 00081, p. 9; 00084, p. 9, 00089, p. 10 e 00090, p. 10. Essa expressão é recorrente ainda nos outros jornais analisados. Em quase todas as notícias ou artigos “racista” é usado como adjetivo para Hitler e seus partidários. Para ilustrar como exemplo ver o jornal *Diário de Notícias*, no dia 12/04/1932, edição 00660, p. 1, no dia 15/04/1932, edição 00663, p. 2. Ver no *Jornal do Commercio* no dia 14/04/1932, edição 00088, p. 1 e no jornal *A Noite* do dia 11/03/1932, edição 07288, p. 2 (edição da tarde) e do dia 14/03/1932, edição 07291, p. 2.

<sup>67</sup> *Jornal do Brasil*, 03/04/1932, 00079, p. 9.

<sup>68</sup> *Correio da Manhã*, 15/03/1932, 11427, p. 2.

<sup>69</sup> Anexo I, pág. 96.

intranquilidade. Assim, pode-se perceber que os dois candidatos são frequentemente comparados e são colocados em lados opostos de como seriam suas condutas enquanto presidente da República. Enquanto Hindenburg tem a exposição de uma foto fraternal em que caminha pelos jardins com seus netinhos, Hitler aparece em foto fazendo seu discurso, onde demonstra a expressão de uma pessoa alterada e que grita ao discursar e de ferocidade.

As comparações entre Hindenburg e Hitler são feitas com frequência nas notícias e artigos publicados também pelo *Jornal do Brasil*. Em um artigo publicado por J. H. de Sá Leitão<sup>70</sup> no dia 17/03/1932 intitulado “Hindenburg” também faz essa comparação. Hindenburg é descrito como “o representante mais genuíno de uma Alemanha que procura se acomodar as circunstâncias do momento”, enquanto Hitler é descrito como “(...) um místico pangermanista, frente de demagogias, que satura de paixões o ambiente político justamente na ocasião em que os problemas de maior gravidade agitam a Europa.”<sup>71</sup> E continua os elogios ao marechal afirmando que o mesmo cumpre o juramento que fez a constituição mesmo que para isso passe por cima de qualquer interesse pessoal.

Entre o Marechal Hindenburg e Adolpho Hitler acaba de ser jogada uma partida. (...) Acima dos partidos e emancipado de sentimentos pessoais, o valoroso soldado da antiga Alemanha imperial não esqueceu durante seu governo, o juramento prestado à Constituição e, nas horas mais difíceis, deu provas de um profundo espírito constitucional. (...)

A reeleição do Marechal Hindenburg seria o revez do movimento que se operou em torno de Hitler e a vitória da constituição sobre o enigma de uma experiência que o povo alemão não quer, na sua maioria, tentar.

Hindenburg, à frente do Reich, não significa a conquista da extrema direita ou de extrema esquerda, mas a conservação de prestígio internacional e a segurança da ordem. É o homem que abstrai de interesses de partido para governar com isenção.<sup>72</sup>

Após o 1º turno da eleição e a apuração do resultado, ainda não acreditando, na capacidade de Hitler e do Partido Nazista de ganhar eleições os jornais buscaram a todo o momento explicações para o fato de Hitler ter recebido votos suficientes para levá-lo ao 2º turno. No *Jornal do Brasil*, após as eleições, as notícias demonstram opiniões ambíguas em relação ao resultado não favorável a Hindenburg e a necessidade de 2º turno porque se por um lado, o mesmo não conseguiu a maioria dos votos, por outro lado, conseguiu maior quantidade que seus adversários e maior quantidade de votos em relação à eleição de 1925. Ao longo das reportagens é demonstrado alívio por Hindenburg ter ficado em primeiro lugar,

---

<sup>70</sup> Sobre J. H. de Sá Leitão foi pesquisado por José Henrique de Sá Leitão e João Henrique de Sá Leitão, no entanto nada foi encontrado.

<sup>71</sup> *Jornal do Brasil*, 17/03/1932, 00064, p. 5.

<sup>72</sup> *Jornal do Brasil*, 17/03/1932, 00064, p. 5.

mas os autores das notícias se preocuparam com o aumento de votos para o candidato nazista<sup>73</sup>, fazendo com que o jornal acredite que o NSDAP tenha sido o partido mais forte na Alemanha e explicando tal fato com a crise econômica que atingia o país. “A impressão geral é de que a mocidade está quase toda ao lado de Hitler”<sup>74</sup>.

No *Diário de Notícias*, alguns dias depois da eleição e já com o resultado do pleito, é publicado um artigo na coluna “O Momento Internacional” que demonstra apreensão e alívio, ao mesmo tempo, com o resultado. Apreensão pela quantidade de votos que Hitler recebeu e alívio por, apesar disso, Hindenburg ter obtido a maioria de votos, apesar de não ter sido o suficiente para evitar que necessitasse o segundo turno da eleição.

O resultado das eleições na Alemanha. [Título do artigo].

Somos forçados a reconhecer, contudo, que a força dos ‘nazis’ teve uma demonstração extraordinária, sobretudo como partido, pois é hoje o mais forte do Reich. Os seus onze milhões de eleitores significam adeptos exclusivos dos nacionais-socialistas, enquanto, os votos a Hindenburg representam contribuições de todos os partidos. (...)

Essa victoria talvez enfraqueça a força nazista, porque foi tal a petulancia com que afirmaram possuir a maioria do eleitorado e tal a segurança que deram do seu triumpho, que o fracasso repercutirá por certo nas massas e abalará o prestigio do partido. (...)

A Alemanha, porém, com as eleições de domingo deu um grande exemplo de disciplina ao mundo, mas os resultados reflectem um espirito não isento de perigos, com as aventuras do hitlerismo.<sup>75</sup>

Na semana que antecedeu ao segundo turno e no dia da eleição novamente aparece a preocupação com o aumento de votos<sup>76</sup> que Hitler e seu partido recebeu durante o pleito, a apreensão é maior porque o aumento desses votos se deve principalmente ao aumento de votos pelos jovens alemães, além do perigo que a influência negativa de Hitler pode transmitir a esses jovens,

O velho bom senso alemão reage, por todas as formas, mas o perigo é que as doutrinas de Hitler estão contaminando a mocidade, cujo ardor, diante do perigo de dificuldades immensas, se deixa conduzir pelo idealismo nacionalista, que foi, sem duvida, uma das causas da crise presente.<sup>77</sup>

---

<sup>73</sup> Sobre a preocupação com o aumento de votos do Partido Nazista aparece também em outros jornais analisados. Ver no jornal *A Noite* no dia 14/03/1932, edição 07290, p. 8 e no mesmo dia, mas na edição 07291, p. 2.

<sup>74</sup> *Jornal do Brasil*, 15/03/1932, 00062, p. 2.

<sup>75</sup> *Diário de Notícias*, 15/03/1932, 00632, p. 2.

<sup>76</sup> A questão do aumento de votos aparece também em reportagem na folha dois dias depois do 2º turno. Ver no *Diário de Notícias*, edição 00660, p. 1.

<sup>77</sup> *Diário de Notícias*, 05/04/1932, 00653, p. 2.

No dia do 2º turno da eleição presidencial mais uma vez é publicada no jornal *Diário de Notícias* a surpresa com o aumento de votos do Partido Nazista e que a vitória de Hitler no pleito seria uma ameaça à democracia e ao equilíbrio europeu, a reportagem tem como título “O formidável pleito presidencial que se trava, hoje, na Alemanha.”, no topo da primeira página do *Diário de Notícias*,

Não se pôde deixar de reconhecer que, nestes últimos dez anos, os nazis, isto é, os partidários de Hitler lograram adquirir grande prestígio eleitoral, que decepcionou muitos observadores, quer alemães, quer estrangeiros.  
(...) Em certos países estrangeiros, o chefe dos nazis, que, somente há pouco tempo, conseguiu a cidadania alemã, (...) é apontado como uma ameaça do actual equilíbrio europeu. Hitler prega um germanismo integral e absoluto: (...). Esse é o programma dos nazis, pregado com ênfase, com vehemência e com ódio. (...)  
A essa figura de demagogo contrapõe-se a personalidade regida, forte e serena do marechal Paul von Benckendorff fund von Hindenburg, (...).<sup>78</sup>

Todos os jornais aqui analisados publicam com frequência opiniões da imprensa estrangeira, principalmente a europeia e com menos frequência jornais americanos. Essas publicações serviam para corroborar as opiniões emitidas pelos impressos. Tem-se como exemplo um trecho retirado do *Le Quotidien* (jornal francês), como é demonstrado no trecho abaixo:

Commentarios dos matutinos francezes.  
Paris, 14 (U. P.) – Os matutinos expressam geralmente a crença e satisfação de que o Marechal Hindenburg conseguirá obter uma maioria que lhe assegure a victoria do pleito presidencial  
“Le Quotidien” diz o seguinte: “A grande aventura do pequeno austríaco fracassou. Comtado, é admiravel como elle conseguiu illudir doze milhões de pessoas da grande nação nesta epoca tão civilizada.

### **2.2.2 Os prognósticos e a avaliação do futuro alemão após o 1º turno.**

Antes da realização da primeira consulta para a escolha do presidente alemão, os jornais divulgavam prognósticos muito otimistas para os que acreditavam que Hindenburg era a melhor escolha para a Alemanha porque já sabia o que se esperar dele, ao contrário de Hitler que era sempre apresentado como uma incógnita. Além disso, o marechal podia ser considerado sinônimo de paz, democracia e demonstração de que as reparações de guerra continuariam a ser pagas. Na semana que antecedeu o pleito, o *Correio da Manhã*, divulgou o trecho abaixo,

---

<sup>78</sup>*Diário de Notícias*, 10/04/1932, 00658, p. 1.

Hindenburg ser eleito é a continuação da Alemanha parlamentar. Representa o “stato-quo”, e não há novidades. Já o mesmo não se pôde dizer em referencia à eleição de Hitler. O seu triumpho significa o inicio de uma situação que ninguém pode prever até onde irá. (...) <sup>79</sup>

Na edição 11426 de 13/03/1932, dia da eleição, a notícia sobre a eleição presidencial na Alemanha tem destaque no *Correio da Manhã* e ocupava a primeira página. O título “Realizam-se hoje num pleito renhido, em que os principaes candidatos são o Marechal Hindenburg e o Sr. Hitler, as eleições presidenciaes alemãs”, em letras grandes e em negrito estava no topo da página, demonstram que apesar de não acreditarem na vitória de Hitler, dão destaque somente a ele e a Hindenburg como se não houvesse outros candidatos. Nessa notícia é informada a provável vitória de Hindenburg nessa primeira consulta com uma grande diferença de votos entre ele e os outros candidatos, mas que a disputa seria árdua e difícil.<sup>80</sup> A confiança na vitória de Hindenburg era tão grande que nem se cogitava necessidade de haver segundo turno, como pode ser verificado no trecho abaixo.

Segundo prediz o Sr. Weisser, o marechal Hindenburg terá mais de um milhão de votos de maioria. (Subtítulo).

Berlim, 12 (U. T. B.) – O sr. Weisser, secretario da presidência do Reich e consultor do primeiro ministro da Prussia, teve ocasião de dizer que, embora não seja fácil fazer uma previsão exacta sobre os resultados das eleições de amanhã, pôde-se esperar que o marechal Hindenburg virá a ter uma maioria de mais de um milhão de votos, o que tornará desnecessário a realização de um segundo escrutínio.<sup>81</sup>

Apesar de acreditarem na vitória de Hindenburg no 1º turno, também acreditam que a vitória não fosse tão expressiva como foi na eleição anterior, em 1925. No mesmo dia do trecho citado acima, mas no *Jornal do Brasil* uma matéria com o título: “Promettem extraordinária concurrencia as eleições presidenciaes de hoje na Alemanha”, traz a informação que embora no círculo político acredita-se que Hindenburg ganhe as eleições é possível duvidar que o mesmo obtenha a maioria absoluta como ocorreu em 1925. Isso porque havia grande número de eleitores que não votariam em Hindenburg por causa da difícil situação política e econômica dos últimos meses que havia se agravado. Além disso, contavam com um “adversário poderoso e disposto a tudo” referindo-se a Hitler. Acredita-se ainda que seja possível uma reação violenta dos nazistas, caso sejam derrotados. Sobre Hitler,

---

<sup>79</sup> *Correio da Manhã*, 08/03/1932, 11421, p. 4.

<sup>80</sup> *Correio da Manhã*, 13/03/1932, 11423, p. 1.

<sup>81</sup> *Correio da Manhã*, 13/03/1932, 11426, p. 1.

publicam a resposta do mesmo quando questionado sobre ele assumir o poder pela violência: “Hoje mais que em qualquer ocasião temos que conservar-nos no caminho da legalidade”.<sup>82</sup>

A mesma impressão é demonstrada no *Jornal do Brasil*. Nele a opinião é de que Hindenburg é o melhor candidato para a Alemanha e que é muito provável a sua vitória, trazendo a impressão que a eleição é disputada somente pelo marechal e por Hitler. As notícias sobre as eleições alemãs eram sempre publicadas na mesma sessão do jornal “Serviço Telegraphico do *Jornal do Brasil*”, quase todos os dias com o mesmo título “A sucessão presidencial na Alemanha” ou “As proximas eleições na Alemanha” sempre sendo informações enviadas por agências de notícias, a U. P. ou H. No dia da eleição, 13/03/1932, na página 5 a eleição é descrita como um acontecimento nunca visto antes, um dos mais importantes na Alemanha nos últimos anos. E que é uma luta grandiosa entre dois programas diferentes: “um conservador e estabilizador e outro reformador, que implica na transformação radical da ordem existente no paiz”. Nessa nota diz também que na França, Inglaterra e Estados Unidos, a ansiedade é a mesma que está presente nos próprios alemães e que eles preferem a reeleição de Hindenburg. Para a França essa reeleição teria mais importância ainda porque a vitória do marechal representaria a continuação do programa de aproximação franco-alemã. Diz ainda que a eleição de Hindenburg é garantia de “tranquilidade interna” e “paz internacional” e que a vitória do mesmo estaria garantida se não houvesse tantos candidatos para distribuir os votos<sup>83</sup>.

O pleito eleitoral que se realiza hoje na Alemanha, constitue um dos acontecimentos políticos de maior transcendencia desses últimos anos. (...) Na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, acompanha-se quasi com a mesma attenção que na Alemanha as circunstancias em que se realiza a eleição do futuro presidente do Reich e os votos unanimes nesses países são pela reeleição do eminente soldado estadista que desde 1925 preside os destinos da nação germanica. É da maior importancia para essas nações que o marechal Hindenburg continue à testa dos negociospublicos da Alemanha pois sua derrota nas urnas constituiriam um desastre susceptível do acarretar gravíssimas perturbações internacionaes. (...) Nos circulos diplomáticos internacionaes confia-se em que o velho commandante dos exércitos allemães consiga a necessária maioria para a reeleição, devido aos importantes elementos políticos que apoiam sua candidatura. (...)<sup>84</sup>

Nos dias seguintes a eleição do dia 13/03/1932, conforme iam chegando os números das apurações, os jornais iam demonstrando surpresa com a necessidade do 2º turno e

---

<sup>82</sup> *Jornal do Brasil*, 13/03/1932, 00061, p. 8.

<sup>83</sup> *Jornal do Brasil*, 13/03/1932, 00061, p. 5.

<sup>84</sup> *Jornal do Brasil*, 13/03/1932, 00061, p. 5.

tentavam explicar como o Partido Nazista havia conseguido conquistar um número elevado de votos.

O resultado do formidável pleito eleitoral, hontem realizado na Allemanha, mostra bem claramente como a opinião allemã se acha dividida e hesitante neste momento de tamanhas incertezas. O velho marechal Hindenburg, apesar do prestígio, que cerca seu nome, não conseguiu a maioria absoluta, indispensável à sua manutenção na chefia do Estado alemão. De outra parte os “nazzi”, depois de uma campanha intensa e ameaçadora, conseguiram obter para o seu candidato, mais de onze milhões de votos, enquanto o candidato comunista aparece por sua vez, com uma cifra de cinco milhões, havendo ainda outros nomes com menos votação. (...). Ora, a eleição de ante-hontem, embora não tivessem chegado a nenhum resultado decisivo indica, contudo, que a maioria do povo alemão, apesar da confusão do momento, prefere ver a continuação da politica de sacrificios, dirigida pelo sr. Bruening, com o apoio de Hindenburg, a ver a Allemanha mettida em aventuras revolucionarias – tanto direitistas, como esquerdistas – susceptíveis sobretudo de causarem novas e graves perturbações sociaes e internacionaes. Assim, parece que, se daqui até 10 de abril uma aggravação subita da situação não [?] verificar, e se os paizes vencedores da Allemanha se conservarem fieis ao espirito de Locarno, se verificará no segundo escrutínio uma victoria decisiva do marechal Hindenburg. E essa victoria não significaria que a maioria do povo alemão ainda espera vencer a terrível depressão em que se encontra actualmente sem fazer apello a methodos revolucionarios e violentos. (...)<sup>85</sup>

As opiniões de jornais europeus também são publicadas no *Correio da Manhã*. Os jornais de Londres, Nova York e Paris são citados por terem demonstrado satisfação com a vitória de Hindenburg. Um jornal francês afirma ainda que o marechal “veiu tirar todas as esperanças do aventureiro austríaco” (se referindo a Hitler) de se tornar presidente<sup>86</sup>.

Em uma edição do *Jornal do Brasil* com reportagem sob o título de “As eleições presidenciaes na Allemanha.”, afirma-se que a Alemanha durante várias semanas viveu com intensidade esse período de propagandas políticas devido a grave crise econômica pela qual passa. Por causa disso, e de uma propaganda violenta e agitada, Hitler conseguiu aumentar seu eleitorado,

[...] A Allemanha durante varias semanas entregou-se a uma atividade febril na campanha de propaganda dos candidatos à presidência da Republica, não obstante as graves preocupações que causa a situação econômica e as dificuldades financeiras. O Sr. Hitler desenvolveu uma agitação violenta com o proposito de “despertar o sentimento patriotico do paiz” e pode-se dizer que seus planos foram bem sucedidos, pois concentrou em torno de seu nome 30 por cento do eleitorado.<sup>87</sup>

No entanto, apesar da surpresa com o resultado do pleito, as opiniões continuaram otimistas a favor de Hindenburg. No dia 15/03/1932, dois dias depois da eleição é publicado

<sup>85</sup> *Correio da Manhã*, 15/03/1932, 11427, p. 1.

<sup>86</sup> *Correio da Manhã*, 15/03/1932, 11427, p. 1.

<sup>87</sup> *Jornal do Brasil*, 10/04/1932, 00085, p. 9.

no *Correio* um artigo intitulado “Hindenburg e Hitler” por Costa Rego<sup>88</sup>, onde afirma que a eleição não foi favorável ao presidente porque seus adversários juntos conseguiram mais votos que ele e que apesar de existirem outros candidatos, a disputa parecia ser entre os dois candidatos porque eles eram a representação de duas ideias políticas opostas. No entanto, ainda assim foi possível acreditar na vitória de Hindenburg na segunda consulta porque as ideias de Hitler não foram levadas em consideração, haja vista a maioria de votos recebida por Hindenburg. E que com esse resultado, Hitler e o Partido Nazista começariam a entrar em decadência.

Os resultados da eleição alemã não foram favoráveis a Hindenburg. Não o foram, porém, pela regra da lei eleitoral, que não quer que o vencedor tenha a maioria pura e simples, mas exige que obtenha a maioria absoluta, que seja a expressão de metade e mais um de todos os votos expressos. [...]

Mas é evidente que, desprezados os algoritmos da votação dispersiva dos dois últimos candidatos, a vitória de Hindenburg é meridiana e brilhante. Porque a verdade é que o pleito se era, de direito, entre quatro, não se tratava, de facto, senão entre dois candidatos, ou entre duas idéas e duas tendências, representadas uma por Hindenburg e outra por Hitler. (...)

A Alemanha pronunciou-se nitidamente pelo primeiro, por uma maioria de oito milhões de votos.

O hitlerismo não está, é certo, morto; mas foi julgado. Ficará dentro da nação, fermentando. (...) As probabilidades são por Hindenburg e dois motivos essenciaes as amparam: o primeiro é o velho motivo psicologico que levas as multidões a aceitar o homem que lhe parece mais bem favorecido ao êxito; o segundo é que entre os que foram por Hitler muitos existiam que apenas jogavam – jogavam no azar – e quererão da segunda vez jogar na certa, ao passo que Hindenburg era o candidato de uma coligação feita com o fim especial de combater Hitler e quem, portanto, votou em Hindenburg agia em defesa. Póde-se, na hora de perigo, perder o espirito de aventura; não se perde, porém, nunca o insticto de conservação. (...)<sup>89</sup>.

A mesma opinião sobre a vitória de Hitler tem o jornal *Diário de Notícias* que também demonstra surpresa com a quantidade de votos que o Partido Nazista consegue ganhar, mas acredita que Hindenburg ganhará o 2ª turno, como é demonstrado na reportagem do dia 15/03/1932 que segue:

Somos forçados a reconhecer, comtudo, que a força dos ‘nazis’ teve uma demonstração extraordinária, sobretudo como partido, pois é hoje o mais forte do Reich. Os seus onze milhões de eleitores significam adeptos exclusivos dos

---

<sup>88</sup> Pedro da Costa Rego nasceu em Alagoas no ano de 1889. Em 1919 foi enviado à Paris para acompanhar a Conferência de Paris (Conferência entre os países vencedores da I Guerra Mundial, onde ficou estabelecido o Tratado de Versalhes). Tornou-se redator-chefe do *Correio da Manhã* em 1923 permanecendo no cargo por períodos intercalados até 1930. Em 1932, criou uma coluna no jornal que defendia o federalismo e criticava o governo de Getúlio Vargas. Além de jornalista foi Deputado Federal em 1915 e 1918 pelo Partido Democrático, governador de Alagoas em 1924 e senador em 1929. Participou da fundação de Partido Economista Democrático de Alagoas. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rego-pedro-da-costa> Acesso em outubro de 2018.

<sup>89</sup> *Correio da Manhã*, 15/03/1932, 11427, p. 2.

nacionais-socialistas, enquanto, os votos a Hindenburg representam contribuições de todos os partidos. (...)

Essa victoria talvez enfraqueça a força nazista, porque foi tal a petulancia com que afirmaram possuir a maioria do eleitorado e tal a segurança que deram do seu triumpho, que o fracasso repercutirá por certo nas massas e abalará o prestígio do partido.<sup>90</sup>

No *Jornal do Brasil* são divulgadas as opiniões de jornais de outros países demonstrando preocupação com o aumento de popularidade de Hitler. Na Tchecoslováquia o comentário é de satisfação com os resultados do pleito, mas ficaram preocupados com o aumento de votos para Hitler. Nesse caso a justificativa para o aumento de votos para Hitler está na situação financeira alemã, como sugere o jornal tchecoslovaco, afirmando ainda que se a situação financeira alemã melhorasse, diminuiria o apoio aos fascistas e bolchevistas.

As eleições presidenciais na Alemanha. Como repercutiu em vários países a notícia do resultado do pleito. [Título]

Praga, 15 (H.) – Os jornais assignalam com satisfação os resultados do primeiro escrutínio das eleições presidenciais na Alemanha, observando, entretanto, que tanto augmento dos votos favoráveis a Hitler como o incremento tomado entre os eleitores pelas idéas extremistas, não podiam deixar de causar inquietação.

Alguns jornaesvêm na actual situação economica a causa dessas tendencias extremistas e acentuam que, com a melhoria da crise, necessariamente decrescerão os poderes fascistas e bolchevistas.<sup>91</sup>

Ainda no *Jornal do Brasil*, na edição do dia 16/03/1932 é publicado um artigo de Salles Filho<sup>92</sup> que busca uma justificativa para o resultado do 1º turno na eleição presidencial tendo a maior quantidade de votos dois adversários com programas completamente distintos. Segundo o autor, esse resultado é consequência da crise política provocada pela crise econômica e também pelo resultado das exigências do Tratado de Versalhes. “Aqui mesmo, nestas columnas do *Jornal do Brasil*, sustentei este ultimo ponto de vista mostrando que a política da indemnizações era, não apenas um erro de consequencias funestas, mas uma exigencia impossível de ser satisfeita”. E por isso, continua Salles Filho,

(...) a explicação natural dos motivos pelos quesa figura desinteressante e subalterna de Hitler póde contrapor-se ao vulto histórico de Hindenburg, cujo nome se inscreveu na historia da grande guerra como a sua maior figura militar e a que a Alemanha deveu a integridade de seu [sic].<sup>93</sup>

<sup>90</sup> *Diário de Notícias*, 15/03/1932, 00632, p. 2.

<sup>91</sup> *Jornal do Brasil*, 16/03/1932, 00063, p. 9.

<sup>92</sup> Francisco Antônio Rodrigues de Sales Filho formado em farmácia e medicina foi médico do exército, adquirindo as patentes de capitão e tenente-coronel. Foi também Deputado Federal pelo Distrito Federal (na época o Rio de Janeiro). Além desses cargos, atuou como jornalista tendo sido redator chefe do jornal *Diário Carioca* e diretor da *Imprensa Nacional* em 1930. Em 1937 foi nomeado Ministro do Tribunal de Contas da capital federal.

<sup>93</sup> *Jornal do Brasil*, 16/03/1932, 00063, p. 5.

No entanto, ainda que com toda essa preocupação e busca de motivos que explicassem o fato de a disputa não haver se encerrado ainda no 1º turno e o aumento de votos dados a Hitler, a confiança na vitória de Hindenburg volta a aparecer no *Correio* no dia em acontecia o 2º turno. Nas matérias da primeira página intituladas “No segundo escrutínio do pleito presidencial a Alemanha vai decidir hoje entre o Marechal Hindenburg e o sr. Hitler, quem será o presidente?” e “A campanha presidencial na Alemanha.” o jornal informa que “[...] O chanceler Brüning dirigiu pessoalmente o comício realizado em Stuttgart em favor da reeleição de venerado marechal, cuja vitória final já é tida como infalível.” Em outro trecho da mesma notícia, além de demonstrar a confiança na vitória do marechal, diz também que essa foi a eleição de maior importância na história da Alemanha:

Depois de uma das mais renhidas campanhas de sua vida política, e num momento de transcendental importância em sua história, a Alemanha vai eleger amanhã o presidente que há de reger os seus destinos por sete anos de mandato.

Tudo mostra que o venerado marechal Hindenburg virá a ser reeleito, por uma maioria esmagadora, pois pouco lhe faltou no primeiro plebiscito de 13 de março último, para obter a maioria absoluta que teria decidido o pleito daquela primeira batalha nas urnas.

Um cálculo seguro, sem exageros nem pessimismos, permite admitir-se, que o marechal terá uns 19 milhões de votos, contra doze e meio milhões que serão outorgados a Hitler, e uns quatro milhões que caberão ao candidato comunista Thaelmann. (...)

Os nacional-socialistas, guiados pelo exemplo dinâmico de Hitler, levaram a campanha a todos os recantos das províncias, o mesmo fazendo os que, sob a direção suprema do chanceler Brüning, defendem a reeleição de Hindenburg. [...] <sup>94</sup>.

Na semana seguinte ao segundo turno, tem destaque as notícias sobre a vitória de Hindenburg, quando os jornais dizem que apesar de ter havido uma disputa ardorosa, o povo alemão e o de outros países europeus podem ficar tranquilos e esperançosos porque venceu a democracia tão necessária à paz e ao progresso. Com o título “No escrutínio das eleições alemãs, foi assegurada a reeleição do presidente Hindenburg.”, o *Correio da Manhã*, por exemplo, indica que:

Os resultados desse disputadíssimo pleito, apesar de já previstos, pela maioria dos observadores da política alemã, em suas linhas gerais, nem por isso deixaram de trazer à Europa, e mesmo aos países de outros continentes, mais um motivo de esperança numa próxima fase de reconstrução europeia, tão necessária a paz mundial. Além disso, o pleito de ontem vem mostrar, mais uma vez, o apego de povos cultos, como o alemão, ao regime democrático, que ainda é o que mais se

---

<sup>94</sup> *Correio da Manhã*, 10/04/1932, 11450, p. 1.

coaduna com a mentalidade dos povos progressistas e confiantes em seu próprio valor.<sup>95</sup>

No entanto, para o *Diário de Notícias*, apesar da vitória de Hindenburg na segunda consulta, a preocupação permanece porque os nazistas ainda que derrotados, conseguiram aumentar ainda mais o número de votos a seu favor. E isso faz com que a Europa viva em constante sobressalto com a possibilidade de uma nova guerra.

Hitler, o chefe racista, obteve mais de treze milhões de votos. [Subtítulo]  
[...] Isso significa que o racismo, na Alemanha, prossegue na sua perturbadora marcha ascendente, o que é de molde a causar as mais sérias inquietações a todo o mundo. Além disso, é preciso não esquecer que o hitlerismo apresenta-se como a maior força partidária do país, pois, enquanto os votos dados ao marechal Hindenburg representam as contribuições de todos os partidos centristas, da direita moderada e socialistas, o monte formidável dos sufrágios de Hitler expressam a força do seu partido. (...) Em todo caso, a circunstância de ter sido derrotado importa num desaforo para a Europa, que vive em constantes apreensões com a possibilidade de Hitler assumir o poder e querer dar aquele banho de sangue no continente, que já preconizou.<sup>96</sup>

Conforme os trechos apresentados acima, os jornais se mostram surpresos com o apoio cada vez maior que a população alemã dava o Hitler e ao Partido Nazista, demonstrados pelas eleições presidenciais de 1932.

Dado o exposto, os casos analisados referentes às eleições presidenciais de 1932 na Alemanha indicam que a grande imprensa no Rio de Janeiro tem uma mesma percepção de Hitler e do Partido Nazista. Neste momento, as ideias são postas de forma mais contundente em um e menos incisiva em outro, mas é comum a forma de apresentar tanto o partido como seu líder.

É possível perceber quais são essas opiniões que convergem. Em primeiro lugar, embora não fossem os únicos candidatos na eleição, eram somente sobre Hitler e Hindenburg as notícias publicadas. Além disso, era bastante comum a comparação entre os dois, sempre se referiam ao nazista com adjetivos que o inferiorizava em relação ao candidato Hindenburg. Hitler era visto como um político pouco experiente, “agitador de ideias”, interessado em “aventuras revolucionárias”, “fremente de demagogias”, “racista” dando sempre a impressão de ser uma pessoa com poucas condições de ocupar um cargo de extrema importância na Alemanha. Quanto as suas atitudes, esperavam sempre que ele agisse com violência e força.

---

<sup>95</sup> *Correio da Manhã*, 12/04/1932, 11451, p. 1.

<sup>96</sup> *Diário de Notícias*, 12/04/1932, 00660, p. 1.

Quanto a Hindenburg, os jornais sempre se referiam a ele como o candidato que traria tranquilidade e paz à Alemanha e à Europa. Com ele, seriam evitados os conflitos que poderiam levar a outra guerra e o bom relacionamento entre a Alemanha e outros países europeus poderia ser negociado. Davam sempre a impressão de que se ganhasse a eleição, a democracia estaria salva e a Constituição alemã preservada. Argumentava também que essa forma de governo era a única possível aos povos civilizados e que buscavam o progresso. Era sempre lembrado a sua vida pregressa no exército alemão e que o marechal havia tido grande importância para Alemanha durante a guerra.

Nesses impressos era também comum que publicassem opiniões de jornais estrangeiros que se referiam às eleições presidenciais na Alemanha. Os impressos franceses e ingleses apareciam com maior frequência e um pouco menos jornais americanos. Essas opiniões eram sempre de preocupação com a vitória de Hitler, embora não acreditassem nela, porque caso isso acontecesse sabiam que a diplomacia entre seus países e a Alemanha seria de conflitos, podendo até mesmo resultar em outro conflito e suas indenizações acordadas ao final da primeira guerra não seriam pagas, conforme Hitler ponderava em seus discursos. Após a confirmação da vitória de Hindenburg no 2º turno, as opiniões desses jornais estrangeiros eram de alívio.

Outra característica em comum nesses jornais era a preocupação com o aumento de votos de Hitler quando comparado com as eleições de um ano antes, por exemplo. Essa conquista dos nazistas era justificada pela crise financeira que se tornava cada vez pior na Alemanha, agravada pelas pesadas exigências dos tratados assinados ao término da grande guerra, como o pagamento de indenizações e diminuição de poder militar. Era sempre publicado que as indenizações alemãs eram pesadas e que deveriam ser revistas porque elas poderiam causar outro conflito.

Embora, utilize das mesmas agências de notícias para a formulação de suas reportagens, essa não é uma explicação decisiva para o fato de suas ideias serem parecidas. Como será discutido nos próximos capítulos, os pontos de vista sobre Hitler e o NSDAP vão se alterar nos jornais aliados no decorrer da trajetória dos nazistas, passando os jornais a apresentarem posições divergentes entre si, apesar de continuarem a utilizar as mesmas agências de notícias, terem um mesmo perfil jornalístico e identidade política muito parecida.

## CAPÍTULO III: A IMPRENSA, “A NOITE DAS FACAS LONGAS” E A MORTE DE HINDENBURG

### 3.1 Ascensão de Hitler e a consolidação de seu poder

Em 30 de janeiro de 1933, Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha de forma legal, como passou a desejar após a tentativa fracassada do “Golpe da Cervejaria” no início da década de 1920. Ao contrário dos que interviram junto a Hindenburg para sua nomeação imaginavam, Hitler não seria facilmente controlado e passou a agir de forma a consolidar o seu poder dentro do novo governo. Uma série de medidas foi tomada para que seu objetivo fosse alcançado. A primeira delas foi a dissolução do *Reichstag* e a marcação de uma nova eleição para o dia 05 de março, acreditando que nela alcançaria a maioria nazista nas cadeiras do Parlamento.

No entanto, alguns dias antes da eleição acontecer, em 27 de fevereiro de 1933 um holandês chamado Marianus van der Lubbe, incendiou o prédio do Parlamento. Logo, Hitler acusou os comunistas de incendiarem o *Reichstag* com a intenção de iniciarem um levante e assinou um decreto de emergência “Decreto para a Proteção do Povo e do Estado” que suspendia os direitos constitucionais como a liberdade de imprensa e de reunião, suspendia a privacidade das correspondências e permitia buscas em residências sem mandados judiciais<sup>97</sup>. A partir daí, a repressão que os comunistas sofriam por parte do governo passou a ter embasamento legal. Após as eleições, outra medida foi tomada por Hitler para que seu poder se tornasse mais forte. Em 23 de março de 1933 foi aprovado no Parlamento a “Lei de Exceção” que concedia plenos poderes legislativos e executivos a Hitler. Essa lei foi a base para Hitler pôr em prática um governo ditatorial.

Alguns dias depois, entre o final de março e início de abril de 1933, outra lei foi promulgada pelo chanceler e esta determinava que os governos estaduais, que haviam sido eleitos, fossem substituídos por governadores escolhidos por Hitler e nomeados por Hindenburg. Pouco menos de um ano depois os governos estaduais passaram a serem oficialmente apenas subdivisões administrativas<sup>98</sup>.

---

<sup>97</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 146.

<sup>98</sup> Antes os governadores dos estados tinham certa autonomia para governarem. Após essa decisão de Hitler os estados foram dissolvidos e passaram a ser subordinado ao governo central. Ver STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 151.

Em 7 de abril de 1933 foi instaurada a “Lei de Restauração do Serviço Público Profissional” que afastava de seus cargos todos os funcionários que fossem considerados nocivos ao novo governo, como judeus, comunistas e democratas. Essa lei afirmava que esse expurgo precisava ser feito para que o profissionalismo do serviço público fosse restaurado<sup>99</sup>. Universidades e escolas também foram afetadas com a tal lei, tendo como consequência o afastamento de professores marxistas com a justificativa de ser preciso que os mesmos fossem “despolitizados” e que isso defendia a liberdade de expressão e investigação<sup>100</sup>.

Os sindicatos e todas as outras organizações e associações foram substituídas por outras organizações controladas pelo nazismo<sup>101</sup>. Os sindicatos foram substituídos pela “Frente Nacional do Trabalho”, uma organização controlada pelos nazistas e não por trabalhadores, ficando proibida a formação de novos sindicatos pela “Lei da Reorganização do Trabalho Nacional” que foi promulgada em 20 de janeiro de 1934. Como acontece em qualquer governo ditatorial, os partidos foram sendo dissolvidos, uns por pressão da lei, como os comunistas, marxistas e democratas social, outros acusados de traição ou por pressão do governo e da opinião pública como o DNVP, DDP e DVP<sup>102</sup>.

Quanto ao Partido Nazista, único partido permitido, era protegido por dois grupos paramilitares: a S.A. – *Sturmabteilung* e a S.S. – *Schutzstaffel*. O líder da S.A. Ernest Röhm, declarava com certa frequência que a revolução não estava terminada com a ascensão de Hitler ao cargo de chanceler e que os membros do grupo deveriam concluir essa revolução. Hitler teve bastantes divergências com Röhm. Em primeiro lugar porque a S.A competia com o exército e com os próprios líderes do Partido Nazista, inclusive com Hitler. Röhm fazia críticas públicas às lideranças nazistas e ao exército alemão, declarando que tinha por objetivo que os camisas-pardas, como eram conhecidos os membros da S.A., constituíssem uma milícia alemã, substituindo o exército. Além disso, membros da S.A. agiam com bastante violência nas ruas alemãs e a população não estava confortável com essa situação.

Após forte pressão de setores importantes da Alemanha, até mesmo do chefe do Exército, Blomberg, que ameaçou convencer Hindenburg a declarar lei marcial e fazer com que o exército passasse a governar o país, Hitler decide depor Röhm<sup>103</sup>. E isso é feito em 30 de junho de 1934 em uma ação planejada com antecedência por Hitler e pela S.S.<sup>104</sup> O

---

<sup>99</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, pág. 151.

<sup>100</sup> Ibid., 2002, p. 152.

<sup>101</sup> Ibid., 2002, p. 153.

<sup>102</sup> Ibid., 2002, p. 154.

<sup>103</sup> EVANS, RICHARD J. **Terceiro Reich no Poder**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016, p. 49.

<sup>104</sup> Ibid., 2016, p. 55.

chanceler, junto com membros da S.S., vai ao Hotel Hanselbauer em BadWiessee onde se encontrava Röhm e outros membros camisa-pardas, entrando no quarto do líder da S.A. e dando a ele voz de prisão. Seguiu-se a essa atitude, várias prisões e assassinatos. Alguns líderes da S.A. não sabiam que suas detenções e mortes estavam sendo ordenadas por Hitler. Eles acreditavam que era uma atitude tomada pelo exército, por isso, alguns juravam lealdade ao nazista mesmo no momento do fuzilamento<sup>105</sup>. Em 1º de julho, como Röhm não quis cometer suicídio, foi assassinado por membros da S.S. na própria cela em que estava. Outros membros da S.A. também foram assassinados. Além do líder e de membros da S.A., outros inimigos políticos de Hitler foram presos e executados: von Schleicher e sua esposa, o general Kurt von Bredow, Erich Klausener, Gregor Strasser. Lideranças da S.A. em todos os estados da Alemanha foram executadas<sup>106</sup>. Por motivações pessoais foram executados também críticos do regime e inimigos pessoais que haviam, de alguma maneira, tentado impedir o avanço do nazismo<sup>107</sup>.

A justificativa para a carnificina, segundo alegou Goebbels nos dias seguintes à ação, é que havia uma conspiração liderada por Röhm e Schleicher para executarem uma segunda revolução que faria a Alemanha mergulhar no caos<sup>108</sup>. Hitler também disse que Röhm, Schleicher, Strasser e o governo francês estavam conspirando contra ele. Esses discursos foram sendo publicados no decorrer dos dias. Mesmo havendo a certeza de que o ato foi ilegal, as autoridades judiciárias não tentaram em nenhum momento frear as atitudes do chanceler. O expurgo aconteceu com as pessoas sendo assassinadas sem que tivessem sido submetidas a nenhum procedimento legal. O *Reichstag*, ao contrário, aprovou uma resolução que também foi aprovada por Hindenburg, onde dava legalidade ao ato, inclusive de forma retroativa. Após essa ação qualquer pessoa que criticasse a ação do governo poderia ser detida. A imprensa alemã divulgava com frequência ameaças a qualquer pessoa que provocasse agitações ou espalhasse boatos.

Um mês após o expurgo da S.A. e da demonstração de força de Hitler, o acaso favorece o nazista, dando a este a possibilidade de assumir definitivamente o poder sem que ninguém o impedisse. No dia anterior à morte de Hindenburg em 1º de agosto de 1934, sabendo da saúde bastante debilitada do presidente e que sua morte era questão de dias, Hitler e o gabinete se reúnem e decidem sobre um decreto que juntava os cargos de presidente e

---

<sup>105</sup> Ibid., 2016, pág. 60.

<sup>106</sup> Ibid., 2016, pág. 53 e 54.

<sup>107</sup> Ibid., 2016, pág. 55.

<sup>108</sup> Ibid., 2016, pág. 56.

chanceler e transferia todos os poderes do presidente para o chanceler<sup>109</sup>. No dia seguinte, já confirmada a morte do marechal, Hitler apresenta a lei que o torna chefe do Estado com as Forças Armadas jurando fidelidade a ele. Esse juramento significou muito mais que aparentava. A partir de então, o líder nazista passou a representar uma suposta vontade de todo o povo passando por cima das pretensões individuais. As instituições legais e a lei não precisavam mais ser respeitadas e obedecidas. Além disso, com o juramento do Exército, todas as ordens de Hitler deveriam ser obedecidas, sendo elas legais ou não.

### **3.2 A imprensa e “A Noite das Facas Longas”**

Após a nomeação de Hitler a chancelaria, sua imagem passa a ser distinta entre os jornais analisados e até mesmo dentro de um mesmo jornal, principalmente a partir do ano de 1934. Se até 1933 os jornais analisados apresentavam uma imagem de Hitler como sendo um demagogo, sem experiência política e, portanto, incapaz para ocupar qualquer cargo político, além de ser uma séria ameaça à democracia para a Europa e para o mundo, como foi visto no capítulo I, após sua nomeação a chancelaria e as suas demonstrações de poder, Hitler passa a não ser mais visto assim. No evento “A Noite das Facas Longas” e na morte de Hindenburg que aconteceram com diferença de pouco mais de um mês, poderemos confirmar essa mudança da imagem de Hitler nos impressos quando comparamos com o período das eleições presidenciais alemã, em 1932, analisado no capítulo anterior.

As notícias sobre “A Noite das Facas Longas” foram sendo construídas nos jornais analisados conforme iam chegando os telegramas das agências de notícias e de acordo com as informações que eram liberadas na Alemanha. Às vezes em uma mesma página de um jornal eram publicadas notas, umas seguidas das outras, que desmentiam as anteriores<sup>110</sup>. A consolidação das notícias também sofreu interferência do próprio governo alemão porque houve momentos em que o Ministro da Propaganda Goebbels proibiu que informações saíssem do país com a justificativa de que poderiam ser publicadas notícias mentirosas. Nos primeiros dias, as informações trazidas pelas agências de notícias para os jornais cariocas eram as mesmas que foram divulgadas pelo Departamento da Imprensa Nazista. Por isso, as notícias sobre o acontecimento do dia 30/06/1934 nas primeiras edições dos jornais foram

---

<sup>109</sup> Ibid., 2016, p. 62.

<sup>110</sup> No jornal *A Noite*, a percepção de como foram consolidadas as notícias através das agências de notícias pode ser melhor percebida, como veremos no decorrer da dissertação, porque o impresso possuía quatro edições diárias onde as informações eram atualizadas conforme chegavam os telegramas em cada edição. As agências utilizadas pela *A Noite* eram U.P. e Havas.

sendo divulgadas ainda com informações desencontradas e sem terem certeza do que exatamente tinha acontecido.

No *Correio da Manhã*, as primeiras informações tratam de “graves acontecimentos”<sup>111</sup> por causa de um “mal estar reinante na Alemanha”. As notícias publicadas são da agência de notícias Havas, mas em grande parte, as informações que a agência traz são baseadas nas notas do Departamento Oficial de Imprensa do Partido Nazista. Neste momento, a Havas utiliza somente o que é dito pela imprensa nazista. Nessas notícias, sob o ponto de vista do governo alemão, o episódio da noite anterior teria sido provocado por elementos isolados que, através de um *complot* político, queriam provocar um atrito entre as tropas de assalto e o Estado. Além disso, Röhm, líder da S. A. e que tinha toda a confiança de Hitler nada fez para impedir, ao contrário, fez com que esse *complot* acontecesse. Diz também que o líder da S. A. tem “infelizes tendências que eram bem conhecidas” e que em combinação com o general Schleicher e a diplomacia de uma potência estrangeira, não é dito qual, pretendiam negociar contra a Alemanha. Por conta de tal situação, Hitler foi obrigado a intervir com prisões. No momento das prisões, “houve cenas penosas do ponto de vista moral”, alguns dos líderes da S.A. se encontravam em companhia “de rapazes de máos costumes”.<sup>112</sup>

Em outro trecho da primeira página do *Correio da Manhã*, também baseada em informações de um comunicado da imprensa nazista, outra explicação para a atitude de Hitler na noite do dia 30/06/1934, havia sido provocada também por Röhm, mas por outro motivo além do *complot*. Esse motivo era por ser ele um indivíduo “anormal” e de “costumes extravagantes” porque tinha relacionamentos amorosos com outros homens, sendo esses casos de conhecimento de toda Alemanha, inclusive do próprio chanceler que confiou o comando da tropa a ele. No entanto, a situação ficou escandalosa demais e Hitler foi obrigado a uma atitude mais enérgica.

O comunicado oficial publicado pelo Departamento de Imprensa do Partido Nazista é tão altamente significativo do verdadeiro estado de obnubilação moral dos líderes nazis que muita gente ao lê-lo ficará bestificada. O capitão Roehm, antigo commandante em chefe seções de assalto que acaba de cair em desgraça foi sempre tido na Alemanha como um indivíduo profundamente anormal, já tendo sido

---

<sup>111</sup> As primeiras informações do jornal A Noite também dizem que havia acontecido “Gravísimos acontecimentos na Alemanha”, mas diz que as informações não eram muito concretas. Sabia-se que Röhm havia sido preso e suspenso de suas funções por infidelidade a Hitler. Informa também que Schleicher assassinado.

<sup>112</sup> *Correio da Manhã*, 01/07/1934, 12146, p. 1.

processado alguns anos atrás por se achar envolvido com dois rapazes num caso escabroso.<sup>113</sup>

Na edição seguinte, do dia 03/07/1934, havia notícias ainda sendo baseadas em informações da imprensa nazista e também de correspondentes de outros países. E essas notícias ainda são desconstruídas, como é demonstrado no título da primeira página do jornal: “Apesar do governo de Berlim dar como terminada a conspiração de Munich, ainda circulam notícias no estrangeiro que não são igualmente tranquilizadoras.”<sup>114</sup>. Nesta edição em uma notícia da Havas tem destaque às informações de um enviado do “Telegraf” de Viena, que diz que o clima que paira sobre a Alemanha é o mesmo dos dias de guerra e que em toda a Baviera, viam-se policiais e membros das tropas de Hitler fortemente armados, não havendo quase nenhum civil circulando pelas ruas. O mesmo também fez uma entrevista com um chefe nazista que afirma:

Não tenho autoridade para fazer declarações políticas, mas posso afirmar que a revolução está terminada. O ‘Fuehrer’ está mais forte do que nunca. Os traidores tiveram o castigo merecido. Não se tratava somente de anormais mas de verdadeiros loucos. Tivemos também perdas, caminharemos sempre para a frente com o ‘Fuehrer’ e para os nossos ideais.<sup>115</sup>

No terceiro dia de publicação do *Correio da Manhã*, sobre os acontecimentos do dia 30/06/1934, as notícias destacadas pelo jornal são as baseadas em informações trazidas pela agência Havas. Nessa edição, no entanto, não mencionam mais o Departamento da Imprensa Nazista. Uma dessas reportagens, lançada na primeira página, trata da narração de um enviado austríaco do “Telegraf” que visitou a Vila Wiesel, local em que aconteceu a prisão de Röhm e as prisões e assassinatos de outros líderes da S.A. O jornalista descreve que viu no quarto, manchas de sangue por todo lado e diz que “Respirava-se o ar da noite de S. Bartolomeu”<sup>116</sup>.

Neste momento, é possível perceber que as informações sobre o acontecimento da noite do dia 30/06/1934 na Alemanha foi consolidado no *Correio da Manhã* através da agência de notícias Havas e que esta baseava suas informações, principalmente no primeiro dia após o evento, em notas publicadas pelo Departamento de Imprensa do Partido Nazista.

---

<sup>113</sup> *Correio da Manhã*, 01/07/1934, 12146, p. 1. Este trecho é uma nota assinada pelo redator do jornal *Correio da Manhã* cuja opinião está baseada em um comunicado oficial da Imprensa nazista que se encontra publicada nesta mesma página.

<sup>114</sup> *Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 1.

<sup>115</sup> *Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 1.

<sup>116</sup> *Correio da Manhã*, 04/07/1934, 12148, p. 1.

Dessa forma, é demonstrado que o impresso reproduziu, mesmo que por um pequeno período, a versão dos nazistas para explicar “A Noite das Facas Longas”.

No *Jornal do Brasil*, as primeiras notícias, que são baseadas em informações das agências de notícias Havas, U.P. e A.B. tratam do evento do dia 30/06/1934 como “graves acontecimentos na Alemanha” e informa que “divergências e incidentes” entre os líderes do alto escalão nazista resultaram em graves acontecimentos e que Hitler, junto com vonPapen e Goebbels, conseguiram contornar a situação eliminando qualquer tipo de consequência que poderia ter havido. Nesse primeiro momento, para o *Jornal do Brasil*, vonPapen não estaria envolvido em tais acontecimentos. Diz também que o conflito provocado pelos Capacetes de Aço e as Tropas de Assalto Nazista, tendo como líder Franz Stedet, Ministro do Trabalho e pelo capitão Ernest Röhm, líder da S.A., foi “solucionado amistosamente”. Além disso, a ação rápida de Goering, que na ausência de Hitler estava autorizado a decidir sobre qualquer problema, foi determinante para que não se instalasse uma guerra civil na Alemanha<sup>117</sup>.

A página do dia 01/07/1934, está quase toda ela preenchida de pequenas notas referentes ao acontecimento da noite anterior na Alemanha. Cada uma dessas notas são informações trazidas pelas diferentes agências de notícias que são utilizadas pelo *Jornal do Brasil*. Neste primeiro dia de notícias, diferentemente do jornal *Correio da Manhã*, nas notas trazidas pela Havas não é declarado se as informações são ou não baseadas nos comunicados oficiais do Departamento de Imprensa Nazista. Em uma dessas notas trazidas pela Havas diz que Goering, em uma reunião com representantes da imprensa, declarou que as fronteiras estão fechadas com objetivo de impedir que informações mentirosas fossem transmitidas para outras partes do mundo<sup>118</sup>.

No *Jornal do Brasil*, os casos homossexuais de Röhm não foram nem citados em suas páginas, nem mesmo nas notas da Havas que é a mesma agência de notícias utilizada pelo *Correio da Manhã*. Para o *Jornal do Brasil*, essa questão não foi importante para a decisão tomada por Hitler na noite de violência a que submeteu a Alemanha. Em uma nota da U.P., o motivo para Hitler ter agido assim foi porque “O capitão Röhm, chefe do Estado Maior das tropas de assalto nazistas, tentou, revoltar os milicianos contra o chanceler Hitler.”<sup>119</sup> Na explicação para tal fato, assim como no *Correio da Manhã*, Röhm também estaria envolvido, mas, nesse caso porque o mesmo havia planejado um golpe contra o governo de Hitler com o apoio da tropa de assalto S.A. que já estava insatisfeita com as

---

<sup>117</sup> *Jornal do Brasil*, 01/07/1934, 00155, p. 6.

<sup>118</sup> *Jornal do Brasil*, 01/07/1934, 00155, p. 9.

<sup>119</sup> *Jornal do Brasil*, 01/07/1934, 00155, p. 9.

atitudes do nazista no governo<sup>120</sup>. Assim, a atitude de Hitler foi para impedir que a Alemanha mergulhasse numa guerra civil.

O governo do Sr. Adolf Hitler sofreu hoje o seu primeiro golpe serio com a rebelião verificada no seio das tropas de assalto, constituídas de dois milhões e meio de soldados, e que vinham apoiando francamente desde a ascensão do partido nazista no poder<sup>121</sup>.

Nos jornais também há informações que a conspiração envolvia outras pessoas. Além de Röhm estaria envolvido também nessa tentativa de golpe, o ex chanceler Schleicher e representantes de outro país sem dizer qual.

Ainda nesta mesma edição, em uma nota da U.P., há informações de que “O governo do Sr. Adolfo Hitler sofreu hoje o seu primeiro golpe serio”<sup>122</sup> acontecido no interior de suas tropas de assalto. Grande número de membros da tropa de assalto liderados por Röhm havia se revoltado contra o governo “por motivos que ainda não foram suficientemente esclarecidos”. Diz também, em uma nota da U.P., que tais acontecimentos causaram grande agitação na população alemã provocando os “mais aterradores boatos” e que a imprensa alemã está proibida de fazer qualquer comentário relacionado ao evento.<sup>123</sup>

No segundo dia de notícias sobre “A Noite das Facas Longas”, além das agências de notícias das agências U.P. e A.B., há também uma nota da Havas que contém as informações de um enviado do “Telegraf” à Alemanha, cujo texto é o mesmo que aparece no *Correio da Manhã*. Nesta edição as notas com informações trazidas pela Havas, têm seus textos iniciados com “a imprensa alemã” ou “O Departamento de Propaganda do Partido Nazista”. Isso significa que as informações passadas pelo *Jornal do Brasil* também são as mesmas divulgadas pela imprensa nazista. Em uma dessas notas é afirmado que Hitler é homenageado pela imprensa alemã por sua “energia” e “rapidez” na ação em que reprimiu “elementos políticos perigosos”. Em outra pequena nota, desta vez da U.P. há a informação de que “Reina a mais perfeita tranquilidade em Berlim” onde a única demonstração de ter havido algo no dia 30/06/1934 era a presença de policiais armados nas esquinas das ruas da cidade e que a população parecia tranquila<sup>124</sup>.

Há também nessas páginas a publicação de opiniões da imprensa de outros países, como a França, Estados Unidos e Inglaterra. Na França, a opinião é de que Hitler exerceu

---

<sup>120</sup> A mesma impressão é publicada no jornal *A Noite*. Na notícia há a informação de que Hitler havia sofrido o primeiro golpe que não se concretizou porque ao saber do movimento se antecipou aos acontecimentos e deu ordens para que o golpe fosse evitado. (*A Noite*, 30/06/1934, 08115-3ª ed., p.1).

<sup>121</sup> *Jornal do Brasil*, 01/07/1934, 00155, p. 9.

<sup>122</sup> Essa nota da U.P. publicada no *Jornal do Brasil* é exatamente a mesma nota publicada pelo jornal *A Noite*. Conferir em *A Noite*, 30/06/1934, 08115, 3ª ed., p. 1.

<sup>123</sup> *Jornal do Brasil*, 01/07/1934, 00155, p. 9.

<sup>124</sup> *Jornal do Brasil*, 03/07/1934, 00156, p. 9.

repressão tanto sobre direita quanto sobre a esquerda e que a Alemanha caminha para se tornar o mesmo país que foi quando provocou a guerra em 1914<sup>125</sup>. Já nos Estados Unidos, os acontecimentos na Alemanha são descritos como um “horror” e que serviram para tornar o país ainda mais misterioso<sup>126</sup>. Em relação aos jornais londrinos, esses demonstram simpatia pela atitude de Hitler.

O “Times”, o “Daily Telegraf” e o “Daily Mail” manifestam sua aprovação pelos processos usados pelo chanceler Hitler contra os conspiradores.

O “Times”, principalmente mostra grande simpatia pela causa do governo alemão e afirma que a conspiração, uma vez fracassada, determinou uma limpeza no movimento nacional-socialista, pelo aniquilamento dos elementos prejudiciais que se achavam indevidamente integrados na sua direção<sup>127</sup>.

No terceiro e quarto dias de notícias sobre o dia 30/06/1934 as informações são contraditórias. Em uma nota da Havas, há o relato de um enviado à Alemanha pelo “Telegraf” que visitou o quarto em que Röhm havia sido preso no dia 30/06/1934 onde alguns trechos da nota são exatamente iguais ao publicado no *Correio da Manhã*. Em outras notas na mesma página e da mesma agência de notícias (Havas) há a opinião de que apesar do governo anunciar que a conspiração acabou, há também a opinião de que a crise política no governo nazista começará: “Os deploráveis acontecimentos na Alemanha anunciam ao mundo a falência irremediável ao sistema nazista”<sup>128</sup>. Em uma nota da U.P. onde diz que as condições na Alemanha são de tranquilidade é dito também que o que os mais preocupam é saber quem substituiria vonPapen já que o mesmo havia pedido demissão do cargo de vice-chanceler. Em outra nota da agência Havas em que são expostos trechos de um artigo do jornal espanhol “El Debate” e é dito que até mesmo o jornal em questão que simpatizava com o nazismo, se mostrou, depois dos acontecimentos, com dificuldades para entender os motivos de tamanha “brutalidade”. Diz ainda que Hitler, vendo seu prestígio abalado, agiu de forma brutal e que “Isso corresponde perfeitamente à concepção pagã do chefe que tem o racismo: um homem sempre superior e, portanto, sempre pronto a empregar qualquer meio para submeter os que lhe fazem sombra<sup>129</sup>”.

Ao observar as informações trazidas por esses dois jornais sobre o mesmo evento, destacando que, como no primeiro período analisado neste trabalho, ao menos uma das agências de notícias utilizadas pelos jornais é a mesma, é possível perceber que as notícias

---

<sup>125</sup> *Jornal do Brasil*, 03/07/1934, 00156, p. 9.

<sup>126</sup> *Jornal do Brasil*, 03/07/1934, 00156, p. 25.

<sup>127</sup> *Jornal do Brasil*, 03/07/1934, 00156, p. 25.

<sup>128</sup> *Jornal do Brasil*, 04/07/1934, 00157, p. 9.

<sup>129</sup> *Jornal do Brasil*, 05/07/1934, 00158, p. 9.

não têm mais opiniões uniformes sobre Hitler e o Partido Nazista, como aparecia no período das eleições presidenciais em 1932, nem mesmo em uma mesma página do jornal.

A tentativa de explicação para a atitude de Hitler variava de um extremo a outro. Tanto no *Correio da Manhã* como no *Jornal do Brasil* são reproduzidas informações do Departamento de Notícias Nazistas, que obviamente tinham uma visão positiva sobre o acontecimento. Mas, simultaneamente, havia opiniões de jornais de outros países, de agências de notícias (as mesmas que reproduziram as notícias da imprensa nazista) e até de redatores dos jornais que tiveram percepções negativas dos fatos, mesmo utilizando as mesmas agências de notícias que divulgava informações diferentes, produzindo notícias distintas. No entanto, para além da demonstração de como aconteceu a consolidação das notícias nos jornais e da tentativa de explicar a atitude do chanceler Hitler, houve outro aspecto do caso que foi destacado. Esse aspecto se refere às avaliações e projeções sobre o governo de Hitler após as medidas tomadas. A primeira possibilidade foi a de que Hitler provocou o começo do seu próprio fim<sup>130</sup>.

[...]Antes de mais nada deve-se salientar que o nazismo como movimento político específico deixou de existir. Isso, aliás, nada tem de surpreendente, ou de desconcertante, a não ser para os que simplesmente confundem o fenômeno político do nazismo com a personalidade de Hitler. O antigo pintor de paredes que um conjunto de circunstâncias transformou em “creador”, chefe e personalidade simbólica do nacional-socialismo, pôde desde sábado ser considerado como coveiro desse movimento, único, talvez, na história pelo grau o extraordinário de suas profundas e irreconciliáveis contradições internas<sup>131</sup>.

As contradições internas, expressão citada no trecho acima, se dão, segundo o *Correio da Manhã*, pelo fato de que o partido não possui uma “ideologia positiva”, mas apenas um partido que se posiciona contra tudo o que existe, não possuindo um objetivo concreto, sem ter nenhuma posição definida. Sua nomeação para a chancelaria foi obra “de uma intriga habilmente urdida e melhor sucedida”, ou seja, não foi por causa de seus projetos ou habilidades políticas. Ao contrário, foi feito por haver uma pressão grande de setores importantes da Alemanha e porque o governo acreditava que se cedessem à pressão, acalmaria esses setores e fariam com que os ímpetus de Hitler fossem facilmente controlados. Além disso, o jornal afirma ainda que no momento de sua nomeação o partido já estava em crise, que teria se mantido o mesmo após a sua chegada ao poder: “A aggravação incessante

---

<sup>130</sup> No jornal *A Noite* também é publicada a informação de um jornal austríaco que noticia a mesma impressão de que o Partido Nazista está em decomposição e que Hitler teve seu prestígio abalado depois do “dia catastrófico” que viveu a Alemanha, provocado pelo próprio nazista. Ver *A Noite*, 02/07/1934, 08117, p. 3.

<sup>131</sup> *Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 1.

das dificuldades econômicas e financeiras, os contínuos revezes diplomáticos, o mal estar provocado pela completa supressão das liberdades publicas, o surto e a agravação de uma séria questão religiosa”<sup>132</sup>, só fizeram piorar as contradições do partido. Além disso, correntes opositoras dentro do próprio partido iam se fortalecendo. Por isso, “Eis, certamente o que decidiu Hitler, Goering, Blomberg e Seldte a empreender e a executar brutalmente a vasta operação de ‘[t]errorismo’ policial destes últimos dias.”<sup>133</sup>.

O *Correio da Manhã* insiste em lembrar que Hitler, um “ex-pintor de paredes”, foi nomeado à chancelaria pela obra do acaso e que não possuía capacidade para ocupar um cargo tão importante. Já estando o movimento em crise no momento de sua nomeação, por causa das contradições que se construía no interior do próprio partido que resultaram em correntes divergentes da posição de Hitler na chancelaria, o nazista não possuía outro meio de se livrar de seus inimigos a não ser pela violência<sup>134</sup>. Por isso, a decisão de Hitler de eliminar seus principais adversários através de prisões e assassinatos, demonstrou que ele não possuía outra forma de combater seus inimigos. O *Correio da Manhã*, em uma nota da Havas, publica um trecho de uma entrevista de Kurt Rosefeld, ex-ministro da Justiça da Prússia, que caracteriza o regime nazista como uma “selvageria”<sup>135</sup>. Em algumas páginas depois dessa mesma edição há uma nota onde diz que Hitler não passa de um brinquedo nas mãos de Goering<sup>136</sup>. A mesma opinião aparece no *Jornal do Brasil*. Em uma nota assinada por Benjamim Costallat, o mesmo afirma que apesar de considerar a Alemanha um exemplo de progresso e organização, o país estava vivendo um momento de grande violência e que embora a política interna alemã não interessasse a ninguém, ele não poderia deixar de registrar pelo que estava passando a população. E vai além ao afirmar que a violência dos atos de Hitler acaba por enfraquecê-lo e afetam os princípios básicos do indivíduo: “Os processos de Hitler, que atentam contra todos os princípios de liberdade, estão começando a produzir os frutos naturais da intolerância”<sup>137</sup>. Assim, os jornais analisados demonstram que recaem sobre a população os efeitos nocivos das atitudes dos nazistas.

Além das informações trazidas pelas agências de notícias, no *Correio da Manhã* são publicados três artigos de Costa Rego durante a semana posterior em que aconteceu “A Noite

---

<sup>132</sup>*Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 1.

<sup>133</sup>*Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 1.

<sup>134</sup> O jornal *A Noite* também faz referência a violência dos atos do governo quando publica a opinião de um jornal espanhol que afirma ter sido uma “brutalidade” os acontecimentos da noite do dia 30/06/1934 na Alemanha. Ver *A Noite*, 04/07/1934, 08119-2ª ed., p. 1.

<sup>135</sup>*Correio da Manhã*, 07/07/1934, 12151, p. 2.

<sup>136</sup>*Correio da Manhã*, 07/07/1934, 12151, p. 7.

<sup>137</sup>*Jornal do Brasil*, 03/07/1934, 00156, p. 5.

das Facas Longas” que reforça a explicação do por que a carreira política de Hitler estava entrando em decadência. Os artigos são: “O que não morrerá”, do dia 03/07/1934; “O fim de Hitler”, do dia 06/07/1934; e “Os fortes e os vingativos”, do dia 07/07/1934. No artigo do primeiro dia, o autor explica qual motivo teria a S.A. para se rebelar contra Hitler. A S.A. da mesma forma que ajudou a colocar Hitler no poder serviu também para ajudar a tirá-lo de lá. Isso porque o governo de Hitler já não servia mais para a Alemanha e por ser um regime ditatorial não podia ser substituído como os são na forma democrática de governo. Por isso, o que a S.A. fez “Foi uma operação eliminadora que se preparou contra Hitler”. Sabendo o que estava por vir, o nazista se defendeu de forma “[...] enérgica, sanguinosa, no estylo, bem alemão, do colossal. [...] É um triunfo. Não é, porém, um desfecho. Em geral, os governos matam quando estão para acabar”<sup>138</sup>

Em seguida, Rego explicita todos os motivos que o fazem crer no fim do movimento hitlerista. Em primeiro lugar, parte da culpa para esse desfecho recai sobre o líder do movimento, Adolf Hitler, a quem mais uma vez é dito que não é um homem preparado intelectualmente para a política. “O prognostico do hitlerismo é sombrio, e isto porque lhe faltou sempre o conhecimento de um ramo das sciencias sociais. Entre as muitas coisas que ignora, Hitler não sabe psychologia”<sup>139</sup>.

Hitler continua sendo comparado a Mussolini, assim como no primeiro período analisado neste trabalho. E continua sendo inferiorizado em relação ao italiano, mesmo sendo este também líder de um movimento ditatorial, sua maneira de governar é elogiada por Costa Rego.

O paralelo com Mussolini tão do encanto dos nazistas quando falam de Hitler, explica as diferenças entre os dois fenômenos europeus de dictadura: Hitler é um antigo pintor de portas e fachadas; Mussolini é um antigo professor. A estrella de Hitler vacilla; a de Mussolini, comquanto mais antiga, vae conservando sua vivacidade.

A origem antagônica dos dois homens mostra o valor da cultura nas realizações do governo. É evidente que Hitler é um fascinado de sua força e Mussolini, ao contrário, é um fascinador. O primeiro investe contra os homens; o segundo conquista-os.<sup>140</sup>

Em segundo lugar, Hitler agiu de forma violenta e ilegal perante às leis, matando pessoas, demonstrando que essa é a única maneira de resolver os problemas do governo. No artigo do dia 06/07/1934, Rego afirma que embora as pessoas eliminadas não sejam “pessoas

---

<sup>138</sup> *Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 2.

<sup>139</sup> *Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 2.

<sup>140</sup> *Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12197, p. 1.

interessantes”, a atitude de Hitler foi exagerada, executando seus adversários sem processo e que isso não é cumprir uma pena, mas sim assassinar, sendo essa maneira a “sua única força”<sup>141</sup>. Por isso, por causa dessa atitude sua carreira política acabou: “Pouco importa que Hitler ainda se agite. O facto que seu poder encerrou-se. A repressão pura e simples tel-o-ia salvo; o excesso de repressão, agravado pela crueldade, comprometeu-o”<sup>142</sup>.

Por conta disso também, o próprio movimento nazista encontra-se em decadência. E isso não é o único problema de Hitler porque regimes desse tipo, que governam pela força precisam de um chefe também forte e com credibilidade e “Essa perdeu-a Hitler. Perdeu-a agora, aos olhos do mundo; ella faltou-lhe, entretanto, há mais de tempo, quando o partido nazista começou a ser o que se descobriu que era: uma fonte equivocada de delicias abjetas.” O Nazismo, diferentemente do movimento que o inspirou, o Fascismo, não tem um objetivo nacional e isso o fez desde o começo fraco e disperso<sup>143</sup>.

Costa Rego diz ainda que a situação de Hitler piorou quando o general Fritch, chefe do Exército Alemão ameaçou prender Hitler caso ele não parasse de executar sem processo<sup>144</sup>. O autor acredita que essa atitude do general, deixando Hitler sem ter o que fazer, o deixa ainda mais impossibilitado de agir. “Diante dessas consequências Hitler é hoje apenas um prisioneiro que tem licença para andar na rua. Entre seus próprios correligionários, é um homem discutido. O chefe posto em debate começa desde logo, a não chefiar mais nada.”<sup>145</sup>.

Os jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* utilizaram uma agência de notícia em comum para produzirem suas notas: a Havas. No entanto, o *Jornal do Brasil*, além dessa, também publicou um conteúdo produzido pela U.P. e pela A.B. Esses dois impressos publicam notícias muito parecidas entre si, embora em alguns pontos, como por exemplo, quando dizem que Röhm é o pretexto para a atitude de Hitler, deem destaques distintos. Por exemplo, no *Correio da Manhã* a ênfase recaiu no fato de Röhm ter provocado um *complot* contra o governo nazista somado ao fato dele ser homossexual. Já no *Jornal do Brasil*, os casos homossexuais do líder da S.A. não foram relevantes e não foi citado em nenhum momento, o destaque, nesse caso, foi que Röhm teria instigado um *complot* contra o governo.

---

<sup>141</sup> No artigo do dia 07/07/1934, Costa Rego volta a dizer que Hitler iria sofrer um golpe de Estado e que se adiantou agindo de forma ilegal, mandando executar sem processo. Além disso, houve as “razões Moraes”. E dessa forma, por conta disso, o hitlerismo está morrendo. “Há um principio universal de direito que diz que ninguém seracondemnado sem ser ouvido. O hitlerismo condemnou sem processo e...sem ouvir. A um dos indiciados insurrectos, que reclamava altivamente o conselho de guerra – nada menosque o conselho de guerra – os policiaes que o detiverem responderam com a descarga fatal...” *Correio da Manhã*, 07/07/1934, 12151, p. 2.

<sup>142</sup> *Correio da Manhã*, 06/07/1934, 12150, p. 2.

<sup>143</sup> *Correio da Manhã*, 06/07/1934, 12150, p. 2.

<sup>144</sup> Essa informação também aparece no jornal *A Noite*. Ver *A noite*, 03/07/1934, 08118-2ª ed., p. 1.

<sup>145</sup> *Correio da Manhã*, 03/07/1934, 12147, p. 2.

No entanto, o *Diário de Notícias*, embora não tenha utilizado nessas notícias referentes aos acontecimentos na Alemanha, a mesma agência de notícias do *Correio da Manhã*, utiliza as mesmas do *Jornal do Brasil* que utiliza uma agência em comum com o *Correio da Manhã*. O *Diário de Notícias* estampa em suas páginas notícias que, embora sejam relacionadas ao mesmo fato dos outros dois jornais demonstra visões mais uniformes, favoráveis e positivas em relação às atitudes de Hitler.

A “Noite das Facas Longas” foi caracterizada pelo jornal *Diário de Notícias* como “gravíssimos acontecimentos”. Com o título “A quebra de fidelidade ao ‘Fuehrer’” em dois dias seguidos (03/07/1934 e 04/07/1934) já é possível perceber essa diferença. Para o *Diário de Notícias*, Hitler conseguiu impedir que o um plano organizado por Röhm, que tinha por objetivo implantar uma ditadura socialista<sup>146</sup> na Alemanha, apoiado pela S. A., fosse posto em prática. Hitler e Goering agiram de forma rápida e decisiva para impedir que Röhm conseguisse alcançar seu objetivo. “Triunfante<sup>147</sup> a legalidade, é [ilegível] que o chanceler e o primeiro ministro da Prussia desenvolveram grandemente o seu prestígio, que parecia um tanto abalado em face de certos factos que precederam ao levante encabeçado pelo capitão Röhm.”<sup>148</sup>. E por conta dessa atitude a população alemã tem saudado Hitler<sup>149</sup>. O dia 30/06/1934 é avaliado pelo jornal como um dia em que o movimento nazista elimina “elementos indesejáveis” do partido e como um dia de muito sucesso.

Em uma publicação do dia 03/07/1934, uma nota da agência U.P. baseada em informações de um comunicado oficial do governo nazista o *Diário de Notícias* desmente algumas informações que tem chegado à imprensa sobre os acontecimentos alemães, principalmente no que diz respeito ao número de mortos. “As autoridades governamentais se mostram descontentes com a serie interminável de informações tendenciosas que tem sido espalhadas no estrangeiro por certas agencias telegráficas e pelos correspondentes de alguns

---

<sup>146</sup> O mesmo é dito no *Jornal do Commercio*. Ver *Jornal do Commercio*, 02 e 03/07/1934, 00233, p. 1.

<sup>147</sup> O este termo também aparece no *Jornal do Commercio* quando diz que Hitler viveu a semana mais critica do seu governo, mas que ainda assim saiu “triumfante”, conseguindo resolver todos os conflitos. Ver *Jornal do Commercio*, 01/07/1934, 00232, p. 2. Aliás, nos jornais *Diário de Notícias* e *Jornal do Commercio* não são apenas alguns termos ou expressões publicados iguais, mas reportagens inteiras como é possível perceber com as imagens de uma das reportagens expostas no anexo II, p. 98 desta dissertação.

<sup>148</sup> *Diário de Notícias*, 03/07/1934, 02312, p. 1.

<sup>149</sup> Um exemplo de que em um único jornal pode haver opiniões distintas entre os que nele escrevem é o do jornal *A Noite*. Entre várias notícias afirmando que Hitler agiu de forma violenta e que seu governo poderia está em decadência, há também a notícia onde afirma que Hitler ganhou popularidade depois de sua reação ao golpe que estava sendo preparado pela S.A.: “A impressão dominante é de que o chanceler Hitler ganhou em popularidade, graças à energia e à decisão com que agiu indo pessoalmente ao centro de agitação e prendendo alguns dos principais responsáveis.” Ver *A Noite*, 03/07/1934, 08118-4ª ed., p. 2.

jornaes do exterior”<sup>150</sup>. Diz ainda, baseado nesse comunicado nazista, que o número oficial de executados foi de 20 pessoas e que houve muitas mortes provocadas por suicídio<sup>151</sup>:

As autoridades, explicando o numero vultoso de mortes em consequência dos acontecimentos verificados sabbado ultimo, dizem que muitos dos ‘nazistas’ rebeldes se suicidaram, ‘atormentados pelo terrível remorso que os assaltou pela trahiçãocommetida contra o Fuehrer’.<sup>152</sup>

Na edição seguinte, no dia 04/07/1934, em uma nota da U.P., mais uma vez justificam que o número de executados não é tão alto quanto estava sendo publicado.

Segundo inquérito realizado nos círculos officiaes alemães, pôde verificar-se que o numero de mortos ocorridos em consequência dos trágicos acontecimentos que abalaram o Reich durante os últimos dias é muito inferior ao que fazem suppor certas noticias ultimamente divulgadas<sup>153</sup>.

Além disso, afirmam que o número não passa de 50, diferentemente da publicação do dia anterior que se falava de 20 execuções, e que parte dela foi dos “chefes responsáveis pelo movimento de infidelidade ao ‘Fueher’ e de indisciplina contra os princípios que regem o Partido”. Ou seja, os assassinatos não foram da população em geral, mas de pessoas que estavam envolvidas com o governo e que o traíram. E justifica afirmando que “O lado trágico dos acontecimentos fica bastante mitigado se se tiver em vista a emergência nacional e o grave cheque [ilegível] em que se baseia o Terceiro Reich, com o desenlace previsto pelos fomentadores do movimento.”<sup>154</sup>

Em relação ao caso do general Werner von Fritsch, em que os outros dois jornais informam que ele havia declarado que se Hitler não parasse os assassinatos, o prenderia, o *Diário de Notícias*, ao contrário, afirma que todas as notícias que fazem tal afirmação e que estão sendo espalhadas pela imprensa no mundo são falsas<sup>155</sup>.

Desta forma, é possível perceber que o *Diário de Notícias*, mesmo utilizando as mesmas agências de notícias que os outros dois jornais analisados e os outros três que servem como referência de comparação, dão destaque a informações que melhor se adaptem com sua posição política. Em alguns momentos, assim como o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil* reproduzem informações passadas por comunicados oficiais do governo nazista. Há também

<sup>150</sup>*Diário de Notícias*, 03/07/1934, 02312, p. 5.

<sup>151</sup>O mesmo aparece no *Jornal do Commercio* do dia 02 e 03/07/1934, 00233, p. 1.

<sup>152</sup>*Diário de Notícias*, 03/07/1934, 02312, p. 5.

<sup>153</sup>*Diário de Notícias*, 04/07/1934, 02313, p. 1.

<sup>154</sup>*Diário de Notícias*, 04/07/1934, 02313, p. 1.

<sup>155</sup>*Diário de Notícias*, 04/07/1934, 02313, p. 5.

notas, principalmente da agência de notícias U.P., que são publicadas no jornal, exatamente com o mesmo texto em que aparecem nos outros dois jornais.

Assim, o que podemos observar foi a construção de dois enredos pelos órgãos de imprensa mencionados sobre os acontecimentos da noite de 30 de junho de 1934. Em ambos os casos, a explicação para a atitude de Hitler foi baseada na provocação de Röhm, que juntamente com outros membros do próprio governo nazista, inclusive pessoas de confiança do chanceler, assim como era o próprio Röhm, estavam conspirando para derrubar o governo de Hitler. No entanto, no primeiro enredo construído pelos jornais, a atitude de Adolf Hitler havia provocado um massacre na Alemanha. Um alto número de pessoas havia sido assassinado e preso sem nenhum embasamento jurídico legal, deixando a população assustada e as cidades alemãs em clima de guerra. No segundo enredo construído pela imprensa, as informações sobre a “Noite das Facas Longas” dão conta de que somente membros indisciplinados do governo sofreram represálias e que a população estava de fora dessa repressão e que a atitude de Hitler serviu somente para impedir que algo pior acontecesse como uma guerra civil na Alemanha. Ainda segundo as informações divulgadas, nesse segundo enredo, o número de mortes nem foi tão alto como estava sendo divulgado em outros lugares e que esse número era atenuado se se pensasse no bem estar do país. Dizia também que o clima era de tranquilidade nas cidades alemãs.

Em relação à avaliação sobre Hitler e o Partido Nazista após os acontecimentos da noite do dia 30 de junho de 1934, há também a construção de dois pontos de vista. A primeira delas enfatiza que as atitudes de Hitler só demonstraram que o movimento nazista já estava em total decadência e que Hitler somente ajudou a provocar o seu próprio fim. Aliás, a decadência da NSDAP já podia ser vista desde antes de sua nomeação à chancelaria. Isso porque correntes opostas se constituíam no interior do partido por divergências ideológicas. Além disso, questões financeiras, religiosas e diplomáticas também provocavam desacordos no partido. Essa divergência no interior do partido, segundo Costa Rego, jornalista do *Correio da Manhã*, fez com que a S.A. se rebelasse contra o governo porque perceberam que Hitler não servia mais a Alemanha e que por ser esse um governo ditatorial só poderia ser substituído através de um levante. Sabendo que haveria essa tentativa, Hitler agiu de forma violenta. Além disso, o chanceler não saberia se comportar de outra forma porque não possuía preparo intelectual para a política e a única maneira que o mesmo encontrou para combater seus inimigos seria eliminá-los através de assassinatos e prisões. Disse ainda que governos assim matam quando estão para acabar.

A segunda avaliação que é feita após a “Noite das Facas Longas” é totalmente oposta à primeira. Segundo esse ponto de vista, a atitude de Hitler foi explicada como uma forma de impedir que Röhm derrubasse seu governo e colocasse em prática o seu plano de implementar uma ditadura socialista na Alemanha. Sabendo desse plano, Hitler havia reagido de forma rápida e decisiva, fazendo com que a legalidade prevalecesse sobre a “quebra de fidelidade a Hitler”. Ou seja, os assassinatos e prisões efetuados pelo governo nazista foram considerados atos legais, de acordo com essa avaliação. Além disso, essa reação do chanceler foi vista como uma maneira de aumentar o prestígio de Hitler entre a população alemã, que estava abalada por conta de atitudes da própria S. A., além de eliminar pessoas que estivessem em discordância com as atitudes de Hitler no governo e que não queriam o bem da Alemanha.

### **3.3 A imprensa e a morte de Hindenburg**

Quando acontece a morte do presidente Hindenburg, em 02/08/1934, os três jornais aqui analisados: *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias* não publicam a mesma quantidade de informações e opiniões desse momento importante da história da Alemanha quanto publicaram na semana da “Noite das Facas Longas”. Grande quantidade dessas reportagens tratam da biografia do presidente Hindenburg, descrevem os detalhes do cortejo fúnebre e do funeral e informam sobre as homenagens prestadas de outros países e da própria Alemanha.

Em relação às opiniões sobre Hitler e Partido Nazista, as mesmas continuam diversificadas. Nesse momento, utilizando as agências de notícias Havas e U. T. B., as afirmações no *Correio da Manhã* são que o presidente morre em um momento em que todo o mundo está apreensivo, “E foi numa hora tão decisiva que a morte o colheu, deixando a solta a inquietude e a irresponsabilidade.” Essa apreensão que se seguiu à morte do marechal se deu por conta de quem iria assumir a direção do país, Adolf Hitler. O presidente era o único que conseguia conter os ímpetos dos nazistas e a partir desse momento, “[...] entraram na posse definitiva da vontade dominada de setenta milhões de seres humanos que serão manobrados ao sabor de um homem cuja índole mal se revela sob o incenso de um séquito de thuriferários inconsequentes”<sup>156</sup>. Mal Hindenburg morreu, Hitler anulou o decreto onde o presidente da Corte Suprema assumiria o cargo de presidente e ele mesmo assumiu o cargo

---

<sup>156</sup>*Correio da Manhã*, 03/08/1934, 12147, p. 1.

dizendo que esperaria o aval da população através de um plebiscito que seria marcado para breve.

Na edição do dia 07/08/1934, há na primeira página do impresso uma nota da Havas que destaca uma entrevista do chanceler Hitler a um repórter do jornal inglês “Daily Mail”, e é dito na nota que foi uma entrevista não programada e, portanto, as perguntas e respostas foram espontâneas. Nela, Hitler afirma que não tem interesse em outra guerra porque a Alemanha sabe bem das consequências e que sua única preocupação é a manutenção de suas fronteiras. O chanceler diz ainda quando perguntado sobre a concentração de poder em suas mãos que “cada anno aproveito uma oportunidade para submeter as minhas atribuições à ratificação do povo, que pódeconfirmal-as ou retirá-las<sup>157</sup>” explicando que assim é porque a Alemanha é um país mais democrata que outros se dizem ser. Diz ainda, sobre os acontecimentos do dia 30/06/1934, que o Partido Nazista ficou mais forte ainda depois das “duras medidas” que foi obrigado a tomar.

A divulgação da imagem de Hitler e do Partido Nazista não são as mesmas nos diferentes jornais, como já foi descrito em várias situações no decorrer deste capítulo. Algumas vezes as opiniões não são iguais em um jornal e nem na mesma edição, como também já foi demonstrado. Mais um exemplo referente a esse aspecto aparece no *Correio da Manhã* onde na maioria dos artigos, Hitler é fortemente criticado por ser um homem incapaz de ocupar um cargo político e que só foi nomeado chanceler por acaso, além de não ter uma posição política definida. Mas, em outro artigo, Heitor Muniz elogia Hitler por algumas características de seu caráter, principalmente a franqueza. E que se o seu governo era violento, o chanceler nunca escondeu que assim seria. Com o título de “Hitler, o chefe supremo”, Muniz começa dizendo que Hitler é “um homem e tanto”, porque ele tem uma “franqueza rude absoluta” e isso seria raro naquele momento de grandes hipocrisias. Afirma ainda que em sistemas democráticos e liberais se utilizam de um vocabulário refinado para convencer as pessoas, mas Hitler, ao contrário, desde sempre foi franco ao dizer o que pretendia. E foi assim que ganhou maior quantidade de votos. Quando vonPapen lhe ofereceu a vice chancelaria, Hitler negou porque pretendia o cargo de chanceler e nunca escondeu que era isso o que pretendia. Diz ainda que provavelmente ele cairá, mas que ainda assim, “na história da Alemanha seu logar não se discute mais”<sup>158</sup>.

Hitler no governo, não engana.

---

<sup>157</sup> *Correio da Manhã*, 07/08/1934, 12177, p. 1.

<sup>158</sup> *Correio da Manhã*, 04/08/1934, 12175, p. 6.

É o governo de violência, e é mesmo.  
Não tem hypocrisia, não tem deslealdade de procurar disfarçar os seus actos de força como o fazem, de ordinário os chefes liberaes das democracias que procuram sempre dar um aspecto de uma justificação jurídica aos seus desmandos como se a ingenuidade do publico tivesse a medida que supõem...<sup>159</sup>

No *Jornal do Brasil*, que continua utilizando as mesmas agências de Notícias: Havas, U.P. e A.B., a imagem divulgada de Hitler continua sendo de apreensão já que agora o chanceler comandaria a Alemanha sozinho. O pesar é ainda maior pela morte de Hindenburg ter acontecido em um momento de dúvidas para o povo alemão. O jornal também lamenta pela morte do presidente, lembrando suas atitudes valiosas durante as batalhas pela qual a Alemanha passou, principalmente durante a I Guerra Mundial.

Sérias são as apreensões que inspira a ascensão à presidência da Republica do chanceler Adolf Hitler aos Estados da Entente Cordiale e da Pequena Entente, os quais receiam graves conflitos internacionais em consequência da politica externa dos nazistas que agora será executada sem opposição de um poder superior representado pelo chefe supremo da nação<sup>160</sup>.

Quando é divulgado que Hitler irá assumir também a presidência, o *Jornal do Brasil* divulga que o nazista está passando por cima da Constituição<sup>161</sup> e que Hitler pretende obter a aprovação da população através de um plebiscito onde é quase certa a vitória, espera-se que, depois disso, as decisões do chanceler-presidente não serão favoráveis às políticas internacionais com a “acentuação de caráter nacionalista do programa governamental e da intransigência da Welhelmstrass [sic]<sup>162</sup> [ilegível] a respeito da politica externa”<sup>163</sup>. O jornal afirma também que se a população aprovar no plebiscito que Hitler deve permanecer no cargo de presidente acumulando com o cargo de chanceler, estará aceitando e compactuando com os assassinatos que aconteceram na “Noite das Facas Longas”.

Em outro artigo escrito por Benjamin Costallat, ainda tratando do plebiscito por meio do qual a população se posicionaria sobre o acúmulo dos cargos de Primeiro Ministro e presidente por Adolf Hitler, é dito que Hitler tem todo poder em suas mãos e que nenhum outro ditador foi mais poderoso que ele “nem mesmo os soberanos que se consideravam

---

<sup>159</sup> *Correio da Manhã*, 04/08/1934, 12175, p. 6.

<sup>160</sup> *Jornal do Brasil*, 04/08/1934, 00185, p. 6.

<sup>161</sup> No jornal *A Noite* também uma publicação de mesma opinião quando divulga a ideia de um jornal russo que diz que a atitude de Hitler, se fazendo sucessor de Hindenburg, viola a Constituição e os Princípios de Direito Alemão e da civilização. Ver *A Noite*, 03/08/1934, 08149-3ª ed., p. 1.

<sup>162</sup> Wilhelmstrasse – É uma importante rua do centro de Berlim que abrigou até 1945 a chancelaria do Reich e o Ministério das Relações Exteriores. Neste trecho da publicação está se referindo ao Ministério das Relações Exteriores.

<sup>163</sup> *Jornal do Brasil*, 04/08/1934, 00185, p. 6.

investidos por direito divino”<sup>164</sup> porque após o juramento de fidelidade das forças armadas ao seu “Führer” ninguém saberá dizer não ao plebiscito que o tornava mais poderoso ainda.

Na edição do *Jornal do Brasil* do dia 07/08/1934 há uma nota na seção “Do Exterior” intitulada “Os propósitos pacíficos da Alemanha” que não é assinada e nem foi baseada em informações enviadas por nenhuma agência de notícias. Nessa nota é dito que apesar de Hitler, dos outros estadistas e publicitários alemães, incluindo a imprensa nazista, tentarem convencer em seus discursos e propagandas que almejam a paz e a harmonia com as outras nações, demonstram que esse desejo de paz é no mínimo discutível porque ao mesmo tempo em que fazem isso, descumprem os tratados de paz assinados ao final da I Guerra, principalmente no que diz respeito aos armamentos<sup>165</sup>.

Para o *Diário de Notícias*, que continuava utilizando a agência de notícias U.P. para a publicação das reportagens sobre os acontecimentos na Alemanha, a morte de Hindenburg “virá facilitar a execução de um projecto do chanceler Hitler, qual o da organização da Reforma Federal”<sup>166</sup>, coisa que o marechal vacilava em executar. Diz ainda que a nomeação de Hitler foi uma atitude acertada do marechal porque se deu em um momento em que não havia outra saída, embora, Hindenburg não fosse partidário do nazismo, percebeu que Hitler tinha “maior força política”. Hitler é elogiado pelo jornal quando afirma que, depois de assumir a chancelaria, ele tomou as medidas necessárias para a reconstrução da Alemanha, considerando até mesmo os eventos do dia 30/06/1934, quando eliminou seus adversários. “Entrementes, Hindenburg, como que a um canto, observava cuidadosamente a marcha dos acontecimentos. Muitas das medidas adoptadas pelo nazismo talvez tenham descontentado o velho cabo [sic]<sup>167</sup> de guerra. Mas o certo é que a maioria dellas o convenceram de que o chanceler Hitler e seus auxiliares estavam sinceramente determinados o trabalhar para o bem da pátria”<sup>168</sup>.

Em duas edições do *Diário de Notícias* da semana da morte de Hindenburg há dois artigos em que é demonstrada pelo jornal uma concordância com as atitudes do chanceler Hitler. Os dois artigos estão expostos na seção “Momento Internacional” em dias diferentes e que não é assinado e nem baseado em agências de notícias. O primeiro deles sob o título de

---

<sup>164</sup> *Jornal do Brasil*, 04/08/1934, 00185, p. 5.

<sup>165</sup> *Jornal do Brasil*, 07/08/1934, 00187, p. 6.

<sup>166</sup> *Diário de Notícias*, 03/08/1934, 02339, p. 5.

<sup>167</sup> Embora, nesse trecho, o jornal se referir a Hindenburg, há um equívoco quando o mesmo o adjectiva como “velho cabo de guerra”, pois Hindenburg nunca foi cabo. Ele entrou na escola de cadete na Silésia aos 11 anos, alguns anos depois já era tenente. Ver ROBERT B. ASPREY. **THE GERMAN HIGH COMMAND AT WAR: Hindenburg and Ludendorff Conduct World War I**. New York: WILLIAM MORROW AND COMPANY, INC., 1991, p. 61 e 62.

<sup>168</sup> *Diário de Notícias*, 03/08/1934, 02339, p. 5.

“Os poderes de Hitler”, descreve o que ficou decidido após a morte do presidente e sobre a vacância do cargo. Hitler assumirá os deveres presidenciais, mesmo sem assumir o cargo de presidente porque este “ficará para sempre ligado ao extinto marechal”. Embora, essa decisão não estivesse de acordo com o que era previsto na Constituição de Weimar, a mesma não poderia ser levada em consideração, pois estaria suspensa desde a aprovação pelo Parlamento da lei que concedia ao chanceler a possibilidade de deter todo o poder em suas mãos<sup>169</sup>. Hitler iria criar outra Constituição que enquadrasse com essa nova configuração política, diz no artigo<sup>170</sup>. E a opinião de quem escreveu esse texto é “como dissemos, a solução é perfeitamente lógica. Desde que o sr. Hitler se tornou o senhor supremo do Estado, não tinha mais a quem prestar contas e o cargo de presidente, nas Republicas parlamentares, depende do Parlamento<sup>171</sup>”.

O segundo artigo, do dia 09/08/1934, intitulado “As declarações do chanceler Hitler” faz referência a uma entrevista que Hitler deu ao jornalista inglês do jornal “Daily Mail” onde diz que a Alemanha não quer que aconteça outra guerra porque foi bastante prejudicada e que ainda se encontram “amargando o trágico da grande guerra”, afirmando ainda que só entraria em outra guerra, caso fosse agredido. Diz também que as fronteiras com a França e a Polônia são casos resolvidos. Diferentemente do artigo publicado no *Jornal do Brasil* que diz desconfiar do interesse dos alemães em convencer o mundo que deseja a paz, o *Diário de Notícias*. demonstra alívio quando diz que “As palavras do chanceler germânico são tranquilizadoras [...]”<sup>172</sup>.

Destarte, podemos perceber que assim como aconteceu no mês anterior, na “Noite das Facas Longas”, a morte de Hindenburg provocou duas opiniões distintas e contrárias sobre Hitler e o Partido Nazista: uma opinião favorável às atitudes de Hitler no governo nazista e outra opinião não favorável a essas atitudes. Essas opiniões se referiam sobre a decisão de chanceler em dirigir sozinho a Alemanha, quando o mesmo extingue o cargo de presidente. Para os que não concordam com tal atitude, o momento é de apreensão e preocupação porque milhões de pessoas estarão à mercê das decisões de um homem que não respeita a Constituição. E, se não respeita a Constituição, não respeitaria também os acordos

---

<sup>169</sup> Essa lei ficou conhecida como “Lei de Exceção” ou *Ermächtigungsgesetz* que foi aprovada em pelo Reichstag em 23 de março de 1933 e concedia a Hitler liberdade para decidir sobre qualquer assunto tanto no legislativo quanto no executivo durante quatro anos. Essa lei proporcionou que a ditadura nazista estivesse embasada por meios legais. Ver STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

<sup>170</sup> Embora Hitler afirmasse que permitiria a construção de uma nova Constituição, isso não foi feito.

<sup>171</sup> *Diário de Notícias*, 05/08/1934, 02341, p. 2.

<sup>172</sup> *Diário de Notícias*, 09/08/1934, 02344, p. 2.

internacionais de paz assinados ao final da I Guerra. Hitler é adjetivado de irresponsável e que provoca turbulências, além de continuar sendo criticado pela sua falta de capacidade para ocupar um cargo tão importante. Sobre a opinião favorável em relação à atitude de Hitler sobre o cargo de presidente da Alemanha, é afirmado que Hitler demonstrava que seria bom governador desde sua nomeação à chancelaria quando tomou medidas necessárias para que se reerguesse a Alemanha e que após a morte do presidente Hindenburg, Hitler poderia enfim colocar em prática outros de seus projetos para reconstruir o país, fato que o então presidente não permitia que Hitler fizesse com total liberdade.

Dessa forma, nessa fase da história do Partido Nazista e de Hitler, os jornais analisados constroem múltiplos enredos e até mesmo opostos entre si em relação às decisões de Hitler no cargo de chanceler. Em relação a uma opinião mais antipática a Hitler, a mesma está concentrada nos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Embora haja também nessas páginas informações baseadas na Imprensa Nazista, e, portanto, favoráveis a Hitler, isso não significa que a opinião desses jornais seja também essa. É exposto durante os eventos aqui destacados que Hitler agia de forma violenta e sem respeitar os trâmites legais do judiciário alemão. É descrito também que Hitler, um político sem competência intelectual para o cargo que ocupava, colocava em perigo de conflito armado toda a Europa. Além disso, com tais atitudes, colocava o seu próprio governo e partido em perigo de extinção. Já em relação à imagem mais simpática às atitudes de Hitler estão mais concentradas no *Diário de Notícias*, mas que podem ser vistas também nos outros dois jornais, no entanto, de forma mais escassa. Essa imagem construída é de um político que age de forma correta, sempre dentro da legalidade, e que quando há violência é para a garantia de um bem maior.

## CAPÍTULO IV: A IMPRENSA E A REMILITARIZAÇÃO DA RENÂNIA

Neste capítulo serão analisados os anos de 1935 e 1936, considerado como a fase de consolidação da política externa do governo de Hitler e de expansão territorial. Assim será verificado como os jornais *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias* interpretaram e divulgaram a reocupação da região da Renânia iniciada em 07/03/1936 pela Alemanha, desobedecendo aos tratados de paz assinados ao final da I Guerra Mundial, principalmente os Tratados de Versalhes e Locarno que tratavam especialmente da questão das fronteiras alemãs. A reocupação da Renânia foi uma decisão tomada por Hitler para remilitarizar a região por soldados alemães, fato esse que havia sido proibido desde o fim da I Guerra. A escolha desse evento se deu por considerá-lo um dos principais momentos políticos de retomada territorial do governo do III Reich e que deu início a expansão do império alemão e também de afirmação de Hitler no cenário político externo pela visibilidade internacional que tal fato deu ao chanceler.

### 4.1 Tratado de Versalhes e Tratado de Locarno.

O Tratado de Versalhes foi produzido durante a Conferência de Paris que teve início em janeiro de 1919 e terminou em 28 de junho quando foi assinado. Na votação para a aprovação do texto criado, principalmente pela França e Inglaterra, participaram somente os vencedores da guerra e seus aliados, quanto aos derrotados, restou aceitar e assinar o tratado sem opinar sobre os artigos. Nessa conferência, França e Inglaterra foram as principais interessadas na formulação desse tratado porque a França pretendia enfraquecer a Alemanha economicamente, rever territórios que estavam de posse alemã há tempo por causa de desavenças anteriores e o pagamento de reparações para tentar refazer sua economia destruída durante a guerra. A Inglaterra, no entanto, não tinha pretensão de enfraquecer a Alemanha, ao contrário, pretendia manter a “Alemanha soberana” para afastar a ameaça do comunismo<sup>173</sup>, mas, ainda assim não fez forte oposição às duras cláusulas que puniam a Alemanha. As principais sanções estavam relacionadas a perdas territoriais e limitação das forças armadas. “Como resultado do tratado, a Alemanha perdeu um décimo de sua população e 13% de seu

---

<sup>173</sup> RIBEIRO JR., João. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 18.

território, inclusive a Alsácia-Lorena, cedida à França após quase meio século sob domínio alemão (...)”<sup>174</sup>. Além da perda territorial,

Para o caso de isso não impedir a Alemanha de financiar uma reconstrução de seu poderio armado, o tratado também obrigava o Exército a ficar restrito a um contingente máximo de 100 mil e baniu o uso de tanques, artilharia pesada e o recrutamento. Seis milhões de rifles alemães, mais de 15 mil aviões, mais de 130 mil metralhadoras e uma grande quantidade de outros equipamentos militares tiveram que ser destruídos. A marinha de guerra alemã foi efetivamente desmantelada e proibida de construir qualquer embarcação grande, e a Alemanha não tinha permissão para possuir nenhuma força aérea.<sup>175</sup>

Em relação às perdas territoriais e entre várias dessas perdas é importante destacar duas delas porque foram expostas nos jornais aqui analisados em alguns momentos. Uma dessas perdas territoriais que foi citada nos jornais é a da região do Sarre. Essa região foi retirada da Alemanha e entregue a uma comissão da Liga das Nações para que ela a administrasse. A segunda perda territorial foi a da margem esquerda do rio Reno, trecho que fazia fronteira com a França. O tratado obrigava que a Alemanha retirasse suas tropas da região e determinava que a mesma fosse ocupada pelas tropas britânicas e francesas<sup>176</sup>.

Além das perdas territoriais e de suas forças armadas, a Alemanha também foi obrigada, através do artigo 231, a aceitar exclusivamente a culpa pela guerra. Com esse artigo os aliados justificaram a imposição de pagamentos em dinheiro a francesas e belgas “pelo prejuízo causado por quatro anos e três meses de ocupação alemã”<sup>177</sup>. Esse tratado ficou conhecido pelos alemães por *Diktatou* “paz ditada” porque foi imposto a Alemanha sem nenhum tipo de discussão.

Alguns outros tratados e acordos foram discutidos e assinados no decorrer dos anos de 1920 e 1930. Durante esse tempo a Alemanha tentava novas negociações tentando reverter suas perdas. No início da década de 1920 o Ministro do Exterior da Alemanha, Gustav Stresemann criou um conjunto de medidas que tinha por objetivo fazer com que a Alemanha voltasse a ocupar seu lugar nas relações internacionais e fortalecer sua política externa. Outra questão importante para o ministro alemão era a tentativa de retomar territórios perdidos para França e conseguiu renegociá-los com ajuda da Inglaterra e dos Estados Unidos através do Tratado de Locarno que também versava sobre as fronteiras alemãs e foi produzido entre os

---

<sup>174</sup> EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 104.

<sup>175</sup> Para saber mais sobre o Tratado de Versalhes, ver EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 104 - 108

<sup>176</sup> Ibid., 2010, p. 104.

<sup>177</sup> Ibid., 2010, p. 107.

dias 5 e 16 de outubro de 1925 e ratificado em dezembro do mesmo ano. Na negociação desse tratado estavam presentes representantes da Alemanha, França, Grã Bretanha, Bélgica, Itália, Polônia e Tchecoslováquia e tinha por objetivo rever o Tratado de Versalhes. No entanto, as pretensões alemãs não foram totalmente alcançadas porque entre as sete medidas decididas em Locarno, um dos pontos ditava que a Alemanha, França e Bélgica não poderiam modificar suas fronteiras através de confronto direto e a Itália e Inglaterra seriam a garantia para isso<sup>178</sup>. Assim, se um desses países desobedecesse a essas obrigações, Itália e Inglaterra defenderia o lado oposto.

#### **4.2 Política externa e expansão do Reich.**

Depois que Hitler consolidou seu poder na Alemanha e acertou a política interna chegou a vez de fortalecer a política externa para conseguir alcançar os objetivos que sempre almejou e deixou bastante claro desde o princípio. O principal objetivo de Hitler era transformar a Alemanha em um grande império, o III Reich, anexando ao país todos os outros cuja população fosse considerada alemã. Para que tal objetivo fosse alcançado era necessário que os tratados de paz consolidados ao final da Grande Guerra não fossem mais cumpridos, principalmente o Tratado de Versalhes que obrigava a Alemanha a se desarmar e a diminuir muitíssimo o número de suas forças armadas, além da perda de territórios importantes no que diz respeito à extração de matérias primas.

Para que fosse possível o alargamento das fronteiras alemãs era necessário que as forças armadas tivessem preparadas para a luta armada se fosse necessário. Por isso, em um primeiro momento o chanceler se preocupou em rearmar os seus soldados ao mesmo tempo em que acalmava os outros países europeus com seus discursos proclamando a paz e afirmando que somente desejava corrigir as injustiças que os tratados de paz impunham a Alemanha. No entanto, por traz desses discursos em que não declarava o quanto aumentava seus exércitos e o quanto as indústrias armamentistas produziam, Hitler não deixava transparecer suas verdadeiras intenções que eram as conquistas de territórios.

Essa demonstração de intenção ao não cumprimento dos tratados de paz começaram já no ano de 1933, poucos meses depois da nomeação de Hitler à chancelaria. Em outubro deste mesmo ano, a Alemanha se retira da Liga das Nações porque na Conferência do Desarmamento que aconteceu em Genebra, algumas reivindicações alemãs não foram aceitas,

---

<sup>178</sup> ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do Nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 47.

pois além de não chegarem a um entendimento com os países vencedores da Grande Guerra sobre a S.A. que era “reconhecido por britânicos e franceses como uma forma disfarçada de treinamento militar”<sup>179</sup>, também recebiam informações que havia rearmamento e fabricação de aviões de guerra<sup>180</sup>. Ao fazer um discurso para a população alemã anunciando que se retiraria da Liga das Nações, Hitler afirmou que desejava paz e o desarmamento, mas somente se assim fizesse também as outras nações, e que se não fosse assim, então a Alemanha estaria sendo prejudicada e isso ele não poderia mais aceitar, por isso, se retirava da Liga das Nações. Essa atitude foi aprovada em plebiscito<sup>181</sup>, obtendo apoio também das elites militares e dos industriais<sup>182</sup>.

Essas ações de Hitler foram sendo toleradas pelos líderes das nações vitoriosas na I Guerra Mundial porque os mesmos queriam a todo custo evitar outra guerra. Eles acreditavam que para assegurar a paz na Europa deveriam agir fazendo uma política de concessões e apaziguamento<sup>183</sup>. Segundo Roderick Stackelberg, a política de apaziguamento era praticada pela França e Inglaterra como uma maneira de “prevenção de guerra”, visto que a Europa não sobreviveria a outra guerra com as mesmas proporções da primeira<sup>184</sup>. Essa política foi praticada por três motivos: a primeira delas estava baseada na crença de que a guerra poderia ter sido evitada caso as nações envolvidas tivessem continuado a negociar através da diplomacia, ao invés de recorrer às armas e ao uso da força. O segundo motivo foi a percepção de que o Tratado de Versalhes não funcionava da forma que a França e a Inglaterra imaginaram quando foi assinado. Os dois países, quando escreveram o tratado, imaginaram que a Alemanha estaria sob controle com as obrigações de pagamentos e sem um serviço militar forte. No entanto, passado algum tempo, eles já entendiam que algumas reivindicações alemãs procediam. Além disso, passou-se a acreditar, depois de algum tempo, que o Tratado de Versalhes provocou nos alemães o nacionalismo radical e a ascensão do nazismo. O terceiro motivo para a política de apaziguamento foi o medo do comunismo e enquanto os alemães utilizavam a desculpa que para defenderem seu território do exército russo era necessário o rearmamento e o recrutamento para as forças armadas, os aliados fingiam não entender a desobediência alemã às cláusulas dos tratados de paz. Os franceses e ingleses

---

<sup>179</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 224.

<sup>180</sup> Id.

<sup>181</sup> EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 695.

<sup>182</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 225.

<sup>183</sup> Ibid., 2002, p. 219.

<sup>184</sup> Ibid., 2002, p. 220.

conservadores que temiam o avanço do comunismo, frequentemente declaravam que o fascismo era “menos pior” que o comunismo. Em uma campanha eleitoral na Inglaterra foi usado um slogan: “melhor Hitler do que Stalin”<sup>185</sup>.

Em algumas atitudes dos países vencedores é possível perceber a aplicação dessa política de apaziguamento. Algumas concessões das reparações de guerra foram iniciadas ainda em 1930, portanto antes da chegada de Hitler ao poder, quando os aliados se retiraram da região da Renânia antes da data fixada pelo Tratado de Versalhes, apesar da Alemanha continuar proibida de militarizar a região. No ano seguinte, em 1931, o presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover determinou a suspensão dos pagamentos das reparações alemãs por um ano. Depois disso, a Alemanha não voltou a pagar as reparações<sup>186</sup>. Em 1932, ainda no governo de Brüning, foi solicitado pelo chanceler na Conferência Internacional do Desarmamento, que as outras nações reduzissem seus armamentos até chegar a mesma quantidade dos da Alemanha. Esse pedido foi aceito e a Alemanha teve direito a paridade militar desde que se submetesse a um sistema de segurança coletiva<sup>187</sup>. O pedido de paridade de armamentos não foi visto como uma ameaça nem pela França e nem pela Inglaterra, pois os alemães argumentavam que precisavam se defender, principalmente do comunismo<sup>188</sup>.

Essa política condescendente continuou após a chegada de Hitler à chancelaria, principalmente entre os anos de 1935 e 1936. Aproveitando-se disso e na tentativa de consolidar sua política externa para alcançar seus objetivos, alguns pactos e acordos foram assinados pela Alemanha na tentativa de demonstrar que Hitler somente queria a paz. Um deles foi assinado em janeiro de 1934 quando a Alemanha firmou um pacto de não agressão com a Polônia. No entanto, o principal interesse alemão nesse pacto era evitar que poloneses e franceses fortalecessem suas ligações<sup>189</sup>.

Em meio às tentativas de negociação com os signatários dos tratados e acordos de paz, no ano de 1935, a Alemanha volta a administrar o território de Sarre que fica a oeste da Renânia e é rica em carvão. Esse território havia ficado sob administração da França desde 1919 quando ficou decidido nos tratados de paz que ao final de 15 anos haveria um plebiscito em que seria decidido pela população com quem ficaria a região. Passados os 15 anos, em 13/01/1935, a população, quase toda de língua alemã, decidiu através de voto que queriam

---

<sup>185</sup> Ibid., 2002, p. 220.

<sup>186</sup> Ibid., 2002, p. 222.

<sup>187</sup> Ibid., 2002, p. 223.

<sup>188</sup> Id.

<sup>189</sup> Ibid., 2002, p. 226.

voltar a ser administrado pela Alemanha<sup>190</sup>. Além da retomada desse território, ainda em 1935, Hitler anunciou que voltaria com o treinamento militar e que aumentaria o número de soldados no exército, embora o rearmamento já estivesse sendo feito há tempos clandestinamente. O argumento do chanceler para tal atitude foi o de que nenhuma das nações aliadas havia cumprido a cláusula de desarmamento do Tratado de Versalhes e que o mesmo não era mais cumprido. Além disso, tinham que se preparar para defenderem-se do exército soviético<sup>191</sup>. Internacionalmente, não houve uma reação contundente. A Liga das Nações condenou o rearmamento e britânicos, franceses e italianos decidiram que sairiam em defesa da Áustria, caso houvesse necessidade<sup>192</sup>.

Seguindo com seus objetivos de retomar territórios e anexar outros, em 07/03/1936, Hitler anunciou que tropas alemãs passariam a ocupar a região desmilitarizada da Renânia a partir daquele momento. Com essa ação, Hitler desconsiderou mais uma vez o Tratado de Versalhes e disse considerar-se desobrigado de cumprir o Pacto de Locarno desde o momento em que a França havia assinado um pacto de não agressão com a URSS. Nesse momento, a França não reagiu porque estava próximo de uma eleição geral e também por acreditar que o exército que ocupava a Alemanha fosse bem maior do que realmente era. Quanto à Inglaterra, apoiou a reação da França e tratou de assegurar que ninguém reagisse de forma mais dura. “Afinal, o que havia acontecido era apenas a recuperação da soberania da Alemanha sobre seu próprio território, e ninguém achou que valesse a pena arriscar uma guerra geral”<sup>193</sup>.

#### **4.3 A imprensa e a remilitarização da Renânia.**

Após a notícia de que Hitler havia ordenado que tropas alemãs reocupassem a zona desmilitarizada da Renânia em 07/03/1936, os jornais cariocas analisados aqui constroem e divulgam suas opiniões acerca do evento. Assim, como ocorreu na cobertura da “Noite das Facas Longas” e na morte do presidente Hindenburg, demonstrado no capítulo anterior, a imagem divulgada de Hitler e do Partido Nazista continuam sendo diversificada não somente entre os diferentes jornais, mas até mesmo em um mesmo órgão. No *Correio da Manhã*, utilizando informações das mesmas agências de notícias utilizadas pelo jornal no período analisado anteriormente, Havas e U.T.B., na semana que segue à reocupação da Renânia pela

---

<sup>190</sup>EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 700.

<sup>191</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 229.

<sup>192</sup> EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 705.

<sup>193</sup>EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 715.

Alemanha, é comum aparecerem reportagens referentes ao assunto com o título “O grave momento europeu”<sup>194</sup>. E esse é o tom das notas que seguem: de que a atitude de Hitler, rompendo com o Tratado de Versalhes e Locarno, põe toda a Europa em risco de outra guerra<sup>195</sup>. Em um artigo do dia 08/03/1936, dia seguinte a reocupação, não assinado e não tendo sido escrito por nenhuma agência de notícias, explica os motivos da apreensão dizendo que a Europa está atravessando um desses momentos históricos em que “[...] se torna nitidamente perceptível a consciência dos povos e dos indivíduos e inevitabilidade e a iminência de uma grande catástrofe”<sup>196</sup>. Neste artigo afirma-se que o governo alemão “Repudiando mais uma vez o Tratado de Versalhes e também o de Locarno deixa de cumprir os acordos de paz para cumprir mais “uma etapa da realização da política de expansão territorial”<sup>197</sup>. Uma questão que foi trazida por esse artigo e que foi bastante discutida desde o início dos anos de 1930, se refere a afirmação de que as condições que foram impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes, dentre as quais a diminuição das forças armadas, diminuição do armamento e os pagamentos de reparações para os países vencedores da I Guerra, eram muito pesadas. O *Correio da Manhã* diz ainda que o Tratado de Versalhes quase não é mais cumprido e que para que a ordem no continente europeu continue a ser mantida é necessário que a questão seja resolvida com intermédio da Liga das Nações e que sejam corrigidas as

(...) grandes injustiças contidas nessas clausulas [Tratado de Versalhes], injustiças essas devidas ao ambiente saturado de ódios e desconfianças nacionais em que foi elaborado o *Diktat*. Isso, porém, só pode ser levado a efeito de modo feliz com o assentimento de todas as nações européas. A *clausulapenal do Diktat* que declara a

---

<sup>194</sup> Esse título aparece nos dias 08/03/1936, 12672, p. 3, 8 e 15; 10/03/1936, 12673, p. 2 e 8; 11/03/1936, 12674, p. 2; 12/03/1936, 12675, p. 5 e 13/03/1936, 12676, p. 6 e 8.

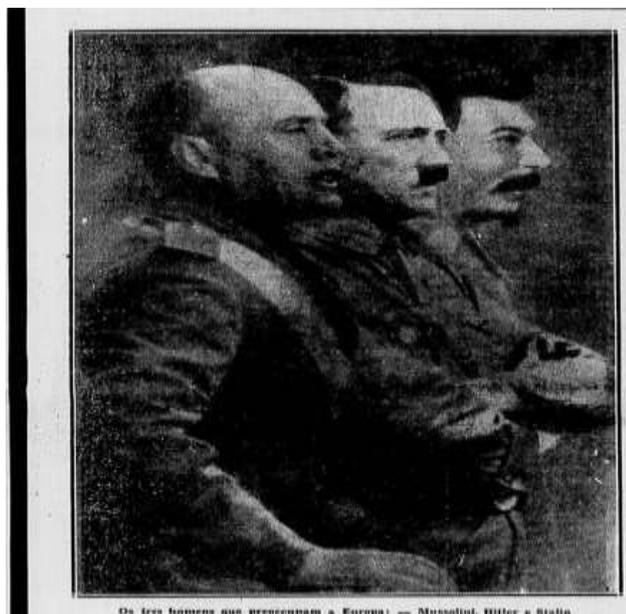
<sup>195</sup> Outros jornais também comparam os dias que se seguiram a remilitarização da Renânia com os dias que antecederam a I Guerra. No jornal *A Noite* em um título do topo da página está escrito “Colônia revive os dias de guerra”. (*A Noite*, 07/03/1936, 08686, p. 1, Ed. 17h). A expectativa da guerra aparece também em outras edições do mesmo jornal. Em nota da Havas com o subtítulo de “Perigo Imminente!” traz a informação de que um deputado socialista inglês declarou que a Inglaterra deve se preocupar em como o país irá se defender da Alemanha porque há um risco grande de serem atacados. (*A Noite*, 13/03/1936, 08691, p. 1 e 2, 1ª Ed.). Em outra edição sob o título de “Angustioso momento europeu” em nota da U.P. tratam de uma Conferência dos assinantes do Tratado de Locarno e que eles “examinam a situação criada pela Alemanha” (*A Noite*, 10/03/1936, 08688, p. 3, 1ª Ed.). Em um artigo escrito por Celso Vieira, sob o título “Outra Vez?” (*A Noite*, 13/03/1936, 08691, p. 2, 1ª Ed.). Aparece em outros jornais também, ver em *Jornal do Commercio*, nos dias 08/03/1936, 00135, p. 1; 09/03/1936, 00136, p. 1 e no dia 11/03/1936, 00137, p. 1. No jornal *Gazeta de Notícias* aparece nos dias 08/03/1936, 00056, p. 1 e no dia 10/03/1936, 00057, p. 1.

<sup>196</sup> *Correio da Manhã*, 08/03/1936, 12 672, p. 1. O mesmo adjetivo utilizado nesta reportagem do *Correio da Manhã* para descrever o acontecimento, aparece também no jornal *A Noite* na primeira página da edição das 17 horas no título que aparece no topo da página “À Beira da Catastrophe!”. Esse jornal utiliza a agência de notícias Havas e U.P. em suas notas e reportagens. Ver *A Noite*, 12/03/1936, 08690, p. 1, Ed. 17h.

<sup>197</sup> *Correio da Manhã*, 08/03/1936, 12 672, p. 1.

Alemanha a única culpada da guerra deveria, também, ser solenemente e unanimemente repudiada pelos signatários do Tratado<sup>198</sup>.

Há também nesta reportagem a foto abaixo de Hitler, Mussolini e Stalin com a legenda: “Os três homens que preocupam a Europa: - Mussolini, Hitler e Stalin”<sup>199</sup>.



Neste sentido, ao colocar os três governantes ocupando um mesmo lugar, Hitler é posto em um grupo onde seus governos são caracterizados como ditatoriais e que são esses governos que colocam a paz na Europa em perigo, ao contrário dos países com governos democráticos como a França e a Inglaterra que fazem de tudo para defenderem a paz. O *Correio da Manhã* parece colocar todos os governos que não são liberais democráticos, não se importando se pertencem a grupos ideológicos opostos, ocupando uma mesma categoria. Aqui, nessa reportagem, mais uma vez, é possível perceber que Hitler é caracterizado como um político que não respeita a democracia e que a sua forma de governar coloca a Europa e o mundo em séria ameaça de iminente de guerra. Esse tipo de colocação feita pelo impresso pode ser um indício da posição política e ideológica que o jornal ocupa.

Os governos ditatoriais, conforme tão bem afirmou recentemente em vigoroso e impressionante discurso o presidente Roosevelt, são, por sua própria natureza, levados a seguir uma política externa de caráter agressivo, mesmo no caso de seus dirigentes não desejarem realmente a guerra<sup>200</sup>.

<sup>198</sup> *Correio da Manhã*, 08/03/1936, 12 672, p. 1.

<sup>199</sup> Ver página inteira do jornal em anexo III, p. 99.

<sup>200</sup> *Correio da Manhã*, 08/03/1936, 12672, p. 1.

Ao lado disto, o jornal apresenta, muito possivelmente forma de corroborar com uma opinião negativa em relação a atitude de Hitler, o lado dos que se sentiram traídos com a entrada das tropas alemãs na zona desmilitarizada. Na semana que seguiu à reocupação da Renânia pela Alemanha, o jornal *Correio da Manhã* publica com frequência notas e reportagens que tratam desses países prejudicados com o descumprimento dos tratados firmados ao final da I Guerra, afirmando que esses repudiam a atitude de Hitler e que a consideram uma infração grave aos tratados de paz. Em uma reportagem do dia 13/03/1936 em uma nota da U. T. B. que trata da reunião entre os países signatários do Tratado de Locarno, é publicado um comunicado oficial onde foi decidido por unanimidade que “reconhecido por todos os representantes presentes que a reocupação da zona desmilitarizada da Rhenania, por parte da Alemanha constitui uma violação flagrante dos artigos 42 e 43 do tratado de Versalhes e de Locarno.”<sup>201</sup>

Há também no *Correio da Manhã* muitas informações e entrevistas com os líderes políticos dos países que ficaram apreensivos com a atitude de Hitler e que estavam diretamente envolvidos nos tratados, principalmente os vencedores da I Guerra, como a França e a Inglaterra, além das outras nações que estavam territorialmente próximos da Alemanha ou que faziam fronteira com ela. Os discursos, feitos pelos dirigentes desses países que têm opiniões negativas em relação à atitude de Hitler, foram frequentemente explorados. Em 10/03/1936, em uma reportagem não assinada, são transcritos trechos do discurso de Albert Sarraut, Presidente do Conselho de Ministros francês, que deixa claro que o governo francês entende que a atitude do governo alemão é muito grave, acreditando que houve uma violação ao território renano. Durante todo o trecho do discurso de Sarraut publicado pelo jornal é colocada a maneira como a França tentou de toda forma negociar e se entender com a Alemanha. Além disso, o ministro justificou os tratados feitos no final da Grande Guerra como uma tentativa

de colocar a França ao abrigo de nova invasão [...] Era possível, segundo um methodo comum, dar ao nosso paiz, por anexações territoriais, solidas fronteiras, mas esta solução constituiria uma violência para com as populações, que, allemãs, tinham o direito de permanecer allemãs.<sup>202</sup>

E pensando na população alemã, deixou de lado esta ideia e decidiu-se então, que seria melhor a margem do rio Reno ser desmilitarizada. Para que esse acordo fosse cumprido,

---

<sup>201</sup> *Correio da Manhã*, 13/03/1936, 12676, p. 1.

<sup>202</sup> *Correio da Manhã*, 10/03/1936, 12673, p. 2.

as tropas aliadas deveriam ficar na região somente pelo tempo necessário e que tão logo as relações entre Alemanha e França fossem estabelecidas, as tropas aliadas se retirariam da região, tanto que após a assinatura do Tratado de Locarno, e com ele as garantias dessa paz nas fronteiras foram sendo antecipadas, essas retiradas. O presidente do conselho de ministros disse também que a justificativa usada por Hitler de que os tratados não estavam mais sendo cumpridos desde a assinatura do pacto da França com a Rússia e por isso, resolveu reocupar militarmente a região da Renânia, não parece ser plausível porque

O que prova não haver na decisão de Berlim mais que um vão pretexto, é o facto de que no dia seguinte ao da concessão do tratado franco-sovietico assignado pelo sr.Laval a 2 de maio de 1935, o sr. Hitler em discurso de 21 do mesmo mez declarava que o governo alemão via no respeito da zona desmilitarizada uma contribuição à tranquilidade da Europa.<sup>203</sup>

A esse respeito Sarraut diz que o pacto esteve sob aprovação dos assinantes do Tratado de Locarno e que em vão o governo francês tentou explicar por meses ao governo alemão que tal pacto não interferia em nada no acordo que dissertava sobre a Renânia. Por isso, a atitude alemã em nada tem razão porque Hitler “podia recorrer a corte permanente de justiça de Haya. Já tínhamos declarado publicamente há 15 dias, que estávamos prontos a submeter-nos ao arbitramento desse organismo, o governo alemão podia dirigir-se a uma comissão conciliadora”<sup>204</sup>, disse o presidente dos ministros franceses.

Nessa reportagem pode-se perceber que o jornal *Correio da Manhã* oferece grande destaque ao discurso proferido pelo ministro francês, chamando atenção para o fato do mesmo afirmar que seu governo tentou várias vezes negociar com o governo alemão, mesmo sabendo que muitas das decisões tomadas ao final da grande guerra haviam sido feitas dessa forma com a única intenção de proteger a França dos ataques alemães e também no bem estar da população alemã mesmo sabendo que os acordos eram pesados. Isso sugere que a França teria estado aberta a negociações e que suas atitudes teriam sido tomadas no sentido de proteger a si mesmas e também a Alemanha.

Ao lado deste, o jornal publica discursos feitos por outros políticos de destaque no cenário político e diretamente envolvido na questão do Reno, procurando mostrar o lado de quem se sentiu prejudicado com a atitude do governo alemão. No dia 11/03/1936 há outro discurso, mas desta vez de Winston Churchill, político inglês e na época, membro da Câmara dos Comuns, em uma reportagem trazida pela U. T. B., onde o mesmo faz uma análise da

<sup>203</sup> *Correio da Manhã*, 10/03/1936, 12673, p. 2.

<sup>204</sup> *Correio da Manhã*, 10/03/1936, 12673, p. 2.

crescente produção de armamento dos países em geral e principalmente na Alemanha. Diz também que desde a subida de Hitler ao poder, o país já havia gasto “mais de um billião e meio esterlino [sic]<sup>205</sup>” com produção de armamento. E que inclusive, o grande número de desempregados vem diminuindo porque parte deles encontram “trabalho nas fábricas de munições, nas forças armadas e em mistéres ligados às industrias militares”<sup>206</sup>. Na página seguinte ainda tratando dos discursos da Câmara dos Comuns, em Londres, mas dessa vez de Anthony Eden é publicado trechos onde Eden faz dura crítica a atitude de Hitler e diz que não se deveria acreditar em um governo, em futuras negociações, que não cumpre obrigações “livremente contraídas”. Disse ainda que se houvesse agressão, a Grã Bretanha deveria sair em defesa da França e da Bélgica. Segundo o *Correio da Manhã*, o discurso de Anthony Eden foi “uma exposição imparcial dos factos” e que “produziram forte impressão e receberam acolhimento unanimemente favorável”<sup>207</sup>. E de acordo, com a sessão do dia anterior na Câmara dos Comuns, a reação da maioria é a de reprovação a atitude de Hitler, mas que isso não exclui negociações.

No dia 12/03/1936, há também o discurso do chefe de governo da Bélgica, Paul Van Zeeland. Em uma nota da agência de notícias Havas, afirma-se que Zeeland repudia o Reich Alemão por causa de sua atitude em relação ao pacto de Locarno e da reocupação da Renânia, declarando que “a violação do tratado de Locarno e a reocupação militar da Renânia, representava um rude golpe para todas as nações pacíficas”<sup>208</sup>.

Esses discursos, de pessoas importantes no cenário político de seus países e até mesmo no cenário político internacional, consideravam a atitude do governo alemão como sendo perigosa, pondo em risco a paz europeia e também como sendo uma desobediência aos acordos decididos em reuniões internacionais. A utilização desses discursos serviu para dar apoio e credibilidade para o enredo não favorável a atitude de Hitler construído pelos jornais. No entanto, não foram somente os discursos de políticos dos países que se sentiram prejudicados que apareceram no jornal, os discursos de personagens da política alemã também tiveram espaço no *Correio da Manhã* edemonstraram mais uma vez que em um mesmo impresso opiniões opostas sobre as atitudes de Hitler eram vinculadas. No dia 11/03/1936 há o discurso de uma figura importante, do governo alemão. Em uma reportagem escrita com base em informações trazidas pela U.T.B. é publicado trechos onde o ministro da propaganda

---

<sup>205</sup> [sic] O jornal *Correio da Manhã* está se referindo a moeda libras esterlinas, moeda oficial do Reino Unido, que na época era a moeda internacional.

<sup>206</sup> *Correio da Manhã*, 11/03/1936, 12674, p. 1.

<sup>207</sup> *Correio da Manhã*, 11/03/1936, 12674, p. 8.

<sup>208</sup> *Correio da Manhã*, 12/03/1936, 12675, p. 1.

do governo nazista Goebbels ao analisar a atitude de Hitler afirma “Hitler, o homem mais poderoso da Europa, é também o homem mais modesto do continente”<sup>209</sup>. Garante ainda que o governo nazista se encontra mais próximo do povo do que qualquer outro. Quando fala das atitudes do governo diz que foram todas necessárias e isso se pode confirmar se comparar os dois momentos alemães: antes e depois de Hitler.

[...] as condições geraes melhoram tanto, nos últimos tresannos, que a razão [razão] hoje nem pode compreender como vivia antes. Num largo exame da situação interna da Allemanha, antes do advento do regimem ‘nazista’, o Sr. Goebbels disse que os nacionaes-socialistas, em quatorze anos de luta nunca mascararam suas intenções<sup>210</sup>.

No dia 13/03/1936, em uma nota da Havas, há trechos do primeiro discurso de Hitler feito na Renânia depois da ocupação. Segundo as informações, o nazista foi recebido por “enorme multidão” que o recebeu com profundo entusiasmo. Hitler disse no discurso que desde o dia em que assumiu a chancelaria na Alemanha prometeu “assegurar a honra do povo alemão; assegurar a igualdade de direitos; reconstruir as forças do Reich porque um paiz pode construir sómente baseado na sua própria força, zelar pela manutenção da unidade de comando” e que em pouco tempo (3 anos) conseguiu cumprir o que prometeu e que se os que vieram antes dele tivessem feito algo não precisaria que ele estivesse ocupando tal posição. Ao falar da intenção de se aproximar da Polônia afirmou que seu interesse está “na qualidade de nacionalista allemão quero realizar a syntese entre os povos de raça branca. Não quero esbulhar os direitos de nenhum povo”. Em outro momento do discurso, Hitler justificou como um dos motivos a ocupação da Renânia para proteger o território do bolchevismo que “o que o bolshevismo quer não sei, mas vejo a obra do bolshevismo nos outros Estados e não quero que o meu paiz lhe abra as fronteiras.” E continua “Com referencia a URSS o Sr. Hitler disse: ‘Esta potencia que se introduz por toda a parte só tem interesse na discórdia e na perpetuação do ódio. O comunista que viesse à Allemanha estaria morto antes disso’ ”.<sup>211</sup>

Além desses discursos de Goebbels e Hitler, o *Correio da Manhã* também publicou notas que são favoráveis à atitude do governo alemão. No dia 11/03/1936, há duas notas da agência de notícias Havas que demonstram essa ambiguidade. A primeira, sob o título de “Manifestações allemãs na Silesia e na Pomenaria” indica que a população alemã que vive na

---

<sup>209</sup> *Correio da Manhã*, 11/03/1936, 12674, p. 1.

<sup>210</sup> *Correio da Manhã*, 11/03/1936, 12674, p. 1.

<sup>211</sup> *Correio da Manhã*, 13/03/1936, 12676, p. 1.

Polônia festejou a ocupação na Renânia<sup>212</sup>. Nessa nota é possível perceber que o jornal demonstra que a população alemã apoiou a atitude de Hitler. Aqui quando o impresso publica uma nota onde é dito que a população alemã está satisfeita com a decisão de Hitler, mais uma vez é demonstrado que o *Correio da Manhã* publica não só informações que são antipáticas às decisões do chanceler alemão, mas também notas que são simpáticas às suas decisões. Na segunda nota intitulada “O fascismo inglês e a situação” mostra o apoio não só de alemães, mas também de um líder fascista britânico, Oswald Mosley que em um discurso afirmou: “A acção de Hitler suprimiu o sentimento de inferioridade e restaurou completamente a Alemanha na soberania dos seus direitos, fazendo assim desaparecer uma das velhas causas da guerra na Europa”<sup>213</sup>. Nesse discurso, o líder fascista diz ainda que não se deve procurar saber quem foi o primeiro país a descumprir o Tratado de Locarno, mas deveriam aproveitar “a oportunidade de paz”<sup>214</sup> que foi oferecido aos ingleses. Isso demonstra que, assim como no período anterior, em 1934 na “Noite das Facas Longas” e na morte do presidente alemão Hindenburg, como foram analisadas no segundo capítulo desta dissertação, as notas ou reportagens, isto é, as histórias contadas sobre Hitler e o Partido Nazista, no *Correio da Manhã*, não eram uniformes, mas sim diversificadas e também opostas entre si. As notas não favoráveis em relação à reocupação da Renânia pelo exército alemão é a de que Hitler fez com que a Alemanha, mais uma vez, colocasse a Europa em perigo de conflito. Enquanto que as notas favoráveis às atitudes do chanceler diz que Hitler somente queria negociar a paz.

No *Jornal do Brasil* as agências de notícias A.B. e Havas são utilizadas para noticiarem a reocupação da Renânia, no entanto, diferentemente do período anterior que utilizava a Havas e a U.P., nesse momento, o jornal continua utilizando a primeira, mas deixa de utilizar a segunda e passa a usar também a A.B. As mudanças das agências de notícias utilizadas pelo jornal nos anos de 1934, analisado no capítulo anterior, e em 1936 parece não fazer diferença na maneira com que são escritas as notas no impresso. No decorrer da semana, após o dia 07/03/1936, o jornal publica notícias que demonstram que a atitude da Alemanha deixa a Europa em situação difícil, colocando-a em risco de guerra iminente e provoca apreensão em todo o mundo. A reocupação da zona renana pelo exército alemão é descrito pelo jornal como “grave acontecimento”. No dia 08/03/1936 um artigo não assinado com o título “A Remilitarização da Renania”, o *Jornal do Brasil* diz que “a decisão do Reich causou profunda emoção em todo o mundo e despertou o temor de que a atitude do governo alemão

---

<sup>212</sup> Essa informação também foi publicada pelo *Jornal do Commercio* onde é dito que a população renana comemora a liberdade. (*Jornal do Commercio*, 08/03/1936, 000135, p. 1).

<sup>213</sup> *Correio da Manhã*, 11/03/1936, 12674, p. 8.

<sup>214</sup> *Correio da Manhã*, 11/03/1936, 12674, p. 8.

provoque sérias complicações internacionais”<sup>215</sup>. Essas complicações se referem aos países signatários do Tratado de Versalhes, principalmente a França que parece não aceitar a desobediência alemã, enquanto que a Alemanha argumenta que os acordos decididos em Locarno e Versalhes não são mais cumpridos, haja visto, o pacto militar assinado entre a França e a URSS. O artigo também afirma que a Alemanha não parecia estar apreensiva com uma possível reação francesa, já que o país não tem apoio da Inglaterra e acredita também que o governo francês está “enfraquecido e incapás de tomar resoluções enérgicas”<sup>216</sup>. Assim, nesse primeiro momento o *Jornal do Brasil* relata que a decisão de Hitler pode provocar terríveis consequências internacionais, podendo provocar conflito armado de grande proporção em todo o mundo.

Em uma reportagem do dia 10/03/1936 baseada em informações da agência de notícias Havas sob o título de “A imprensa traduz a mais viva emoção pelo gesto do governo do Reich” diz que a imprensa não se surpreende com a atitude do governo alemão, mas que não esperava que a reocupação da Renânia se daria de forma tão rápida. Em seguida destaca trechos de jornais franceses cujo país se mostra mais ofendido e preocupado com a atitude nazista. Do jornal “Pettit Parisiense” é destacado: “Há um fato que permanece. O Reich quis mais uma vez colocar a Europa diante de um fato consumado e pretende, o que é uma espécie de atentado a nossa soberania [...]”. Para o jornal “ECHO de Paris” há cobrança em relação às sanções a qual a Alemanha deve sofrer pela “denúncia ilegal do tratado e a violação flagrante dos compromissos internacionais do Reich”. A folha francesa sugere que “[...]pelo menos, sanções econômicas e financeiras” já que “a economia do regime hitleriano é bastante frágil” e isso “lhes desferiria rude golpe”<sup>217</sup>. Neste trecho é possível perceber que o *Jornal do Brasil* continua a utilizar trechos de jornais internacionais, como nos períodos analisados anteriormente, nos capítulos I e II, para dar embasamento aos que escrevem sobre Hitler e sobre o Partido Nazista. Nesse momento, a história que conta em relação às atitudes do chanceler e que ele colocava a Europa em risco de guerra, opinião essa recorrente durante a reocupação da Renânia, nos diferentes jornais e nos diferentes momentos da história da NSDAP.

No dia 11/03/1936 em uma nota intitulada “O mundo se prepara...” assinado por Benjamin Costallat traz uma visão bastante pessimista em relação à Europa. Nela o autor afirma que a Europa está vivendo os mesmos dias que viveram antes da I Guerra, dias de

---

<sup>215</sup> *Jornal do Brasil*, 08/03/1936, 00057, p. 5.

<sup>216</sup> *Jornal do Brasil*, 08/03/1936, 00057, p. 5.

<sup>217</sup> *Jornal do Brasil*, 10/03/1936, 00058, p. 10.

angústia e inquietude e que os governos estão ríspidos e as diplomacias estão tornando as conversas mais duras e com tom ameaçador. Atitudes da França em se dirigir diretamente ao povo alemão é um exemplo. Benjamin diz também que embora governos e diplomacias conversem e tentem negociar

em segredo, as esquadras tomam destinos misteriosos e os estrategistas nos Estados maiores, estudam sobre as cartas, as ofensivas e as resistências e como deverdo [ilegível] mandar a morte centenas de milhares de criaturas. [...] E o mundo já se prepara, com um fatalismo maometano, para uma nova hecatombe...<sup>218</sup>.

Assim, Benjamin Costallat demonstra que a atitude de Hitler em não cumprir os acordos de paz, provocou em outros Estados europeus, reações mais duras, gerando desentendimentos entre eles, o que poderia provocar falta de interesse nas negociações, assim como aconteceu antes da I Guerra.

No *Jornal do Brasil* também apareceram publicações de importantes personagens da política de países europeus, assim como fez o *Correio da Manhã*. No dia 12/03/1936 também é publicada uma reportagem não favorável em relação à atitude de Hitler. Essa nota da agência de notícias Havas traz a opinião de um ex-ministro de guerra português, o general Morais Sarmiento, que afirma que a atitude da Alemanha é uma ameaça à França e que pior que isso “é a facilidade com que o Reich rasga os tratados”<sup>219</sup> e que não tem como confiar em uma nação que não cumpre seus compromissos. No entanto, ele acredita que não haverá um conflito armado porque mesmo a Alemanha sendo apoiada pela Itália e estando melhor preparada que em 1914, ainda assim, não seria capaz de ganhar uma guerra onde seus oponentes fossem França, Bélgica e Grã Bretanha<sup>220</sup>.

No entanto, embora o *Jornal do Brasil* tenha em suas páginas notas não favoráveis em relação ao governo nazista, há também notas com apreciações favoráveis em relação às atitudes de Hitler, assim como aconteceu no *Correio da Manhã*. No dia 13/03/1936 um artigo não assinado exposto na seção “Do Exterior” informa que as declarações do governo alemão feitas no dia anterior referente a não mandar mais soldados a Renânia, além dos que já havia enviado e nem modificar seu programa no que diz respeito à ocupação da região irá facilitar as negociações para solucionar a questão da ocupação na região do Reno. Diz também que a Alemanha aceita a proposta francesa de retirar simbolicamente as tropas da região para iniciarem as negociações e que

---

<sup>218</sup> *Jornal do Brasil*, 11/03/1936, 00059, p. 5.

<sup>219</sup> *Jornal do Brasil*, 12/03/1936, 00060, p. 8.

<sup>220</sup> *Jornal do Brasil*, 12/03/1936, 00060, p. 8.

A decisão da Alemanha é louvável, pois elimina um argumento de grande força e uma condição que, apresentada com caráter de exigência, talvez determinasse o rompimento definitivo. O amor próprio do povo alemão nada sofre em consequência da condescendência que demonstra seu governo, visando preparar o terreno para as negociações diplomáticas em torno das propostas feitas pelo Sr. Hitler<sup>221</sup>.

O artigo ainda afirma que se a imprensa não aceitar essa demonstração da propensão da Alemanha para a negociação, estaria ela cometendo um erro e tornando o Reich menos acessível às negociações, pois a Alemanha estaria tendo uma “atitude conciliadora” com seus “propósitos pacíficos”, que ajudaria nas reuniões da Liga das Nações para conseguirem “um entendimento geral, que garanta a paz [paz] europeia”<sup>222</sup>.

Há também reportagens que dão destaque aos discursos de Hitler como a do dia 13/03/1936, enviada pela agência de notícias A.B. tem o título “Hitler faz uma entusiástica profissão de fé de pacifista” dando ênfase ao trecho em que Hitler se autoproclama o maior defensor da paz. Em seguida dá destaque ao trecho em que Hitler diz que defenderá a Alemanha do bolchevismo

Em todo caso, não tenho nenhuma dúvida a respeito dos objetivos do bolchevismo, por aqui, no nosso país, nós sentimos o gosto dele. Nenhum homem de Estado estrangeiro pode ensinar-me qualquer coisa sobre o comunismo. Eu vi aldeias queimando, fábricas arruinadas e milhões de homens desempregados”<sup>223</sup>.

No *Jornal do Brasil* há notícias que divulgam opiniões negativas da imprensa internacional sobre a atitude de Hitler, assim como no *Correio da Manhã*, mas há também reportagens que divulgam as opiniões da própria imprensa alemã, o que não acontecia no outro jornal. A cobertura da imprensa alemã dada ao evento da remilitarização da Renânia é, naturalmente, simpática às atitudes de Hitler. Em uma nota da agência de notícias A.B. cujo título é “Comentários da imprensa alemã” não cita nenhum jornal alemão específico, mas diz que “Os jornais acentuam, em resumo, os principais pontos do sensacional discurso do chanceler Adolf Hitler”, onde o chanceler havia dito que o pacto assinado entre a França e Rússia prejudica unicamente a Alemanha e que isso é a demonstração de não cumprimento do Tratado de Locarno. Nesta nota é dito ainda que os jornais de Berlim destacam que a atitude alemã foi de “caráter puramente defensivo”<sup>224</sup>.

---

<sup>221</sup> *Jornal do Brasil*, 13/03/1936, 00061, p. 5.

<sup>222</sup> *Jornal do Brasil*, 13/03/1936, 00061, p. 5.

<sup>223</sup> *Jornal do Brasil*, 13/03/1936, 00061, p. 9.

<sup>224</sup> *Jornal do Brasil*, 08/03/1936, 00057, p. 32.

Outra característica do *Jornal do Brasil* ao noticiar os eventos relacionados à remilitarização da Renânia, cujo teor parece ser uma demonstração de apoio a Alemanha, é a impressão que se tem quando se refere às reações da França e da Inglaterra ao acontecimento. A Inglaterra é tida como conciliadora da situação, enquanto a França é tida como intransigente<sup>225</sup>. No dia 11/03/1936 tendo um dos subtítulos de “A tendência da Inglaterra para uma ação conciliadora”<sup>226</sup>, pode-se perceber que a forma como o *Jornal do Brasil* expõe a informação que coloca a França em uma posição que dificulta as negociações na questão do Reno, enquanto que a Inglaterra é tida como a maleável. A nota com esse subtítulo apareceu no *Jornal do Brasil* depois que aconteceu a reunião com os signatários do Tratado de Locarno que até então acontecia em Paris, mas foi transferida para Londres. Na edição seguinte, do dia 12/03/1936, em uma nota não assinada na seção “Do Exterior” a mesma impressão aparece. Nela é dito: “A Grã Bretanha, nesta emergência, como em todas as crises internacionais, desempenha um papel conciliador e procura harmonizar os pontos de vista e os interesses dos litigantes”. Enquanto que a França apesar de tolerar a tropa alemã na Renânia, opõe-se “terminantemente à construção de fortificações [...]”<sup>227</sup>. Na página seguinte em que aparece o título “A França fará agir todas as possibilidades para constranger a Alemanha a restabelecer o ‘status quo’ na zona renana”, no topo da página. Outra nota da mesma edição, assinada pela agência de notícias Havas, diz que o governo francês pretende utilizar todas as cláusulas do Tratado de Locarno para que as tropas alemãs se retirem da Renânia<sup>228</sup>.

Outro exemplo desta opinião do caso emitida pelo *Jornal do Brasil* através de suas publicações aparece no dia 08/03/1936, na charge abaixo.

---

<sup>225</sup> Este tipo de percepção não é uma exclusividade do *Jornal do Brasil*. Quando é tratado das negociações e o papel de cada nação nela, outros jornais também colocam a França como intransigente e a Inglaterra como a conciliadora. O jornal *A Noite* traz muitas notas e reportagens que tratam do lado francês na questão do Reno e também de sua teimosia nas negociações. Em edição do dia 11/03/1936, em uma nota da Havas é publicado que o governo francês está disposto a fazer todos os esforços para “obter justiça” no caso da Renânia e se tiver apoio dos outros países que assinaram o Tratado de Locarno pedirá que medidas sejam tomadas contra a Alemanha mesmo “que seja preciso chegara medidas militares”. Ver *A Noite*, 11/03/1936, 08689, p. 1, Ed. 14 h. Em outra edição em uma nota da Havas que “A França considera inaceitável o memorandum alemão!” e que acredita ser uma violação ao Tratado de Versalhes a atitude alemã. Ver *A Noite*, 09/03/1936, 08687, p. 1 e 3, 1ª Ed. Além disso, o governo francês exige a imediata retirada das tropas alemãs da Renânia “Ou a aplicação de sanções”. Ver *A Noite*, 10/03/1936, 08688, p. 1, Ed. 12h. Em outra edição em nota da U.P. é dito que a insistência da Bélgica em se proteger e a insistência da França em aplicar as sanções e não aceitar que as tropas alemãs permaneçam na Renânia faz com a Inglaterra perca as esperanças em uma negociação. Ver *A Noite*, 11/03/1936, 08689, p. 1, Ed. 14h. Já no jornal *Gazeta de Notícias* a opinião fica mais transparente quando em uma nota da U.P. aparece “A intransigência da França, da Rússia e da Bélgica.”. A nota com o subtítulo de “A França bloqueia a boa vontade inglesa” é a mesma é a mesma nota que aparece no jornal *A Noite*, edição 08689, citada acima. Ver *Gazeta de Notícias*, 12/03/1936, 00059, p. 1.

<sup>226</sup> *Jornal do Brasil*, 11/03/1936, 00059, p. 8.

<sup>227</sup> *Jornal do Brasil*, 12/03/1936, 00060, p. 5.

<sup>228</sup> *Jornal do Brasil*, 12/03/1936, 00060, p. 8.

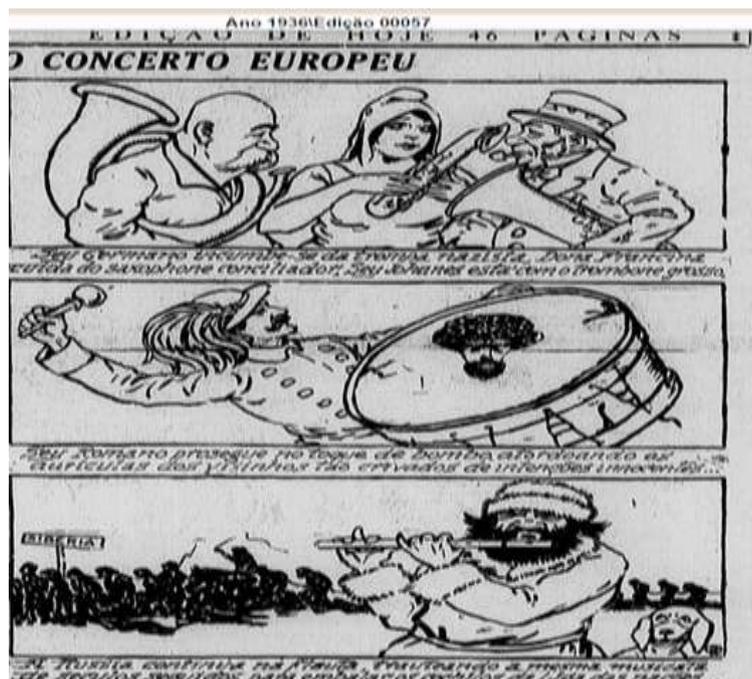


Figura 1 Jornal do Brasil, 08/03/1936, Ed. 00057, p. 1.

Apesar de o jornal ter em sua primeira página apenas anúncios e classificados, há nesta edição a referida charge intitulada “O Concerto Europeu”<sup>229</sup>. Com este título, o cartunista parece querer demonstrar que o equilíbrio que vivia a Europa até o momento, havia desaparecido após a decisão da Alemanha em não mais cumprir os tratados de Versalhes e Locarno. E que a partir de então, a Europa passava a viver em clima de tensão e “desconcerto”. A charge é composta de três quadros onde o primeiro quadro apresenta a figura de dois senhores segurando uma trompa e um trombone e no meio dos dois uma moça segurando um saxofone. Nesse quadro tem a seguinte legenda: “Seu Germano incumbe-se da trompa nazista, Dona Francina cuida do saxofone conciliador, seu Johanes está com o trombone grosso”. Ou seja, a Alemanha, representada pelo germano da trompa nazista, impõe uma atitude reivindicadora e ameaçadora com a reocupação da Renânia, a França representada pela “Dona Francina” tenta mediar a situação e acalmar os ânimos, receando uma nova guerra e a Bélgica representada por seu Johanes e o seu trombone grosso que deseja que a Alemanha seja punida por causa de sua desobediência aos Tratados de Versalhes e Locarno.

No segundo quadro há a imagem de um senhor tocando bombo, com a legenda: “Seu Romano prossegue no toque de bombo atordoando as aurículas dos vizinhos tão crivados de intenções inocentes...” que representa a Itália fazendo barulho e apoiando a Alemanha. E no

<sup>229</sup> Este título parece fazer alusão ao acordo de mesmo nome que aconteceu em 1815 no Congresso de Viena após o fim das guerras napoleônicas. O “Concerto Europeu” foi o estabelecimento da união entre Áustria, Grã Bretanha, Prússia e Rússia com o objetivo de tentar conter os conflitos na Europa.

terceiro quadro há a imagem de um senhor tocando flauta, vestindo roupas quentes e com uma touca. Atrás dele há uma fila de pessoas acorrentadas, umas nas outras, pelo pescoço, com uma placa onde aparece escrito: “Sibéria” e com a legenda: “A Rússia continua na flauta, trauteando a mesma musicata dos séculos seguidos, para embalar os cochilos da Liga das Nações...”. Neste quadro está representada a Rússia que segundo a legenda “continua na flauta”, isto é, continua na tentativa de não assumir definitivamente um dos lados da questão da reocupação da região da Renânia. Além de insistir no seu modo de governar, fazendo com que suas ações não despertem interferência da Liga das Nações.

Quanto ao terceiro jornal analisado nesta dissertação, o *Diário de Notícias*, as características das notícias referentes a Hitler e ao Partido Nazista quanto a reocupação da Renânia também se modifica como aconteceu do primeiro período analisado (eleições presidenciais de 1932) para o segundo período analisado (“Noite das Facas Longas” e a morte do presidente Hindenburg). Se no primeiro período avaliados as opiniões sobre Hitler e o Partido Nazista eram mais uniformes e tendiam para o lado negativo, no segundo período já não era assim que acontecia. As opiniões emitidas eram também uniformes, mas a construção da imagem de Hitler se dá de uma forma mais favorável às atitudes de Hitler e do Partido Nazista, sempre fazendo elogios para as atitudes do chanceler alemão. Neste terceiro período, a característica demonstrada pelo *Diário de Notícias* muda novamente e não apresenta mais a uniformidade que demonstrava nos outros dois períodos e que foi exposto nos capítulos anteriores. Aqui, nesse momento há múltiplos enredos que tentam explicar a atitude de Hitler. Quanto às agências de notícias, nesse período o *Diário de Notícias* utiliza somente a U.P., diferentemente do período anterior analisado que era utilizada também a A.B., além daquela.

As primeiras informações trazidas pelo jornal sobre o acontecimento do dia 07/03/1936 na Renânia demonstra essa mudança. Na edição do dia 08/03/1936 com o título “Hitler despreza o Tratado de Locarno e assume uma atitude ameaçadora” é possível perceber que a opinião do jornal sobre a atitude do chanceler alemão é de desobediência ao tratado e que com isso intimidam os países envolvidos na questão. Além disso, essas notícias tratam da reação desses países que se sentiram ameaçados e, principalmente, da reação francesa, já que a mesma é a principal interessada no caso porque a região reocupada pela Alemanha é sua fronteira também. Nessas notas a agência de notícias U.P. afirma que a França irá pedir a Liga das Nações e aos países que assinaram o Tratado de Versalhes que sejam aplicadas a Alemanha medidas previstas nos pactos que incluem sanções financeiras e econômicas.<sup>230</sup>

---

<sup>230</sup>*Diário de Notícias*, 08/03/1936, 02828, p. 1.

Durante a semana que se seguiu ao acontecimento da reocupação há a impressão de uma expectativa de guerra, como aconteceu no jornal *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, sempre com informações sobre a França não “abrir mão” de recorrer aos meios que constam nos tratados que estão sob responsabilidade da Liga das Nações. Caso a Alemanha insista em desobedecer aos acordos, a França se acha pronta para um conflito porque possui superioridade militar e acredita que países como Bélgica, Grã Bretanha, Áustria e Tchecoslováquia a apoiaria em caso de agressão<sup>231</sup>. Quando noticia sobre a mudança do local de reunião dos signatários do Tratado de Locarno de Paris para Londres, o jornal afirma “A França precipitou o golpe contra Hitler”<sup>232</sup> e que a Inglaterra não conseguia fazer com que a França desistisse de solicitar a Liga das Nações medidas severas contra a Alemanha<sup>233</sup>. Aqui o jornal expõe a crença de que a reocupação da região do Reno pela Alemanha pode trazer graves consequências para a Europa, como um sério conflito bélico, mas que a França poderia também carregar uma parte da culpa, pois não estaria sendo receptiva a negociações e também sendo intransigente.

Na edição do dia 13/03/1936 continuam as informações de que uma guerra pode acontecer a qualquer instante. Com o título “Está ganhando corpo nos círculos governamentais franceses a crença de que a guerra é inevitável”<sup>234</sup>, a nota da U.P. diz que nos círculos políticos franceses cresce a opinião de que seria melhor para a França se ela lutasse logo, ao invés de adiar o conflito e deixar que a Alemanha cresça seu rearmamento. Essa vontade foi iniciada quando o “Partido Nazista insistiu no sentido de ser operado um movimento em massa contra o território da Rhenania [...]”<sup>235</sup>. Além disso, informa que pessoas importantes da política francesa acreditam ser melhor uma guerra preventiva contra a Alemanha.

No entanto, assim como no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, no jornal *Diário de Notícias* não há somente informações que dão a entender que a atitude de Hitler tinha sido ameaçadora e que põe a Europa em risco iminente de guerra, ao contrário, há também as notícias que dão a entender que a atitude do chanceler alemão foi acertada e que ele somente quer negociar a paz<sup>236</sup>. Em um artigo do dia 08/03/1936 assinado por “N. D.”

---

<sup>231</sup> *Diário de Notícias*, 12/03/1936, 02831, p. 2.

<sup>232</sup> *Diário de Notícias*, 12/03/1936, 02831, p. 3.

<sup>233</sup> *Diário de Notícias*, 12/03/1936, 02831, p. 3.

<sup>234</sup> *Diário de Notícias*, 13/03/1936, 02832, p. 1.

<sup>235</sup> *Diário de Notícias*, 13/03/1936, 02832, p. 1.

<sup>236</sup> Outra construção de uma imagem positiva em relação a atitude de Hitler também aparece no jornal *Gazeta de Notícias* do dia 07/03/1936 em uma nota da U.P. cujo título é “As intenções pacifistas da Alemanha” em letras grandes e em letras menores: “E as desconfianças dos franceses” que trata da atitude de Hitler ao reocupar a

intitulado “A grave situação européa” afirma que a atitude do Reich foi nada mais que uma resposta ao pacto que a França assinou com a U.R.S.S.. E essa atitude é também “a continuação da política contra o Tratado de Versalhes, que Hitler iniciou e vae cumprindo vigorosamente.”. Segundo este artigo, a França não consegue mais apoio dos signatários do Tratado de Versalhes contra a Alemanha porque seu governo encontra-se fraco, pois está “em mãos de homens de esquerda”<sup>237</sup>. Diz também que a Polônia deixou de apoiar a França e que a Inglaterra deixava esclarecida sua posição. Por causa disto, o artigo afirma que “Se houvesse boa vontade em tudo isso, a proposta hitleriana de um pacto de não-agressão feito a égide da Liga das Nações, seria uma solução magnífica, que salvaguardaria a paz européa”<sup>238</sup>.

Alguns dias depois da publicação deste artigo, em meio a diferentes informações referentes à reocupação da Renânia, há uma nota da U.P. com o título “A orgulhosa e livre Alemanha de hoje”, frase extraída de um trecho do discurso do ministro da Cultura e da Propaganda da Alemanha, Joseph Goebbels, do que trata a nota, sem aspas e sem identificar no título que é uma fala do ministro. Pode-se perceber, neste momento que o jornal assume para si a crença do ministro nazista. Essa nota da agência de notícias U.P. destaca o trecho em que Goebbels fala sobre a diferença entre a Alemanha antes e depois de Hitler. Antes o país era “fértil terreno para o bolshevismo cultural”<sup>239</sup>.

Na edição do dia 13/03/1936 há uma reportagem da U.P. com a publicação de trechos de um discurso feito por Hitler. Esse é o mesmo discurso analisado nos dois outros jornais. São destacados pelo jornal os trechos em que Hitler fala sobre a economia alemã antes dele, em seguida sobre a grande quantidade de partidos existentes na Alemanha que “Elles não tinham princípios mais respeitáveis”. É destacado também nesta nota da agência de notícias U.P., os cinco princípios pelos quais disse ter jurado lutar, entre eles a igualdade da Alemanha em relação às outras nações, dando destaque também ao seu desejo de paz na Europa e a paz interna. Hitler disse: “Hoje a nação allemã é internamente a mais pacífica do

---

Renânia como um “appelo” para que a França e a Alemanha possam viver amigavelmente. E que “ressentem-se do facto dos francezes não se mostrarem dispostos a acreditar nas pacíficas intenções de seu chefe supremo”. Ver em Gazeta de Notícias, 07/03/1936, 00055, p. 2. Na edição do dia seguinte o jornal mais uma vez opina positivamente sobre a atitude de chanceler alemão e diz que Hitler “deu mais um passo decisivo à frente na árdua tarefa que se propoz realizar de devolver a liberdade ao seu povo. Já agora pôde o Reich olhar de frente as demais potencias do velho mundo e tratar com ellas de igual para igual acerca dos destinos europeus e quiçá do mundo”. Ver Gazeta de Notícias, 08/03/1936, 00056, p. 1.

<sup>237</sup> Na eleição da França em 1936 ganhou uma coalizão denominada Frente Popular que tinha origem no Partido Comunista da França. Essa coalizão tinha por principal objetivo combater o fascismo. Segundo a informação publicada no Diário de Notícias, a França se encontrava em um momento de debilidade porque estavam sendo governados por políticos de esquerda. Ver em STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 221.

<sup>238</sup> *Diário de Notícias*, 08/03/1936, 02828, p. 3.

<sup>239</sup> *Diário de Notícias*, 11/03/1936, 02830, p. 3.

mundo” e que a partir de então teria como objetivo resolver os conflitos internacionais, dizendo:

Há tresannos a Allemanha estava cercada de hostilidades. Os problemas não foram pesados com sobriedade sufficiente. O ódio e as rivalidades prevaleciam em toda parte. Procurei introduzir o bom senso nas relações entre a Allemanha e as outras nações. Procurei confiar na logica, procurei convencer às nações de que a Europa é uma área pequena, de que foram tantas e taes as modificações havidas neste continente através dos séculos, que todas as nações da Europa têm os seus próprios motivos de orgulho suas próprias tradições. Procurei convencer de que o ódio entre os povos não produz nada.<sup>240</sup>

Hitler diz ainda que as hostilidades com a Polônia foi vencida, sendo ambas beneficiadas, prejudicando somente o comunismo. E que procura fazer o mesmo com a França.

Outra notícia divulgada pelo *Diário de Notícias* que demonstra simpatia em relação a atitude de Hitler quanto aos acontecimentos na Renânia é quando o jornal publica informações de que toda a Renânia recebeu com agradecimento as tropas alemãs por terem reocupado a região. Em uma nota da U.P. há a informação de que os contingentes “foram saudadas pelo prefeito local e também pelo Sr. Brueckel, chefe nacional-socialista do districto do Saar”. A população local também havia aprovado a atitude de Hitler “Os despachos chegados de todas as cidades do Rheno registram o contentamento e o entusiasmo da população ante o facto da reocupação militar da região”<sup>241</sup>. O mesmo aparece na edição seguinte, em uma nota da U.P. sob o título de “a população rhenave rejubila-se com a reocupação” resume do que trata a pequena nota<sup>242</sup>. Essa informação sobre a acolhida da população renana também aparece nos outros dois jornais como foi exposto no decorrer deste capítulo.

Sendo assim, como foi possível perceber, a primeira conclusão a que podemos chegar, neste capítulo, é que nesse momento da trajetória política de Hitler e do Partido Nazista, os três jornais analisados nos apresentam histórias diferentes que explicam a reocupação da Renânia.

Por um lado, a ação do governo alemão é explicada no evento da reocupação da Renânia, como Hitler sendo, provavelmente, o provocador de outra guerra de grandes proporções na Europa, como foi a primeira, e que ele não respeita acordos firmados internacionalmente. Para confirmarem essas opiniões, os jornais utilizam discursos e

---

<sup>240</sup> *Diário de Notícias*, 13/03/1936, 02832, p. 3.

<sup>241</sup> *Diário de Notícias*, 08/03/1936, 02828, p. 5.

<sup>242</sup> *Diário de Notícias*, 10/03/1936, 02829, p. 3.

entrevistas com líderes políticos de diferentes países, principalmente dos que se sentiram prejudicados e, em alguns casos, como o *Jornal do Brasil*, continuam utilizando opiniões de jornais internacionais para confirmarem suas visões.

Por outro lado, com enredos simpáticos relacionados à atitude de Hitler, há a ideia de que Hitler não queria nada além de garantir a soberania do país ao retomar os territórios alemães perdidos ao final da I Guerra. Além disso, era dito também que essa atitude de Hitler demonstrava que desejava negociar a paz e que ele iria facilitar as negociações. Nesse momento, os jornais também se utilizam de discursos e entrevistas de políticos, principalmente os alemães que faziam parte do governo nazista. O *Jornal do Brasil*, inclusive, utiliza informações da própria imprensa alemã. Além disso, é expresso nos jornais que a população renana comemorou a ocupação alemã. É possível notar que apesar de contraditórias, estas formas de tratar a reocupação da Renânia aparecem, simultaneamente, em todos os jornais analisados.

## CONCLUSÃO

Este trabalho estudou alguns órgãos selecionados da imprensa da Capital Federal e buscou investigar como, ao longo dos anos 30, Hitler e o Nazismo foram apresentados para o público leitor brasileiro, com o objetivo de verificar a validade da tese de que a imprensa brasileira teria sido, de uma forma geral, simpática ao nazismo neste período.

Dado o exposto, após a análise comparativa feita entre os jornais, fazendo uma avaliação sobre a construção da imagem de Hitler e do Partido Nazista nos jornais nos três períodos analisados: 1932 (eleição presidencial alemã), 1934 (“Noite das Facas Longas” e morte do presidente Hindenburg) e 1936 (reocupação da Renânia) sobre a imagem de ambos foi possível verificar que ela não se apresenta de maneira uníssona e uniforme, se modificando conforme se desenrolam os acontecimentos políticos. No primeiro momento analisado, as imagens divulgadas de Hitler e da NSDAP nos jornais não eram favoráveis ao nazista, sendo uniformes e bastante parecidas entre si, utilizando-se termos parecidos e todos com uma mesma preocupação: a ameaça à democracia. No entanto, a partir do segundo momento e também no terceiro, a imagem construída do Partido Nazista e do já chanceler alemão Adolf Hitler é apresentada tanto de forma favorável, quanto de forma desfavorável, plural e variada, inclusive, essas diferenças aparecem não somente entre os diferentes jornais, mas de dentro de um mesmo periódico.

No primeiro capítulo desta dissertação onde é avaliado o período da eleição presidencial em 1932, os jornais publicavam informações de agências de notícias em comum entre eles, embora não utilizassem as mesmas agências. Ou seja, um determinado impresso utilizava duas ou três agências de notícias, enquanto o outro utilizava uma dessas e mais uma ou duas outras agências. Além das agências era comum também, em todos os jornais, a opinião de impressos internacionais. Essas características foram comuns nos três períodos avaliados.

Quanto à imagem, Hitler era visto como um homem que dificilmente conseguiria obter sucesso na carreira política porque não tinha experiência, como um homem que colocaria a Europa e o mundo em perigo e que tinha anseio por aventuras. Hitler também era visto como um político antidemocrático, reacionário e que governaria a Alemanha com base no ódio. Adjetivos como “racista” (que aparece com menor ou maior frequência dependendo do jornal), “demagogo”, “agitador” e que era desconhecido até pouco tempo antes, eram

frequentemente utilizados para qualificar de forma pejorativa o nazista nos periódicos. Era frequentemente comparado com outras figuras importantes do cenário político como Hindenburg e Mussolini, sendo sempre colocado em posição inferior. Quando comparado a Hindenburg era sempre colocado no lado que representava a instabilidade, de quem não iria cumprir as obrigações definidas nos tratados pós-guerra e que não respeitaria a Constituição de Weimar. Imagem oposta da posição que ocupava o então presidente Hindenburg. O mesmo acontece no que diz respeito ao Partido Nazista. Este é descrito pelos jornais como um partido de ideias extremistas e que seus partidários agiam de forma violenta. Um exemplo disso é quando os jornais afirmam que Hitler e seu partido tomariam a força o governo na Alemanha caso ele não ganhasse as eleições presidenciais de 1932 e que isso seria feito através de uma guerra civil.

Ao final do 1º turno das eleições presidenciais é possível observar nos jornais um sentimento ambíguo em relação ao resultado. Se, por um lado, havia um sentimento de alívio por Hindenburg ter recebido o maior número de votos, por outro lado o sentimento é de preocupação com o aumento do número de votos que o nazista recebeu. Juntamente com essa preocupação veio a necessidade de justificar essa melhora do desempenho em torno dos nazistas. Uma das justificativas se refere aos jovens alemães que estariam sendo “contaminados” pelas ideias de Hitler. Outra justificativa seria a grave crise econômica pela qual a Alemanha atravessava por causa das exigências do Tratado de Versalhes.

No segundo capítulo, com a análise do período em que Hitler consolida seu poder foi possível perceber que a imagem divulgada do nazista e do seu partido passa a ser heterogênea. Por meio do estudo dos casos da chamada “Noite das Facas Longas”, o episódio que teve lugar em 30/06/1934 no qual Hitler manda eliminar opositores reais ou potenciais, especialmente dentro das tropas de assalto nazistas, as S.A., e da morte do Presidente Paul von Hindenburg, quando Hitler reúne e toma para si todas as funções de primeiro-ministro e de presidente, foi possível observar que o líder nazista passou a não ser mais descrito somente de forma negativa ou criticado por suas atitudes ou por suas ideias. Nestes momentos foi possível observar, nos periódicos, pontos de vista que justificavam as atitudes de Hitler e ofereciam impressões favoráveis ao ditador alemão. No primeiro dos casos, por ter sido um evento que gozou desde o primeiro momento de uma cobertura intensa da imprensa e pelo fato de que não se sabia exatamente o que estava se passando na Alemanha, as notícias eram publicadas acompanhando o ritmo do serviço telegráfico, com versões diferentes e, às vezes, até contraditórias sendo sucedidas umas às outras de maneira desencontrada. Além disso, a

cobertura dada a esse evento pelos impressos teve uma peculiaridade em relação aos outros eventos analisados nesta dissertação: o uso do Departamento de Imprensa Alemão como fonte para as informações divulgadas, reproduzindo aqui as impressões e os pontos de vista propostos pela imprensa nazista, mesmo que tendo sido trazidas pela agência de notícias Havas. Ainda que seja difícil ter segurança, não se pode descartar a hipótese de isto ter sido feito pelo controle exercido pelo governo alemão sobre as informações que poderiam sair do país. A história contada pela imprensa nazista que chegava aqui tratava de que alguns elementos teriam querido provocar um atrito entre as tropas de assalto e o governo e que Röhm, líder da S. A., nada tinha feito para impedir. Por isso, Hitler havia sido obrigado a agir e efetuar algumas prisões.

Nesse momento foi possível perceber que os diferentes jornais, apesar de utilizarem a mesma fonte, neste caso, a agência de notícias Havas que reproduziu informações do Departamento da Imprensa Nazista, publicavam notícias de acordo com as escolhas dos jornalistas e da importância que cada um dava ao caso. Um exemplo para isso foi a explicação para a atitude de Hitler. Enquanto que no *Correio da Manhã* a explicação foi a de que Röhm era “anormal” porque tinha relacionamentos com outros homens e que tal comportamento estava passando dos limites, no *Jornal do Brasil* o fato de Röhm ser homossexual nem foi mencionado. Apesar de utilizarem a mesma agência de notícias, a *Havas*, e em algumas notas serem publicado o mesmo texto, as histórias contadas para explicar a decisão de Hitler foram diferentes para o *Jornal do Brasil*, pois, tratou-se de um desentendimento entre alguns líderes do alto escalão do governo alemão.

Com o passar dos dias, as informações que eram divulgadas nos jornais pareciam mais consolidadas e as opiniões construídas nos impressos voltaram a ser diversificadas em relação às atitudes de Hitler. A imagem não favorável ao chanceler e a NSDAP construída era que a atitude de Hitler poderia provocar outra guerra. Sua atitude era adjetivada como “violenta” e de extrema “brutalidade” e que Hitler provocou seu próprio fim. Essas opiniões apareceram no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, embora nesses jornais também apareçam opiniões favoráveis, principalmente nas que tinham o Departamento da Imprensa Nazista como fonte. Em relação às opiniões positivas era afirmado que Hitler havia tido uma atitude firme, enérgica e rápida para reprimir elementos que poriam o governo em perigo. Quanto ao jornal *Diário de Notícias* que utilizava as mesmas agências de notícias do *Jornal do Brasil*, aqui não se observa o mesmo destaque dado às informações que o *Jornal do Brasil* publicava. Ao contrário, o *Diário de Notícias* constrói uma imagem mais favorável às atitudes

de Hitler e do seu partido com informações mais uniformes e sem se diferenciarem muito entre si. Geralmente, os elogios referentes à Hitler foram o de ter conseguido agir rapidamente contra um levante que pretendia implantar uma ditadura socialista na Alemanha.

O mesmo acontece quando Hindenburg morre. Parte dos textos afirmava que Hitler não tinha preparo para ocupar um cargo de tamanha importância e que sua decisão de governar sozinho a Alemanha contradizia a Constituição. Enquanto que em outras notícias ele era apresentado como um homem franco e que nunca escondera suas verdadeiras intenções e que a morte do presidente iria facilitar as melhorias que Hitler queria implantar no país e que de alguma forma Hindenburg atrapalhava.

No terceiro capítulo com a análise do período em que Hitler demonstra suas intenções expansionistas com a remilitarização da Renânia em 1936, a diversidade de pontos de vista sobre Hitler e o Nazismo continuou a ser observado nos jornais e até em um mesmo jornal. Por um lado, a decisão de Hitler de reocupar a Renânia foi apresentada como um descumprimento por parte dos tratados de Versalhes e de Locarno e que isso colocaria toda a Europa em risco iminente de guerra. As informações sobre esse evento foram sendo construídas em grande medida com base em publicações de discursos de figuras importantes dos governos tanto da Alemanha quanto dos países que eram afetados diretamente com a decisão de Hitler, principalmente a França. As opiniões favoráveis à atitude de Hitler eram sempre emitidas pelas figuras do governo alemão, através de entrevistas ou discursos feitos a população alemã. Eles diziam que Hitler com essa atitude fazia com que fosse restabelecida a autonomia e soberania da Alemanha, garantindo a igualdade de direitos entre as nações.

Em relação ao *Diário de Notícias*, há outra modificação nas características de suas publicações sobre Hitler e a NSDAP. Se no primeiro período analisado, as imagens construídas de Hitler eram negativas e uniformes e no segundo período foi construída uma imagem positiva, mas também uniforme, no terceiro período passou a ser ambígua e heterogênea. A história contada explica a atitude de Hitler ora como ameaçadora, desobediente e provocativa no sentido de gerar uma nova guerra, ora como de defesa do seu país em relação ao pacto que a França havia assinado com a URSS e que sua atitude foi acertada porque teria a intenção de negociar a paz.

Sendo assim, poderemos chegar a três constatações. A primeira delas é que a forma como os jornais se referem à Hitler e ao seu partido se modificou conforme foram se alterando as conjunturas políticas. Essa modificação pode ser percebida, principalmente, quando se avalia as notícias e reportagens que aparecem nos jornais no período das eleições

presidenciais em 1932 e na semana seguinte que aconteceu a “Noite das Facas Longas” em junho de 1934. As informações colocadas nos jornais, embora tenham continuado, em sua maioria, sendo escritas pelas mesmas agências de notícias do primeiro período, são utilizadas também informações divulgadas pelo Departamento de Imprensa Nazista, através da agência de notícias Havas que baseava suas informações nas que eram divulgadas pela imprensa nazista. Nessas publicações, as formas de se referir ao chanceler alemão parecem ter sido suavizadas. Isso também não significa que os editores desses jornais compartilhem dessa mesma ideia. Embora, pareça não ter havido outra maneira de obter informações sobre o que estava acontecendo na Alemanha, a não ser pela própria imprensa alemã, a aceitação ao uso dessa imprensa pode ter sido também porque naquele momento, os nazistas ocupavam outro patamar na hierarquia política. Eles passaram a ser vistos de outra forma, até mesmo na diplomacia internacional, por ocuparem o cargo de maior importância política na Alemanha. Hitler e os nazistas foram normalizados.

Em segundo lugar está o uso das agências de notícias por todos os jornais utilizados nessa pesquisa não afetarem a visão de mundo que seus redatores possuíam. O fato dos jornais, em alguma medida, utilizarem as mesmas agências de notícias, não quer dizer que as informações e opiniões publicadas fossem exatamente as mesmas, ainda que utilizassem os mesmos textos, aliás, isso era muito comum, principalmente quando eram textos da agência de notícia U. P. Ao contrário, embora utilizassem as mesmas agências, as opiniões sobre um mesmo fato e pontos de vistas sobre ele eram diferentes.

A partir disso, podemos alcançar a terceira constatação. Poderemos concluir também que as posições políticas dos editores dos jornais aparecem nas notícias, reportagens e artigos publicados, mesmo quando em um mesmo impresso apareçam, simultaneamente, mais de um tipo de construção da imagem de Hitler porque há várias publicações com informações baseadas em diferentes fontes, nem sempre escritas pelos redatores do jornal. Considerando essas questões, a posição dos jornais *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil* a favor da democracia e contra qualquer tipo de governo autoritário que é promovido pelos regimes fascistas ou marxistas, se expressa em artigos assinados pelos colaboradores dos jornais.

Quanto à afirmação de Maria Luiza Tucci Carneiro, de que a imprensa brasileira, de uma maneira geral, aceitava e divulgava a ideologia nazista, não foi confirmada no decorrer deste trabalho. Assim, não seria possível falar de uma imprensa, seja no singular ou em bloco, como tendo uma posição definida ou generalizada sobre Hitler ou sobre o Partido Nazista. Ao contrário, essa imagem era múltipla e diversificada, inclusive em um mesmo periódico, e

variava dependendo do período e das ações políticas do personagem investigado e também dependiam de outros e diferentes fatores, tanto internos quanto externos as aspirações dos editores desses jornais.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Angela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do Nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BARBOSA, Marinalva. **História Cultural da Imprensa**. Brasil – 1900 – 2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS, Cindhi Vieira Belafonte e SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto. **Do impresso ao digital: a história do Jornal do Brasil**. 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

BRASIL, Bruno. **Diário de Notícias (Rio de Janeiro, 1930)**. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-noticias-rio-de-janeiro-1930/> Acesso em janeiro de 2018.

BRASIL, BRUNO. **Jornal do Brasil**. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil> Acesso em 22/01/2017.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Brasil diante dos nazistas**. In: Revista de História, 2012. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/o-brasil-diante-dos-nazistas> Acesso em agosto de 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL. Difusão Editorial, LTDA, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge (ORG.). **O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. v. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DRAND, Alexander J. de. **Itália Fascista e Alemanha Nazista. O estilo “Fascista” de governar**. São Paulo: Madras, 2005.

EVANS, RICHARD J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Diário de Notícias (Rio de Janeiro)**. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro> Acesso em janeiro de 2018.

FEST, Joachim. **Hitler**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GARZONI, Leric de Castro. **Disputas políticas e disputas por leitores: a criação do Correio da Manhã (1898-1901)**. In: Topoi, v. 12.

KERSHAW, Ian. **Hitler. Um perfil no poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KITCHEN, Martin. **O Terceiro Reich. Carisma e comunidade**. São Paulo: Madras, 2009.

KUBASKI, Aline. **Gaspar Silveira Martins**. Disponível em [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_b\\_gaspar\\_silveira\\_martins.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_gaspar_silveira_martins.htm) Acesso em março de 2019.

LEAL, Carlos Eduardo. **Correio da Manhã**. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Acesso em dezembro de 2013.

LENHARO, Alcir. Nazismo. **O triunfo da vontade**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MALIN, Mauro. **Verbetes CPDOC José Augusto**. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-augusto-bezerra-de-medeiros> Acesso em outubro de 2018.

MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTAVÃO, Sérgio. **Jornal do Brasil**. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/JORNAL%20DO%20BRASIL.pdf> Acesso em 15/01/2017.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. **República de Weimar, suas crises e o Nazismo como alternativa**. In: Revista Maracanã, Rio de Janeiro, n. 18, p. 111-133, jan./jun. 2018. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanã/article/view/31432/23101> Acesso em fevereiro de 2018.

RIBEIRO JR., João. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Correio da Manhã: Compromisso com a verdade**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2001, (Cadernos da Comunicação. Série Memória, v. 1). Disponível em [http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos\\_comunicacao/memoria/memorial.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/cadernos_comunicacao/memoria/memorial.pdf) Acesso em dezembro de 2013.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Diário de Notícias: a luta por um país soberano**. Cadernos da Comunicação. Série Memória. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: A Secretaria, 2006, pág. 15. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101423/memoria15.pdf> Acesso em janeiro de 2018.

ROBERT B. ASPREY. **THE GERMAN HIGH COMMAND AT WAR: Hindenburg and Ludendorff Conduct World War I**. New York: WILLIAM MORROW AND COMPANY, INC., 1991

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

**Verbetes CPDOC Pedro da Costa Rego** <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rego-pedro-da-costa> Acesso em outubro de 2018.

## FONTE CONSULTADA

- Edições do jornal *Correio da Manhã* entre os dias 06/03/1932 à 20/03/1932; 30/06/1934 à 07/07/1934; 02/08/1934 à 08/08/1934 e 07/03/1936 à 13/03/1936.
- Edições do *Jornal do Brasil* entre os dias 06/03/1932 à 20/03/1932 30/06/1934 à 07/07/1934; 02/08/1934 à 08/08/1934 e 07/03/1936 à 13/03/1936.
- Edições do jornal *Diário de Notícias* entre os dias 06/03/1932 à 20/03/1932 30/06/1934 à 07/07/1934; 02/08/1934 à 08/08/1934 e 07/03/1936 à 13/03/1936.
- Edições do *Jornal do Commercio* entre os dias 06/03/1932 à 20/03/1932 30/06/1934 à 07/07/1934; 02/08/1934 à 08/08/1934 e 07/03/1936 à 13/03/1936.
- Edições do jornal *A Noite* entre os dias 06/03/1932 à 20/03/1932 30/06/1934 à 07/07/1934; 02/08/1934 à 08/08/1934 e 07/03/1936 à 13/03/1936.
- Edições do jornal *Gazeta de Notícias* entre os dias 06/03/1932 à 20/03/1932 30/06/1934 à 07/07/1934; 02/08/1934 à 08/08/1934 e 07/03/1936 à 13/03/1936.

Anexo I

# Correio da Manhã

Fundador — EDMUNDO BITTENCOURT

ANO XXXI — N. 1000  
RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 12 DE ABRIL DE 1932

SERVIÇO TELEGRAPHICO DA U. T. B. EM COMBINAÇÃO COM A "ASSOCIATED PRESS" E O "CORREIO DA MANHÃ"

---

## A ITALIA PROPÕE A GENEBRA O CANCELAMENTO DAS REPARAÇÕES E DAS DIVIDAS DE GUERRA E UM NOVO PLANO DE DESARMAMENTO

### ENTRANDO EM VIOLENTÍSSIMA ERUPÇÃO, O VULCÃO DESCABEZADO POZ EM PERIGO VARIAS ALDEIAS CHILENAS E ARGENTINAS E DEITOU CINZAS SOBRE A PATAGONIA, BUENOS AIRES E MONTEVIDÉO!

---

## NO SEGUNDO ESCRUTINIO DAS ELEIÇÕES ALLEMÃS, FOI ASSEGURADA A REELEIÇÃO DO PRESIDENTE HINDENBURG

---

### AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS ALLEMÃS

Como foi dividida a votação no segundo escrutínio

APESAR DOS RESULTADOS AINDA INCOMPLETOS, ESTÁ ASSEGURADA A VICTORIA DO PRESIDENTE HINDENBURG



Hindenburg e seus netinhos ao chegar ao palácio presidencial, em Berlim.

### A formidável erupção do Descabezado

SUAS CINZAS ATINGIRAM A PATAGONIA, BUENOS AIRES E MONTEVIDÉO

Vulcão de 17 mil metros de altura, situado na cordilheira dos Andes, no Chile, entrou em violenta erupção nesta tarde de terça-feira. A explosão foi acompanhada por fortes tremores e a queda de cinzas sobre as regiões vizinhas. O vulcão, conhecido como Descabezado, está situado na fronteira entre o Chile e a Argentina. A erupção causou danos materiais e humanos em várias localidades da Patagonia, Buenos Aires e Montevideo.

### O QUE HOUVE HONTEM NA POLITICA

Como foi recebido em Porto Alegre o ministro da Fazenda

A INDICAÇÃO DO INTERVENTOR EM PERNAMBUCO PARA MINISTRO DA AGRICULTURA



Recepção de portões de o Estado Rio de Janeiro, em 1932.

### A utopia do desarmamento

Foi examinada a possibilidade de um projeto de paz feito sobre a base da redução das armas de guerra

Um projeto de paz, baseado na redução das armas de guerra, foi examinado pela Comissão de Desarmamento da Liga das Nações. O projeto prevê a eliminação das armas químicas e biológicas, e a redução das armas convencionais. A ideia é considerada utópica por muitos especialistas, devido à falta de vontade política dos países envolvidos.

**A Administração do "Correio da Manhã", tendo em vista as dificuldades financeiro-economicas que opprimem as classes menos favorecidas da fortuna, em attenção ainda ás solicitações de grande numero dos seus annunciantes, resolveu, a partir desta data, reduzir, para Rs. 400 por linha, os pequenos annuncios das secções**

**Alugue-se  
Vende-se  
Compre-se, etc.**

## Anexo II



Figura 1: Jornal do Commercio, 01/07/1934, 00232, p.1.



Figura 2: Diário de Notícias, 01/07/1934, B02311, p. 1.

# NOVAMENTE OS HORRORES DA GUERRA AMEAÇAM CONFLAGRAR A EUROPA

## A BELGICA E A FRANÇA ADOPTAM MEDIDAS DE PRECAUÇÃO

**METZ, 7 (UTB) —** Em todas as guarnições militares da Lorena, como em toda a fronteira oriental da França, foram canceladas as licenças e dispensas de serviço. Varios destacamentos têm sido enviados para reforço das guarnições das fortalezas da fronteira, enquanto outros de patrulhas moveis estão reforçando a guarnição policial da mesma fronteira.

**BRUXELLAS, 7 (UTB) —** O governo belga resolveu cancelar todos os licenciamentos nas tropas das diversas guarnições da fronteira oriental.



Os três líderes que promovem a Europa — Roosevelt, Hitler e Stalin.

### Rompidos, pela Alemanha, os tratados de Versailles e de Locarno

Paris, 7 (UTB) — Foi no ano de 1919, com o "Tratado" de Versalhes, que a Alemanha foi derrotada e a França venceu. Desde então, os dois países mantiveram-se em paz, graças ao Tratado de Locarno, que garantia a segurança da fronteira ocidental da França.

Mas agora, com a Alemanha, os tratados de Versailles e de Locarno foram rompidos. O governo alemão declarou que não reconhece mais os limites territoriais estabelecidos nesses tratados.

Esta declaração é considerada uma afronta direta à França e à Inglaterra, que foram as principais vencedoras da Primeira Guerra Mundial.



Adolf Hitler.

### A. LEITÃO DE CARVALHO

Os alemães romperam os tratados de Versailles e de Locarno. Esta é uma atitude que não pode ser tolerada. A França e a Inglaterra devem tomar medidas firmes para garantir a segurança da Europa.

A Alemanha não pode continuar a agir assim. Ela deve voltar a reconhecer os limites territoriais estabelecidos nos tratados de 1919.

Do contrário, a Europa inteira corre o risco de voltar a ser palco de conflitos armados.

### Confirma-se, oficialmente, a entrada de tropas alemãs na zona desmilitarizada renana

Paris, 7 (UTB) — O governo francês confirmou oficialmente a entrada de tropas alemãs na zona desmilitarizada renana. Esta é uma violação clara dos termos do Tratado de Versalhes.

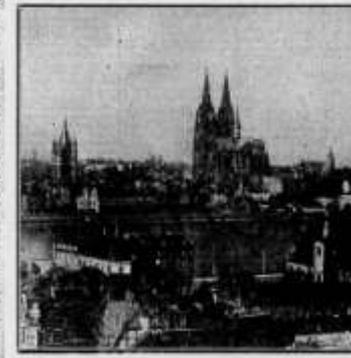
O ministro das Relações Exteriores francês declarou que a França não aceitará esta atitude. Ele pediu que a Alemanha explique imediatamente a razão desta decisão.

A França está pronta para tomar as medidas necessárias para garantir a sua segurança e a da Europa.

Esta é a terceira declaração de guerra que a Alemanha fez desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Ela não quer a paz, ela quer a guerra.

Os alemães estão determinados a romper os limites territoriais estabelecidos nos tratados de 1919. Eles não se importam com as consequências.

### Os alemães e os Verdes



Uma vista de Colônia.

### ALVARO DE ALBUQUERQUE

Os alemães romperam os tratados de Versailles e de Locarno. Esta é uma atitude que não pode ser tolerada. A França e a Inglaterra devem tomar medidas firmes para garantir a segurança da Europa.

A Alemanha não pode continuar a agir assim. Ela deve voltar a reconhecer os limites territoriais estabelecidos nos tratados de 1919.

Do contrário, a Europa inteira corre o risco de voltar a ser palco de conflitos armados.

### VINHOS-UNICO

Este vinho é único. Ele é produzido em uma das melhores regiões vinícolas do mundo. Seu sabor é incomparável e seu aroma é maravilhoso.

Para comprar este vinho, procure o rótulo Vinhos-Unico. Ele está disponível em todas as lojas de bebidas.



VERMES PANEMIAS  
SERRAVALLE

Este medicamento é muito eficaz para tratar a anemia. Ele contém os elementos necessários para a produção de glóbulos vermelhos.

Para obter mais informações, consulte seu médico ou farmacêutico.